



ACADEMIA MILITAR

Importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas Relações Transatlânticas Portugal - Estados Unidos da América. Subsídios para a sua compreensão

Aspirante a Oficial Aluno de Infantaria Rui Manuel Lourenço Gomes

Orientador: Professor Mestre Eurico Manuel Curates Rodrigues

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho de 2014



ACADEMIA MILITAR

Importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas Relações Transatlânticas Portugal - Estados Unidos da América. Subsídios para a sua compreensão

Aspirante a Oficial Aluno de Infantaria Rui Manuel Lourenço Gomes

Orientador: Professor Mestre Eurico Manuel Curates Rodrigues

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, julho de 2014

“... é mais seguro ser temido do que amado.”

“Não há nada mais certo que os nossos próprios erros.
Vale mais fazer e arrepender,
que não fazer e arrepender”

Nicolau Maquiavel (1527)

Dedicatória

À Fátima e à Margarida,
é por elas que tudo vale a pena.

Agradecimentos

O presente Trabalho de Investigação Aplicada foi fruto da colaboração de algumas individualidades e entidades, quer por toda a informação e conhecimento disponibilizados, quer por toda a sua envolvimento no trabalho, com a sempre enriquecedora viabilização de recursos humanos e materiais sem as quais não teria sido possível a realização do mesmo.

Deste modo, o meu primeiro agradecimento vai para Academia Militar. Por toda a formação e valores inculcados ao longo de cinco anos, que foram determinantes para a concretização do presente trabalho.

Ao Professor Doutor António José Telo pelo inestimável contributo científico que generosamente deu à realização do presente trabalho.

Ao Regimento de Guarnição Nº1 em Angra do Heroísmo, na pessoa do seu Comandante Coronel Carlos Filipe pela disponibilização dos recursos, para que a realização das entrevistas, dirigidas às individualidades nos Açores, tivesse sido possível.

À Base Aérea Nº4 nas Lajes, na pessoa do Comandante da Zona Aérea dos Açores Major General Luis Ruivo, pela entrevista concedida. Assim como, os estimulantes diálogos mantidos com outros militares, portugueses e norte-americanos.

Como não poderia deixar de ser, expresso, também, a minha gratidão às seguintes individualidades entrevistadas, por toda a experiência e conhecimento que concorreram para o enriquecimento deste trabalho: ao General Loureiro dos Santos, ao Embaixador Pedro Catarino, ao Professor Doutor Nuno Severiano Teixeira e ao Jornalista Armando Mendes.

Ao meu orientador, por toda a disponibilidade que permanentemente ofereceu e pelo esclarecimento de dúvidas que conduziram à realização do presente trabalho.

Ao Tenente-Coronel Joaquim Silva, na qualidade de Diretor de Curso de Infantaria, pela sua constante preocupação e prontidão na resolução de problemas do trabalho.

À Fátima Silva por toda a paciência e colaboração.

Por último, e não menos importante, à minha família e amigos pelo estímulo e motivação, que foram decisivos nos momentos mais críticos nesta etapa de cinco anos.

Resumo

Na sua essência, as relações transatlânticas Portugal - EUA têm presente um acordo com base num ponto estratégico, fundamental, a Base das Lajes. É neste contexto que se insere o presente Trabalho de Investigação Aplicada, subordinado ao tema: “*A Importância Geopolítica e Geoestratégica da Base das Lajes nas Relações Transatlânticas Portugal – Estados Unidos da América. Subsídios para a sua Compreensão*”.

É uma visão na terceira pessoa que investigou a relevância da Base das Lajes na relação entre Portugal e os EUA, assim como o possível significado no Sistema Internacional e que tem como objetivo identificar a importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes no período pós Guerra-Fria, assim como os seus benefícios que daí advêm para Portugal.

A pergunta intrínseca à problemática estudada é: Qual a importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas relações Portugal- EUA no período pós Guerra-Fria?

Para responder às perguntas identificadas, o trabalho recorreu a uma abordagem metodológica de natureza dedutiva. Utilizou como técnicas de recolhas de dados, documentos preexistentes e entrevistas semidiretivas, e utilizou técnicas de análise de dados de natureza qualitativa e quantitativa.

Concluiu-se que a Base das Lajes nas relações Portugal - EUA tem assumido um papel bastante positivo, essencialmente na projeção de força norte-americana, na assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995 e na Cimeira das Lajes de 2003. Tal como, foram positivos os benefícios para o Estado português resultantes da mesma relação, sobretudo os de natureza militar, económica e diplomática.

Apurou-se ainda que, ao longo do período estudado, o nível de utilização da Base das Lajes pelos EUA tem sofrido oscilações consideráveis. Contudo, o valor da sua posição geográfica é permanente podendo oscilar a sua relevância de acordo com o nível de conflitos, da zona desses conflitos, com os meios usados, com a evolução tecnológica e ainda com o interesse de outras potências no Atlântico.

Palavras-chave: Portugal, EUA, Relações Internacionais, Base das Lajes e Geografia.

Abstract

Transatlantic relations between Portugal and the United States of America have, in its origin, an agreement based on a strategic point, the current nº 4 Air Base Portuguese Air Force, commonly known as Lajes Field. This is the context of the present Applied Research Study, entitled: Geopolitics and Geostrategic Importance of Lajes Field in Portugal-United States Transatlantic Relations. Subsidies for its Understanding.

It is the perspective of a third person who investigated the relevance of Lajes Field in the relation between Portugal and the United States as well as its meaning in the International System. This study aims to identify the Geopolitical and Geostrategic importance of Lajes Field in the relation of both countries concerning post-Cold War and its benefits for Portugal.

The main and relevant question is: “What is the geopolitical and geostrategic importance of Lajes Field in the relation Portugal - USA in the post-Cold War period?”

To answer the identified questions, the study used a methodological approach of deductive nature based. For data collection semi directed interviews and documents were used as well as qualitative and quantitative analysis techniques.

In conclusion, the relation between Portugal and the USA as far as the Lajes Field is concerning is a very positive one. Specially, in projecting the American power when the Cooperation and Defense Agreement of 1995 and Lajes Summit of 2003 were signed, and for the Portuguese Government it was mostly positive for military, economic and diplomatic reasons.

Over the studied period it could also be concluded that the use of Lajes Field by the USA has undergone considerable fluctuations. However, the importance of its geographical position remains, although it may vary according to the level and zone of conflict, the means used in conflict, technological evolution and finally with the interest of other powers in the Atlantic.

Keywords: Portugal, USA, International Relations, Lajes Field and Geography.

Índice geral

Epígrafe	ii
Dedicatória.....	iii
Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract.....	vi
Índice geral	vii
Índice de figuras	x
Índice de tabelas	xii
Lista de apêndices e anexos.....	xiii
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos	xiv
Capítulo 1 - Introdução.....	1
1.1. Generalidades.....	1
1.2. Enquadramento da investigação	2
1.3. Importância da investigação e justificação da escolha do tema.....	3
1.4. Pergunta de partida e perguntas derivadas.....	4
1.5. Objetivos do estudo	4
1.6. Hipóteses.....	5
1.7. Metodologia e modelo de investigação	6
1.8. Mapa conceptual e variáveis	7
1.9. Estrutura do trabalho e síntese dos capítulos	8
Capítulo 2 - Revisão da literatura	9
2.1. Conceitos de estratégia, geopolítica e geoestratégia.....	9

2.1.1. Estratégia.....	10
2.1.2. Geopolítica	11
2.1.3. Geoestratégia.....	12
2.1.4. Síntese da distinção de estratégia, geopolítica e geoestratégica.....	12
2.1.5. Fatores geopolíticos e geoestratégicos	13
2.2. Base das Lajes.....	14
2.2.1. Enquadramento histórico.....	14
2.2.2. Enquadramento geopolítico	15
2.2.3. Organização e competências	16
2.2.3.1. Base Aérea N°4.....	16
2.2.3.2. <i>65th Air Base Wing</i>	17
2.3. Estratégia militar norte-americana no pós Guerra-fria	18
2.3.1. <i>Base Force</i>	18
2.3.2. <i>Bottom-Up Review</i>	20
2.3.3. <i>Quadrennial Defense Review</i>	20
Capítulo 3 - Metodologia e procedimentos.....	21
3.1. Generalidades.....	21
3.2. Método de abordagem ao problema e justificação	22
3.3. Técnicas, procedimentos e meios utilizados.....	23
3.4. Local e data da pesquisa e recolha de dados.....	24
3.5. Amostragem: composição e justificação	24
3.6. Descrição dos procedimentos de análise e recolha de dados.....	26
3.7. Descrição dos materiais e instrumentos utilizados	27
Capítulo 4 - Apresentação, análise e discussão dos resultados.....	28
4.1. Contributos da Base das Lajes	28
4.1.1. Utilização da Base das Lajes	28

4.1.2. Acordo de Cooperação e Defesa de 1995	31
4.1.3. Cimeira das Lajes 2003	33
4.1.4. Discussão dos resultados	34
4.2. Benefícios para Portugal, resultantes da Base das Lajes	36
4.2.1. A Defesa Nacional	36
4.2.2. Economia açoriana	38
4.2.3. Visibilidade no Sistema Internacional.....	39
4.2.4. Discussão de resultados.....	40
4.3. A Base das Lajes na nova tipologia de conflitualidade	41
4.3.1. Importância pós Guerra-fria	41
4.3.2. Caracterização da Base das Lajes.....	43
4.3.3. Importância da Base das Lajes no futuro	45
4.3.4. Discussão de resultados.....	47
Capítulo 5 - Conclusões e recomendações	49
5.1. Verificação das hipóteses e perguntas derivadas	49
5.2. Verificação da pergunta de partida	52
5.3. Conclusões finais	53
5.4. Limitações da investigação	53
5.5. Propostas de investigações futuras	54
Referências Bibliográficas.....	55
Apêndices	Ap-1
Anexos.....	Ax-1

Índice de figuras

Figura nº 1 - Frequência de respostas à Q1	31
Figura nº 2 - Frequência de respostas à Q3	34
Figura nº 3 - Percentagem da concordância à Q5.....	37
Figura nº 4 - Frequência de respostas à Q5	37
Figura nº 5 - Investimentos na Base da Lajes.....	38
Figura nº 6 - Frequência de respostas à Q6	39
Figura nº 7 - Frequência de respostas à Q7	40
Figura nº 8 - Frequência de respostas à Q4	43
Figura nº 9 - Frequência de respostas à Q8	45
Figura nº 10 - Frequência de respostas à Q9	47
Figura nº 11 - Esquema do mapa conceptual e variáveis	Ap-1
Figura nº 12 - Esquema das etapas do procedimento científico	Ax-1
Figura nº 13 - Esquema dos métodos hipotético-indutivo e dedutivo.....	Ax-3
Figura nº 14 - Movimento das aeronaves militares norte-americanas na Base das Lajes.....	Ax-4
Figura nº 15 - Mapa do Arquipélago dos Açores	Ax-5
Figura nº 16 - Imagem e especificações da aeronave Merlin EH-101	Ax-6
Figura nº 17 - Imagem e especificações da aeronave C-295M	Ax-7
Figura nº 18 - Organização do 65th Air Base Wing.....	Ax-8
Figura nº 19 - Investimento dos EUA nas Lajes em instalações de apoio em 1993.....	Ax-9

Figura nº 20 - Investimento dos EUA no IMET com Portugal	Ax-10
Figura nº 21 - PIB dos Açores por ilha.....	Ax-11
Figura nº 22 - Bases dos EUA fora do seu território em 1994	Ax-12
Figura nº 23 - Rotas Marítimas para o teatro de operações do Kuwait	Ax-13
Figura nº 24 - Proposta portuguesa do alargamento da plataforma continental	Ax-14
Figura nº 25 - Espetro da guerra	Ax-15

Índice de tabelas

Tabela nº 1 - Variáveis identificadas na investigação	7
Tabela nº 2 - Resumo da resposta à Q1	Ap-6
Tabela nº 3 - Resumo da resposta à Q2	Ap-7
Tabela nº 4 - Resumo da resposta à Q3	Ap-8
Tabela nº 5 - Resumo da resposta à Q4	Ap-9
Tabela nº 6 - Resumo da resposta à Q5	Ap-11
Tabela nº 7 - Resumo da resposta à Q6	Ap-12
Tabela nº 8 - Resumo da resposta à Q7	Ap-13
Tabela nº 9 - Resumo da resposta à Q8	Ap-14
Tabela nº 10 - Resumo da resposta à Q9	Ap-15
Tabela nº 11 - Matriz cromática das unidades de contexto e registo das entrevistas	Ap-16
Tabela nº 12 - Resultados da Q1	Ap-20
Tabela nº 13 - Resultados da Q2	Ap-20
Tabela nº 14 - Resultados da Q3	Ap-21
Tabela nº 15 - Resultados da Q4	Ap-21
Tabela nº 16 - Resultados da Q5	Ap-21
Tabela nº 17 - Resultados da Q6	Ap-22
Tabela nº 18 - Resultados da Q7	Ap-22
Tabela nº 19 - Resultados da Q8	Ap-22
Tabela nº 20 - Resultados da Q9	Ap-23
Tabela nº 21 - Fatores geopolíticos/geoestratégicos.....	Ax-2

Lista de apêndices e anexos

Apêndices

Apêndice A - Mapa conceptual e variáveis	Ap-1
Apêndice B - Guião da entrevista.....	Ap-2
Apêndice C - Amostragem: entrevistas	Ap-4
Apêndice D - Quadro do resumo das entrevistas	Ap-6
Apêndice E - Codificação das respostas das entrevistas	Ap-16
Apêndice F - Análise de conteúdo das entrevistas	Ap-20

Anexos

Anexo A - As etapas do procedimento científico.....	Ax-1
Anexo B - Fatores geopolíticos/geoestratégicos	Ax-2
Anexo C - Métodos de abordagem da investigação científica	Ax-3
Anexo D - Movimento de aeronaves militares norte-americanas	Ax-4
Anexo E - Mapa do Arquipélago dos Açores.....	Ax-5
Anexo F - Aeronave <i>Merlin</i> EH-101 da Esquadra 751 “Pumas”	Ax-6
Anexo G - Aeronave C-295M da Esquadra 502 “Elefantes”	Ax-7
Anexo H - Organização do <i>65th Air Base Wing</i>	Ax-8
Anexo I - Investimento dos EUA nas Lajes em instalações de apoio em 1993	Ax-9
Anexo J - Investimento dos EUA no IMET com Portugal.....	Ax-10
Anexo K - PIB dos Açores por ilha.....	Ax-11
Anexo L - Bases dos EUA fora do seu território em 1994.....	Ax-12
Anexo M - Rotas marítimas para o teatro de operações do Kuwait	Ax-13
Anexo N - Proposta portuguesa do alargamento da plataforma continental	Ax-14
Anexo O - Espetro da guerra	Ax-15

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

ABW	Air Base Wing
AFA	Academia da Força Aérea
AFRICOM	Africa Command (Comando dos Estados Unidos em Africa)
AM	Academia Militar
APA	American Psychological Association
BA4	Base Aérea N° (4)
BLX	Bibliotecas Municipais de Lisboa
BUR	Bottom-Up Review
CS	Conselho de Segurança
CSAR	Combat Search And Rescue (Busca e Salvamento em Combate)
CSNU	Conselho de Segurança das Nações Unidas
CZAA	Comando da Zona Aérea dos Açores
DAA	Destacamento (s) Aéreo (s) do (s) Açores
DoD	Departement of Defense
ECTS	European Credit Transfer and Accumulation System (Sistema Europeu de Créditos Curriculares)
EESFA	Escola de Estudos Superiores da Força Aérea
EMFA	Estado Maior da Força Aérea
ENT	Entrevistado
EUA	Estados Unidos da América
EUCOM	European Command (Comando Europeu dos Estados Unidos)
FAP	Força Aérea Portuguesa
FCS	Future Combat System (Sistema de Combate do Futuro)
GAO	Government Accountability Office
IAEA	International Atomic Energy Agency (Agência Internacional de Energia Atómica)
IAEFA	Instituto de Altos Estudos da Força Aérea
IAEM	Instituto de Altos Estudos Militares

- IDN** Instituto de Defesa Nacional
- IESM** Instituto de Estudos Superiores Militares
- IIGM** Segunda Guerra Mundial
- IMET** International Military Education and Training
- IRI** Instituto de Relações Internacionais
- ISCSP** Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
- MRS** Mobility Requirements Study
- NATO** North Atlantic Treaty Organization
- NEP** Norma de Execução Permanente
- OE** Objetivo Específico
- OG** Objetivo Geral
- ONU** Organização das Nações Unidas
- OTAN** Organização do Tratado do Atlântico Norte
- PD** Pergunta (s) Derivada (s)
- PP** Pergunta de Partida
- QDR** Quadrennial Defense Review
- RI** Relações Internacionais
- RTP** Rádio e Televisão de Portugal
- SAR** Search And Rescue (Busca e Salvamento)
- SI** Sistema Internacional
- SIFICAP** Sistema Integrado de Vigilância, Fiscalização e Controlo das Atividades da Pesca
- SREA** Serviço Regional de Estatística dos Açores
- TIA** Trabalho de Investigação Aplicada
- TV** Televisão
- UE** União Europeia
- UNL** Universidade Nova da Lisboa
- USAF** United States Air Force (Força Aérea dos Estados Unidos)
- USDOS** United States Department of State
- X** Variável Independente
- Y** Variável Dependente

Capítulo 1

Introdução

1.1. Generalidades

Este Trabalho de Investigação Aplicada (TIA) surge no âmbito da estrutura curricular da Academia Militar (AM), na fase final dos seus cursos, enquadrados pelo denominado Processo de Bolonha¹, segundo a Norma de Execução Permanente (NEP) N.º520/2ª, de 1 de junho de 2013, da AM, aplicável à sua realização.² O presente TIA tem como objetivo geral “a aplicação de competências adquiridas e o desenvolvimento de capacidades que permitam e constituam a base de aplicações originais, em ambiente de investigação, nos domínios da segurança e defesa e, em particular, em áreas concretas de especialização” (NEP, 2013, p.1). Neste sentido, os alunos mestrados elaboram uma investigação sobre um tema proposto, sendo o mesmo previamente validado pela Direção de Ensino da AM. Como tema deste trabalho definimos: “*A Importância Geopolítica e Geoestratégica da Base das Lajes nas Relações Transatlânticas Portugal - Estados Unidos da América. Subsídios para a sua Compreensão*”.

O presente capítulo tem por objetivo apresentar uma perspetiva geral do trabalho, demonstrando a sua pertinência, enquadrando e justificando a investigação desenvolvida, a metodologia usada, bem como apresentar a sua estrutura.

¹De acordo com Direção-Geral do Ensino Superior (2008), o Processo de Bolonha “...iniciou-se informalmente em Maio 1998, com a declaração de Sorbonne, e arrancou oficialmente com a Declaração de Bolonha em Junho de 1999. A ideia base é de, salvaguardadas as especificidades nacionais, dever ser possível a um estudante de qualquer estabelecimento de ensino superior, iniciar a sua formação académica, continuar os seus estudos, concluir a sua formação superior e obter um diploma europeu reconhecido em qualquer universidade de qualquer Estado-membro.

Em Portugal, foi aprovado o Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de Março de 2006, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, relativo ao novo modelo de organização do ensino superior no que respeita aos ciclos de estudo desenvolvidos no âmbito do Processo de Bolonha. O ensino superior é organizado em três ciclos de formação (conducentes, respectivamente, ao grau de licenciado, mestre e doutor), os quais são objecto de acreditação prévia” (Para.1). Cada ciclo é estruturado de acordo com o sistema europeu de créditos curriculares - *European Credit Transfer and Accumulation System (ECTS)*.

Em relação à AM, a aprovação do Decreto-Lei n.º37, de 5 de março de 2008, do Ministério da Defesa Nacional, adota a aplicação aos estabelecimentos de ensino superior público militar dos princípios constantes do Decreto-Lei n.º 74/2006 de 24 de Março, de 2006, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.

² Norma de Execução Permanente N.º 520/2ª, de 1 de junho de 2013, Trabalho de Investigação Aplicada - Norma para a Redação do Relatório Científico Final.

1.2. Enquadramento da investigação

Desde há muitos séculos a esta data, Portugal tem demonstrado a necessidade ou o dom de criar relações bilaterais. Prova disso, temos a aliança mais antiga do mundo com a Inglaterra³, conhecida por nós simplesmente pela aliança secular. Para Telo (2006), Portugal é um caso peculiar no sistema internacional. “Aqui temos o que, em termos da contemporaneidade, é, sem dúvida um pequeno poder, mas com a curiosa vocação de se dar com os grandes do planeta, que dominam os oceanos e são forças estruturantes dos sistemas mundiais” (p.12).

Por algum motivo, os poderes globais sentem-se atraídos para estabelecerem laços únicos com Portugal e para os manter ao longo de anos e mesmo de séculos. Esses motivos não existirão por razões altruístas, de caridade, de simpatia pessoal ou outras idênticas razões. As razões operacionais para tal, são múltiplas e assumem diversas formas. Aqui interessa apenas mencionar e examinar resumidamente uma, a mais importante de todas: os fatores geográficos. O facto de Portugal ser o extremo ocidental da Europa foi essencial para a sua evolução pois, como refere o professor Telo, “Portugal é um retângulo continental aberto ao Atlântico” (p.14).

Avançando no tempo, já em meados do século XX, pós II Guerra Mundial (IIGM), continua-se a verificar que um dos principais pilares da política externa portuguesa é cimentado, como não poderia deixar de ser, nas Relações Internacionais (RI), mais concretamente nas relações transatlânticas e, dentro destas, nas relações Portugal – Estados Unidos da América (EUA). Por conseguinte, entendemos que os fatores geográficos e, numa perspetiva mais contemporânea, os fatores geopolíticos/geoestratégicos, continuam a ser a principal razão enformadora nas alianças (Telo, 2006).

Na realidade portuguesa, as ilhas atlânticas, em particular os Açores, têm tido um papel particular. Modestas em termos da população ou da riqueza no todo nacional, mas serão elas o centro da inerente relação de Portugal com o mundo, em especial com a potência global EUA?

³“Portugal e o Reino Unido estabeleceram uma aliança na Idade Média, quando dois tratados internacionais foram celebrados entre os Reis de Portugal e da Inglaterra, em 1373 e 1386, respetivamente. O Tratado de Windsor, assinado em maio de 1386 pelo rei D. João I e pelo rei Ricardo II, confirmou formalmente a aliança que tem servido de alicerce às relações bilaterais entre ambos os países durante mais de 600 anos. Uma das ocasiões mais importantes da nossa história conjunta foi o casamento, em 1662, entre Dona Catarina de Bragança, filha do rei D. João IV, e o Rei Carlos II. No campo económico, o Tratado de Methuen, em 1703, deu livre acesso aos lanifícios ingleses em Portugal e permitiu a redução das tarifas impostas à importação de vinhos portugueses em Inglaterra” (Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2012, para.1e3).

Com isto, a pertinência deste tema surge com a intenção de compreender a relevância estratégica da Base das Lajes, como estrutura militar portuguesa, na relação Portugal - EUA. Em sequência deste facto, face aos estudos já realizados por certos autores e a toda a situação de complexidade do assunto aqui tratado, delimitamos o nosso estudo ao período pós Guerra-fria⁴.

1.3. Importância da investigação e justificação da escolha do tema

Desde o fim da Guerra-fria até ao presente momento são recorrentes as referências à perda de importância dos Açores, no que concerne à estratégia global americana. Segundo Telo (2006) esta é mais evidente nos cenários posteriores a 1990, e maior que nos anos oitenta. Quanto mais nos aproximamos da atualidade, e, muito em particular, no que se refere aos cenários pós-11 de setembro, com aprovação em 2001, por parte dos EUA, do conceito da força, *Future Combat System (FCS)*⁵ (conceito este que só será possível com uso em larga escala do transporte aéreo estratégico, necessitando assim de bases aéreas, como é o caso da Base das Lajes), esta noção tem vindo a alterar-se.

Por um lado, é normal ouvirmos anunciar certos analistas nos órgãos de comunicação social, a redução de efetivos na Base das Lajes, colocando em causa o futuro da mesma na relação Portugal - EUA. Por outro lado, é normal ouvirmos a perspectiva política transmitir a ideia que os responsáveis norte americanos estão empenhados na sua

⁴ Por um lado, Clausewitz define a guerra como “um acto de violência cujo objetivo é forçar o adversário a aceitar a nossa vontade” (in Couto, 1988, p.144), por outro lado, Couto (1988), define como a “violência organizada entre grupos políticos, em que o recurso à luta armada constitui, pelo menos, uma possibilidade potencial, visando um determinado fim político, dirigida contra as fontes de poder do adversário e desenrolando-se segundo um jogo contínuo de probabilidades e azares” (p.148).

Segundo Couto (1988), a Guerra-fria encontra-se no espectro da guerra (ver anexo O) como uma Guerra Internacional, incluindo uma gama de ações em que a coação reveste várias formas de ação: económica, psicológica, diplomática e política no interior do adversário. Estas formas de coação são combinadas com todo o aprontamento e preparação de meios militares. A Guerra-fria pode subdividir-se em dois níveis, “a intervenção insidiosa e a intervenção aberta” (p.154).

A intervenção insidiosa por sua vez abrange “ (...) ações muito próximas das práticas diplomáticas normais de “tempo de paz”, mas conduzidas com uma intenção estratégica. Pode-se basear em ações diplomáticas, de política interna, psicológicas e económicas com incidência político-estratégica” (Couto, 1988, p.154).

A intervenção aberta “corresponde a uma tomada de posição pública, podendo englobar o acolhimento e o reconhecimento de governos no exílio, boicotes ou sanções económicas, corte de relações diplomáticas, o fornecimento de armas, de instrutores, de auxílio financeiro ou de instalações a movimentos subversivos...” (Couto, 1988, pp. 154 e 155).

⁵ Sistema de Combate de Futuro. Um dos requisitos centrais do FCS, é que as unidades do futuro exército americano depois do quinquénio (2015/2020) devem ser projetáveis até 48 horas para qualquer parte do mundo, em condições de enfrentarem e vencerem os mais diversos tipos de ameaças.

manutenção. No entanto, estamos a falar de um processo complexo que levanta muitas questões estratégicas, militares e económicas.

Assim, no período pós Guerra-fria, compreender a importância da Base das Lajes na estratégia global dos EUA, bem como a forma como nosso país interpreta esta estratégia e as suas contrapartidas para o Estado português, conduz-nos à problemática do papel da Base das Lajes nas relações entre Portugal e os EUA.

1.4. Pergunta de partida e perguntas derivadas

A pergunta de partida (PP)⁶ tem como finalidade alcançar o objetivo do trabalho, deste modo, elaborou-se a seguinte PP: **“Qual a importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas relações Portugal-EUA no período pós Guerra-fria?”**

Para encontrar respostas à PP, foram objetivadas várias perguntas derivadas (PD) que balizam o nosso percurso na investigação, sendo elas as seguintes:

PD1: Qual a relevância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas relações Portugal - EUA?

PD2: Qual o impacto para Portugal, resultante da Base das Lajes nas relações Portugal - EUA?

PD3: Face a nova tipologia de conflitualidade, qual a importância estratégica da Base das Lajes nas relações Portugal - EUA?

1.5. Objetivos do estudo

No presente trabalho de investigação científico identificamos como objetivo geral (OG) o seguinte:

⁶ De acordo com Fortin (2009), a PP é uma “... interrogação explícita relativa a um domínio que se deve explorar com vista a obter novas informações. É um enunciado interrogativo e não equívoco que precisa os conceitos-chave, específica a natureza da população que se quer estudar e sugere uma investigação empírica” (p.51). Investigação empírica para Sarmento (2013) é a “recolha de dados a partir de experiências, observações diretas, entrevistas ou inquéritos, que o investigador ou outras pessoas experienciaram ou tem conhecimentos relevantes e fidedignos sobre o tema em análise. (...) pretende-se testar hipóteses que dizem respeito a relações causa - feito. Empregam-se técnicas de amostragem e dimensões da amostra que permitam generalizar os resultados obtidos na amostra para a população. (...) é uma consequência da observação direta de factos e eventos, da recolha de dados, da análise e interpretação dos dados, com base no levantamento bibliográfico e numa fundamentação teórica sólida. A pesquisa de campo poderá ser classificada como de abordagem predominantemente quantitativa ou qualitativa” (p.10).

OG⁷: Identificar a importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas relações Portugal - EUA pós Guerra-Fria, assim como os seus benefícios para Portugal.

Por conseguinte, identificamos como objetivos específicos (OE) da investigação os seguintes:

OE1: Identificar a relevância estratégica da Base das Lajes na relação Portugal-EUA.

OE2: Identificar os benefícios para Portugal, resultantes da Base das Lajes.

OE3: Demonstrar a valorização geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas relações Portugal - EUA, face à nova tipologia de conflitualidade.

1.6. Hipóteses

No presente trabalho, usamos como método de investigação científica, o hipotético-dedutivo⁸ ou de verificação das hipóteses. Assim, uma hipótese⁹ considera-se, por definição, “um espírito de descoberta que caracteriza qualquer trabalho científico (...), ao mesmo tempo fornece à investigação um fio condutor, a partir do momento em que ela é formulada, substitui nessa função a questão de pesquisa” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.119-120). Deste modo, formulamos as seguintes hipóteses:

HIP1: Com a projeção de força norte-americana para alguns teatros pós Guerra-fria, com a assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995 e com a Cimeira das Lajes de 2003, é possível garantir que a Base das Lajes tem tido um papel primordial nas relações Portugal-EUA.

⁷“O enunciado do objetivo de investigação deve indicar de forma clara e límpida qual é o fim que o investigador persegue. Ele especifica as variáveis-chave, a população junto da qual serão recolhidos dados e o verbo de acção que serve para orientar a investigação”(Fortin, 2009b, p.92).

Já para Freixo (2011), por objetivo deve-se entender “ (...) um enunciado declarativo que precisa as variáveis-chave, a população alvo e a orientação da investigação. Indicando consequentemente o que o investigador tem intenção de fazer no decurso do estudo” (p.192).

Estes são entendidos como “um enunciado declarativo que precisa a orientação da investigação segundo o nível dos conhecimentos estabelecidos no domínio em questão. Especifica as variáveis-chave, a população alvo e o contexto de estudo” (Fortin, 2009a, p. 100).

⁸ Como se pode ver no Anexo C - Métodos de abordagem da investigação científica.

⁹ Já para Fortin (2009a, p.102) uma hipótese é “um enunciado formal das relações previstas entre duas ou mais variáveis. (...) Combina o problema e o objetivo numa explicação ou predição clara dos resultados esperados”.

HIP2: Da Base das Lajes, resultaram benefícios para Portugal tais como meios de natureza militar, um aumento da economia local açoriana e uma maior visibilidade de Portugal no SI.

HIP3: A Base das Lajes tem apresentado oscilações quanto à sua utilização pelos EUA, mas a sua posição geográfica continuará a ter importância a médio e longo prazo.

1.7. Metodologia e modelo de investigação

Neste subcapítulo pretendemos fazer uma breve descrição da metodologia usada na presente investigação, uma vez que no Capítulo 3 - Metodologia e procedimentos, esta será desenvolvida mais pormenorizadamente.

A investigação cumpre as orientações determinadas pela AM através da NEP N.º520/2ª, de 1 de junho de 2013, da AM, adotando subsidiariamente, em caso de omissão, as normas da *American Psychological Association* (APA), 6ª edição, por remissão do ponto 4.a. do Anexo F da referida NEP.

O procedimento contemplou um estudo de caso nos limites de tempo, local, eventos e processos, com recurso a diversas fontes e métodos de recolha de dados.

O método de investigação científica usado foi de natureza dedutiva, especificamente o hipotético-dedutivo¹⁰. O método e as etapas do processo de investigação científica foram elaborados com base em Quivy & Campenhoudt (2008).

Assim, a primeira fase consistiu numa pesquisa documental em fontes primárias, relativamente a relatórios e notícias, bem como a fontes secundárias. Simultaneamente foram realizadas entrevistas exploratórias¹¹ a individualidades reconhecidas na temática em estudo.

Quanto à segunda fase, no âmbito do trabalho de campo, foram realizadas entrevistas, tendo como objetivo, uma recolha de dados. Com a intenção de colher maior

¹⁰ Quivy & Campenhoudt (2008, p.144) definem-no como “a construção parte de um postulado ou conceito postulado como modelo de interpretação do fenómeno estudado. Este modelo gera, através de um trabalho lógico, hipóteses, conceito e indicadores para os quais se terão de procurar correspondentes no real”. Pode ser visto o esquema do método, no Anexo C - Métodos de abordagem da investigação científica.

Por outro lado, Sarmiento (2013, p.8-9) afirma que o método dedutivo “baseia-se num raciocínio racional e lógico, que parte do geral para o particular”. Ainda para Sarmiento (2013) o método hipotético-dedutivo, “baseia-se na formulação de hipóteses ou conjecturas, que melhor relacionam e explicam os fenómenos” (p.9).

¹¹ Consistem em explorar “...o conteúdo da investigação, ouvindo especialistas sobre o assunto ou tema” (Sarmiento, 2013, p.33). Devem “ajudar a constituir a problemática de investigação, (...) contribuem para descobrir os aspetos a ter em conta e alargarem ou retificarem o campo de investigação das leituras” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.69).

experiência e conhecimentos aprofundados por parte dos responsáveis ligados diretamente à Base das Lajes, como é o caso do próprio comandante da mesma, assim como de outras individualidades que estudaram e continuam a estudar a presente temática.

Numa terceira fase, foram analisados os dados recolhidos, com base numa análise criteriosamente balanceada entre as óticas qualitativa e quantitativa, aplicando métodos defendidos por determinados autores.

Com isto, foi possível aliar a componente predominantemente teórica à componente presencial e registada dos entrevistados, tanto em território continental como insular. Na conjugação da informação recolhida, documental e entrevistas, foram respondidas as perguntas intermédias, ou seja as PD, e cumpridos os OE, numa jornada que culminou com a resposta à PP e com o cumprimento do OG.

1.8. Mapa conceptual e variáveis

Da estrutura conceptual surgem os conceitos-chave que constituem e organizam a nossa investigação, como é especificado no Apêndice A - Mapa conceptual. Com a construção do modelo de análise¹², estruturamos as variáveis, independentes (X) e dependentes (Y), estas adjacentes das nossas hipóteses.

Tabela nº 1 - Variáveis identificadas na investigação

Pergunta Derivada	Variável Independente	Variável Dependente
PD1: Qual a relevância geopolítica/geoestratégica da Base das Lajes nas relações Portugal-EUA, pós Guerra- fria?	X1: projeção de força; X2: acordo de cooperação e defesa 1995; X3: Cimeira das Lajes;	Y1: papel primordial nas relações Portugal - EUA;
PD2: Qual o impacto para Portugal, resultante da Base das Lajes?	X1: nas relações Portugal-EUA;	Y1: natureza militar; Y2: a economia açoriana; Y3: visibilidade internacional;
PD3: Face a nova tipologia de conflitualidade, qual a importância estratégica da Base das Lajes nas relações Portuga - EUA?	X1: Utilização pelos EUA; X2: A sua posição geográfica.	Y1: importância estratégica a médio e longo prazo.

¹² Quarta etapa do procedimento científico de Quivy & Campenhoudt (2008).

1.9. Estrutura do trabalho e síntese dos capítulos

O nosso trabalho está estruturado da seguinte forma: como capítulo inicial, a introdução; a revisão da literatura no segundo capítulo; metodologia e procedimentos no terceiro; a apresentação, análise e discussão dos resultados presentes no quarto capítulo e as conclusões e recomendações no último capítulo.

Na introdução, enquadrámos a investigação e justificamos a pertinência da temática escolhida.

No segundo capítulo, revisão da literatura, apresentamos uma síntese das variáveis em consideração e definimos conceitos que utilizamos na investigação. Realizámos uma revisão teórica, muito breve, das disciplinas em estudo: estratégia, geopolítica e geoestratégia, do enquadramento histórico e geográfico da Base das Lajes e uma síntese da estratégia militar norte-americana segundo alguns autores.

Nos capítulos terceiro e quarto, relativos ao trabalho de campo, apresentamos a metodologia e procedimentos adotados, a abordagem e o método científicos de investigação, e os procedimentos de recolha e análise de dados. Em particular, no quarto capítulo, apresentamos os resultados obtidos com o emprego da metodologia indicada e ainda analisamos estes resultados, parcelarmente, onde cada subcapítulo corresponde a uma PD.

Por último, apresentamos as conclusões, com a verificação das hipóteses, das PD e da PP, e algumas reflexões finais, com o objetivo de responder à problemática identificada, assim como algumas propostas e sugestões, abrindo perspectivas de novos estudos sobre esta matéria, ou mesmo constituindo-se como fonte de informação para outras investigações.

Capítulo 2

Revisão da literatura

2.1. Conceitos de estratégia, geopolítica e geoestratégia

Antes de passarmos a uma abordagem mais profunda da nossa temática, importa fazer um enquadramento preliminar. Assim, pretendemos com este capítulo, efetuar um enquadramento conceptual, de natureza teórico-prática, através da citação e de comentários sobre a literatura considerada. Ou seja, sintetizar a teoria necessária, para uma correta compreensão da investigação (Sarmiento, 2013).

Assim, afigura-se-nos pertinente apresentar os conceitos de estratégia, de geopolítica e de geoestratégia, por serem a base, ou mesmo a sustentação, da nossa investigação, um breve enquadramento histórico e geográfico da Base das Lajes e uma síntese da estratégia militar norte-americana no período estudado.

Quando, numa aceção comum, se referem termos como geopolítico e geoestratégico somos transportados, mesmo de uma forma inconsciente, para a geografia. Uma outra relação, é a que estes mantêm com o Poder¹³ e que os diferentes atores do Sistema Internacional (SI) vão detendo.

¹³ Por um lado, o Poder para Dias (2005, p.219) consiste na “... capacidade de impor ao “outro” a nossa vontade; a capacidade de obrigar o “outro” quer ele queira quer não (...) que se não aceita a vontade do primeiro, corre o risco de sofrer sanções eficazes”. Por outro lado, Adriano Moreira (1997) entende como “ (...) a capacidade de estabelecer e manter controlo do homem sobre o homem, ou de uma entidade política sobre outra, analisa-se num conjunto de elementos, desde a violência física aos meios de constrangimento económico e financeiro aos métodos da engenharia social que induzem a adesão e obediência da sociedade civil” (p.106).

Ainda para Dias (2005), a natureza do poder pode ser organizada em três bases, sendo elas as seguintes: objetiva, subjetiva e relativa. No que diz respeito à base objetiva “integra todo um conjunto de recursos (ex: energéticos, alimentares, económicos, militares, etc.), à disposição de um ator e passíveis de serem objectivamente quantificáveis e avaliáveis (recursos materiais, tangíveis)” (p.220). Relativamente à base subjetiva, “integra todo um conjunto de factores de carácter subjetivo, intangíveis ou de tangibilidade difícil, mas que são decisivos (ex.: coesão nacional, vontade nacional, patriotismo, qualidade da política, qualidade da diplomacia, qualidade da estratégia, educação); numa dimensão mais abrangente estaremos também a lidar com as forças morais e intelectuais de determinado actor” (p.221). Por último, quanto à base relativa, “integra um conjunto de factores que só tem significado numa relação com outrem; no racional de uma interacção ou ainda, no fenómeno dialéctico do “eu” com o “outro”. No âmbito desse conjunto de factores incluem-se as circunstâncias da eventual aplicação do Poder; especificando e, por exemplo, circunstâncias de lugar de aplicação, distância de aplicação e dos meios a serem aplicados” (p.221).

2.1.1. Estratégia

Podíamos apresentar aqui uma evolução precisa do conceito de estratégia, mas não é esse o objetivo do presente trabalho. Pretendemos sim apresentar uma breve descrição da disciplina com as principais diferenças conceptuais.

O termo estratégia tem origem na Grécia antiga, sempre relacionado com a guerra, associado à arte do comando militar e à condução de exércitos. Já no século XIX, entre muitos autores possíveis, Jomini (1838) define a estratégia como “ a arte de dirigir bem as massas no teatro de guerra, quer no âmbito de uma invasão de outro país, quer na defesa do próprio país¹⁴ (p.36). (...) a arte de efetuar a guerra na carta, a arte de abarcar todo o teatro de guerra”¹⁵(p.155). Uma definição que, à data, ainda demonstra claramente o uso pelos militares.

É de todo importante referir os dois momentos históricos marcantes na evolução do conceito de estratégia, estes assinalados por dois alargamentos do conceito. O primeiro alargamento, no final do século XIX, na obra *La Nation Armeé* de Goltz (1884), onde defende que a estratégia é tão importante em tempo de paz como em tempo de guerra. O segundo, já no século XX, surge com as duas guerras mundiais onde a estratégia evolui para outras estratégias que não exclusivamente a militar, destaque para a vertente económica (Instituto de Altos Estudos Militares [IAEM], s.d.).

Assim, passamos para um conceito mais próximo das exigências atuais, aprendendo com autores portugueses com um aprofundado conhecimento neste assunto. De acordo com Couto (1988), estratégia é “ a ciência e a arte de desenvolver e utilizar as forças morais e materiais de uma unidade política ou coligação a fim de se atingirem objectivos políticos que suscitem, ou podem suscitar, a hostilidade de uma outra vontade política” (p.209). O mesmo autor, em 2001 e novamente em 2002, apresenta a seguinte definição: “Ciência/Arte de, à luz dos fins de uma organização, gerar, estruturar e utilizar recursos tangíveis e intangíveis, a fim de se atingirem objetivos, num ambiente conflitual ou competitivo” (Couto, 2002, p.89). Já para Barrento (2010) “... é a ciência - arte que trata da preparação e utilização da coação para, apesar da hostilidade dos opositores, atingir os objetivos fixados pela entidade política” (p.110).

¹⁴ Tradução é livre. O original, segundo Dias (2010) “... l’art de bien diriger les masses sur le théâtre de la guerre, soit pour l’invasion d’un pays, soit pour la defense du sien...” (p.88).

¹⁵ Tradução é livre. O original, segundo Dias (2010) “... la stratégie est l’arte de faire la guerre sur la carte, l’art d’embrasser tout le théâtre de la guerra ...” (p.88).

Por fim, apresentamos mais uma definição, a mais recente possível, adotada pela AM na Unidade Curricular - M322 Teoria Geral da Estratégia e na qual estratégia é “a ciência/arte de gerar, estruturar e utilizar recursos tangíveis e intangíveis a fim de uma organização atingir objetivos por si estabelecidos, que suscitam ou podem suscitar hostilidade de uma outra vontade/estrutura organizacional” (Dias, 2012a, p.278).

2.1.2. Geopolítica

A geopolítica, apesar de ser um conceito que surgiu na passagem do século XIX para o século XX, já foi alvo de diversas evoluções, quanto ao seu significado e âmbito de aplicação (Ribeiro, 2012). As origens da geopolítica têm sido confundidas com a geografia¹⁶, sendo considerado o seu criador o sueco Rudolf Kjellen (1864-1992) (Dias, 2005). O criador, “... exatamente por ter sido o primeiro a usar esse termo: Teoria do Estado enquanto fenómeno do espaço” (Correia, 2002, p.101). Já quando nos referimos à geopolítica moderna, temos como fundador Halford Mackinder, que concebeu um modelo geopolítico à escala global: o das perspetivas globais.

Apresentámos a sua origem e os seus fundadores, mas, o que é a geopolítica? Para Baud (1999) a geopolítica tem como objeto de estudo, as relações entre a política e o espaço e a sua essência, encontra-se na busca de repostas a duas questões fundamentais: Como é que um dado espaço influencia a política de um grupo, Estado ou coligação? Como é que a política de qualquer unidade política mais ou menos organizada, se pode servir da geografia para constituir uma teoria?

Já Defarges (2003) encontra uma definição tão simples o quanto possível, “a geopolítica interroga-se sobre as relações entre o espaço (...) e a política: em que medida os factores espaciais afectam o fenómeno político e a política? E, também, como é que o político se serve do espaço?” (p.13).

Por fim, Dias (2012b, p.205) entende por geopolítica “o estudo das constantes e variáveis do espaço acessível ao Homem ou que dele sofre efeito intencional que, ao objectivarem-se na construção de modelos de dinâmica de poder, projecta o conhecimento

¹⁶ Heródoto, historiador grego, viveu entre 484 a.C e 425 a.C é o autor do primeiro ensaio de geografia descritiva do mundo, considerava que o comportamento das sociedades era significativamente influenciado pela geografia. (Dias, 2005)

geográfico no desenvolvimento e na actividade da ciência política, com influência na acção externa dos diferentes intervenientes na Sociedade Internacional”.

2.1.3. Geoestratégia

Quanto à geoestratégia, Martins (1996) considera-a como o “estudo das relações entre os problemas estratégicos com os factores geográficos, à escala regional ou à mundial, procurando deduzir a influência dos factos geopolíticos, (...) nas situações estratégicas e na consecução dos respectivos objectivos” (pp. 36 e 37).

O IAEM (2000), entende que a geoestratégia é o “estudo das constantes do espaço acessível ao homem que, ao objetivar-se na construção de modelos de avaliação e emprego, ou ameaça de emprego de formas de coação, projeta conhecimento geográfico na atividade estratégica” (p.11).

Por conseguinte, Dias (2005) apresenta uma definição de geoestratégia, relacionando-a com a geopolítica, visto que “...recorre aos mesmos dados ou a uma mesma base de trabalho geográfica. No entanto, enquanto aquela utiliza-os para o apoio da Política, esta usa-os em apoio da estratégia¹⁷ (...) por outro lado, a geopolítica entra na esfera da geoestratégia, como no caso da conceção de cenários de evolução, que possam implicar ou materializar conflitos” (p.64).

2.1.4. Síntese da distinção de estratégia, geopolítica e geoestratégia

Não existem conceitos ou definições, consensualmente aceites, para nenhuma destas disciplinas, mas sim uma grande diversidade de propostas apresentadas nos trabalhos de diversos autores. Contudo, será possível apresentar de algum modo os diferentes critérios de distinção, bem como definir, em jeito de síntese, alguns traços caracterizadores dos conceitos.

Entre geopolítica e geoestratégia, o critério mais comum é o de considerar que esta última tem a ver com “os problemas estratégicos¹⁸, no âmbito da geopolítica entendendo-a

¹⁷“Concretização de objetivos políticos que “caiam” no domínio da estratégia - emprego ou ameaça de emprego de coação, numa ou em todas as suas formas” (Dias, 2005, p.64).

¹⁸ Situações de conflito com emprego de meios de coação.

como uma espécie de sector desta, com a qual o relacionamento de certa forma reproduziria o que existe entre Política e estratégia” (Martins, 1996, p.34).

Quanto à distinção entre geoestratégia e estratégia, os critérios mais utilizados são, “por um lado a escala geográfica com que os estudos são feitos, em geral maior quanto à estratégia, que estuda o teatro de operações com maior detalhe, focando por isso a sua atenção em espaços mais restritos do que aqueles que, em regra, interessam à geoestratégia, e por outro lado, a forma predominante de encarar os acidentes geográficos que o estrategista tende a ver” (Martins, 1996, p.35).

2.1.5. Fatores geopolíticos e geoestratégicos

Os fatores geopolíticos e geoestratégicos são elementos de índole geográfica e que se relacionam com o Poder, ou seja, referências de natureza geográfica utilizadas para definir o Poder dos atores (IAEM, 1993). Estamos a falar da mesma tipologia de elementos, com a mesma sustentação geográfica, só que utilizados em proveito da política ou em apoio da estratégia (Dias, 2005).

Tendo em consideração o referido anteriormente, podemos aceitar, entre outras, como definição, “um conjunto de agentes, elementos, condições ou causas de natureza geográfica, suscetíveis de serem operados no levantamento de hipóteses para a construção de modelos dinâmicos de interpretação da realidade, enquanto perspetivação consistente de apoio à Política e à estratégia” (IAEM, 1993, p.17).

Podemos, ainda, sistematizar estes elementos de diversas maneiras, conforme a finalidade da sua utilização e o utilizador, socorrendo-se dos decorrentes modelos. O IAEM (1993) dá um exemplo didático desta “ferramenta” metodológica¹⁹. Com isto, considera seis possíveis fatores: físico, humano, recursos naturais, circulação, tecnológico e, por último, o fator das estruturas.

Por fim, numa perspetiva mais atual, salvaguardando a subjetividade e a dificuldade de quantificação dos elementos do potencial estratégico, Dias (2012b) elege: “os recursos naturais e energéticos, a água, as estruturas económicas e a globalização, o clima, o fator

¹⁹ “Constituída pelos seguintes elementos: quadro geopolítico de referência, cenário estratégico base, estudo dos factores geopolíticos/geoestratégicos, interação com as influências externas, conclusões e considerações finais” (Dias, 2005, p.224).

científico-tecnológico e a urbanização como os elementos essenciais a toda e qualquer análise geopolítica”²⁰ (Ribeiro, 2012, p.14).

2.2. Base das Lajes

2.2.1. Enquadramento histórico

Em 4 de outubro de 1930, nos Açores, descola do solo, pela primeira vez, um avião de terra, no Campo da Achada²¹ num aeródromo improvisado²². É em 1934 que se inicia a construção de uma pista compactada na planície das Lajes, pela engenharia militar. Em 1941, face à evolução da II GM, conseguiu-se preparar uma pista sofrível, nascendo assim

²⁰ Analisando parcelarmente os elementos globais de uma análise geopolítica segundo Dias (2012b), 1) a “existência de recursos (naturais) revela pela directa associação. Em sentido geral ou lato com a vida dos agregados humanos; em sentido restrito, inúmeras interdependências se geram, das quais podemos apontar, aquelas materializadas com o facto da urbanização crescente, com o fenómeno demográfico, com o consumo e com a própria distribuição” (p.76). Já no que diz respeito aos recursos energéticos, “circulação e induções comportamentais - tendencialmente as fontes de energia se procurarão, serão as designadas de «limpas», como a i) eólica, com os seus já reconhecidos problemas de conservação/armazenamento e de intermitência; ii) a solar, sobre a qual se procura ultrapassar desafios lançados pela luz difusa que emana, consequente fraca densidade de energia e elevados custos para a «retirar» em quantidade significativa, pra além do armazenamento; iii) o hidrogénio, mitigadas as questões de custo e da instabilidade, havendo mesmo quem advogue que o transporte ou o carro eléctrico seja elemento de transição para a culminação no combustível de hidrogénio, gerado, separado de matérias como o gás natural, o carvão ou mesmo a água (electrólise) bem presente em imagem indutora de «geopolítica popular»...” (p.79). 2) Quanto à água, “tem estado sempre presente na vida do homem, no início, na fisiologia, nas razões da 1ª Guerra considerada como tal, na materialização do poder do homem sobre o homem; enfim constitui elemento básico das necessidades humanas e sem ela, a espécie, tal como existe, vê a sobrevivência com escasso potencial senão mesmo nenhum” (p.96). 3) As estruturas económicas e globalização – “a ligação das economias nacionais numa só economia global em rede, vibrante, próspera e articulada, é o objectivo final da globalização, e a evolução tecnológica associada ou per si (...), porque são dados adquiridos, constituem uma base de novas oportunidades, que poderão alterar, para além do comportamento social, as características dos mercados, do comércio, dos próprios empregos e até a natureza do trabalho, em inúmeros sectores, com prováveis consequências para a força laboral, segurança e defesa, energia, transportes, saúde, ensino e formação, com a consciência de uma resultante mais interligada e potenciadora de interdependência” (p.105). 4) Já o clima e suas evoluções “vão contribuir, julgamos, de forma importante para as dinâmicas de poder no futuro; aliás, como sempre aconteceu e foi muitas vezes tido em conta para gerados modelos. Tal como a evolução tecnológica, as mudanças climáticas irão enformar a «luta» entre os vários agentes da «vida internacional» ... (p.111). 5) O fator científico – tecnológico, para além das considerações já efetuadas que evoluíram directa ou indirectamente, este factor, sobre o seu estudo mantém-se o que do ponto de vista conceptual se diz a propósito do seu significado em Dias (2005), “ (...) respeita os equipamentos e meios em geral que vão permitindo às sociedades e aos actores desenvolverem-se e darem resposta às necessidades e aos problemas que são confrontados” (p.247). 6) Por último, a urbanização, “fenómeno da urbanização surge hoje, numa dinâmica que se vem desenvolvendo ao longo dos tempos, como matéria de dedicada atenção, mesmo no ponto de vista da geografia, quando materializa nas cidades e nas interações estabelecidas entre elas, os nós e os arcos, que configuram o «novo» espaço de rede” (Dias, 2012, p.131).

²¹ Freguesia dos Altares, ilha da Terceira.

²² Estava-se ainda bem longe do nascimento do aeroporto das Lajes.

a Base Aérea N°4 (BA4), para a qual o governo português destacou duas esquadrilhas de caças (Cardoso, 1984).

A 08 de outubro de 1943, após o acordo assinado invocando a velha aliança²³ existente entre Portugal e a Inglaterra, o grupo-247 das forças inglesas chega à base.

Em fevereiro de 1944 é a vez dos EUA aqui se instalarem com destacamentos da Força Aérea, da Marinha e do Exército. Em princípios de 1945, estes transferem o destacamento para a ilha de Santa Maria. Em 1946, com a saída dos britânicos, as forças dos EUA transferem-se definitivamente para a BA4, presença que se tem mantido até aos dias de hoje (Cardoso, 1984).

Em 1978 a BA4 é integrada no Comando Aéreo dos Açores, sendo-lhe atribuída uma missão que engloba a busca e salvamento, o transporte tático e o patrulhamento marítimo na área do arquipélago (Força Aérea Portuguesa [FAP], 2014a).

No período da Guerra-fria, a Base das Lajes, para além da projeção de força, tinha ainda um significado particular, o contexto da guerra submarina. Portugal não tinha conhecimento mas, chegaram a estar nas Lajes munições nucleares, designadamente cargas de profundidade com ogivas nucleares, que eram usadas contra submarinos (Telo, 2014).

Atualmente, a Base das Lajes, como é habitualmente conhecida pela maior parte da sociedade, continua a ser designada organizacionalmente no ramo da FAP, por BA4. (FAP, 2014a).

2.2.2. Enquadramento geopolítico

Neste subcapítulo pretendemos fazer uma breve abordagem geopolítica²⁴, conforme o IAEM (1993, p. 18), para estudar os Açores e, com maior enfoque, a Base das Lajes.

Quanto ao fator físico, este tem uma extensão que se prolonga por cerca de 600 km, no sentido Noroeste – Sudeste, situando-se sensivelmente a Oeste do Cabo da Roca, a cerca de 1200 km do continente português e a cerca de 3.400 km de Nova Iorque²⁵. Com uma faixa costeira de 844 km, tem uma superfície total de cerca de 2.304 km². O arquipélago dos Açores é constituído por nove ilhas e alguns ilhéus, divididos em três

²³ Referimo-nos à «aliança secular» referida por Telo (2006), e apresentada por nós no Capítulo 1 - Introdução.

²⁴ Neste caso, a abordagem geopolítica foi com base nos elementos apresentados no subcapítulo 2.1.5. Fatores geopolíticos e geoestratégicos mas a mesma poderá ser efetuada de diversas maneiras, conforme a finalidade da sua atualização e o próprio utilizador.

²⁵ Como pode ser observado no Anexo E - Mapa do Arquipélago dos Açores.

grupos: o grupo oriental, o central e o ocidental. Do grupo oriental fazem parte as ilhas de São Miguel e Santa Maria, o grupo central integra as ilhas da Terceira (na qual se localiza a nossa infraestrutura militar em estudo, a Base das Lajes), Graciosa, São Jorge, Pico e Faial, e o grupo ocidental é composto pelas ilhas do Corvo e Flores²⁶. No seu todo, a Ilha de S. Miguel é a que tem uma maior superfície (749 km²), a de menor é a Ilha do Corvo (17 km²), quanto à Ilha Terceira tem uma superfície de 402 Km². Quanto à sua natureza geológica, a maioria das ilhas é de origem vulcânica, o que explica a frequência das crises sísmicas e dos fenómenos de vulcanismo. A altitude máxima das ilhas é bastante variável, oscilando entre 402 m na Graciosa e 2351 m na montanha do Pico (ponto mais alto de Portugal). A ilha do Pico constitui a ilha mais excêntrica em termos altimétricos com 16% da sua área acima dos 800m (Brito, 1994).

Relativamente ao fator humano, restringindo-nos à data inicial de estudo, nos censos de 2011, existiam no arquipélago dos Açores cerca de 250 mil pessoas (49% homens e 51% mulheres). Especificamente na Ilha Terceira existiam aproximadamente 56 mil pessoas, com a mesma percentagem de homens e mulheres, apresentada anteriormente (Serviço Regional de Estatística dos Açores [SREA], 2014).

No que diz respeito ao fator de estruturas, relativamente ao transporte aéreo, possui, entre aeroportos e aeródromos, um por cada ilha, em que o da Ilha Terceira na sua constituição tem uma parte que é militar e, é neste ponto que se insere a infraestrutura em estudo na nossa investigação: a Base das Lajes. Com uma pista principal que tem mais de 3 Km de comprimento e 100 metros de largura (Cardoso, 1984, p.361). É de extrema importância referir que contém depósitos com capacidade para cerca de 216 milhões de litros de combustível, sendo a segunda maior reserva para os EUA (Ruivo, comunicação pessoal, 20 de março de 2014).

2.2.3. Organização e competências

2.2.3.1. Base Aérea N°4

A BA4 está integrada no Comando da Zona Aérea dos Açores (CZAA), contém como as suas principais unidades, dois Destacamentos Aéreos dos Açores (DAA), vindos

²⁶A mesma situação da nota anterior, pode ser observado no Anexo E - Mapa do Arquipélago dos Açores.

da BA6 do Montijo²⁷. Desta forma, com um DAA-EH101²⁸, com a Esquadra 751 – “Pumas”, criado a 30 de novembro de 2006 e o DAA-C295M²⁹, com a Esquadra 502 – “Elefantes”, este criado a 12 de março de 2010 (Ruivo, 2014).

Tem atribuída a missão, já atrás referida³⁰. As suas unidades aéreas desempenham, ainda, um papel preponderante no apoio às populações e autoridades civis locais, nomeadamente através das evacuações sanitárias e do transporte inter-ilhas (FAP, 2014a).

Como competências tem as seguintes: planejar, dirigir e controlar a atividade dos meios que lhe estão atribuídos; garantir a prontidão das unidades aéreas atribuídas ou a atribuir em reforço; garantir o apoio logístico e administrativo de unidades e órgãos nela situados mas dependentes de outros comandos; garantir a exploração dos serviços de aeródromo; garantir a segurança militar e a defesa imediata da área onde se encontra implantada e de outros pontos sob a sua jurisdição. (FAP, 2014a).

2.2.3.2. 65th Air Base Wing

O *65th Air Base Wing* (ABW) é o destacamento da *United States Air Force* (USAF), sediado na Base das Lajes. Fornece apoio como base de rota para o Departamento de Defesa dos EUA, às nações aliadas e ao movimento de outras aeronaves autorizadas, incluindo as da Holanda, Bélgica, Canadá, França, Itália, Espanha, Alemanha, Egito e Grã-Bretanha. As aeronaves que passam pela Base das Lajes com mais frequência são essencialmente, o *C-17 Globemaster III*, *C-130 Hercules*, *C-5 Galaxy*, *F-15 Eagle*, *F-16 Fighting Falcon*, *A-10 Thunderbolt II*, bem como aviões de reabastecimento *KC-10 Extender* e *KC-135 Stratotanker*. Desempenha um papel vital na guerra global contra o terrorismo, permitindo o movimento de forças expedicionárias, bombardeiros e, nas comunicações que tão importantes são para os comandantes, apoia as operações da OTAN, como parte dos EUA e dos países aliados (Lajes Field, 2014).

²⁷ Estão as aeronaves estacionadas permanentemente na BA4, mas a tripulação desloca-se do continente da BA6 durante um determinado período.

²⁸ Agusta-Westland EH-101 Merlin, é um helicóptero de transporte médio, em três variantes distintas para cumprir missões diferentes, busca e salvamento (SAR), fiscalização das pescas (SIFICAP), busca e salvamento em combate (CSAR) (Força Aérea Portuguesa. (s.d.). *Agusta-Westland EH-101 Merlin*. Obtido em 26 de fevereiro de 2014, de Força Aérea Portuguesa: <http://www.emfa.pt/www/aeronave-17>).

²⁹ O EADS C-295M é um avião de construção metálica, cumpre as missões de vigilância e reconhecimento, transporte aéreo e busca e salvamento (Força Aérea Portuguesa. (s.d.). *EADS C-295M*. Obtido em 26 de fevereiro de 2014, de Força Aérea Portuguesa: <http://www.emfa.pt/www/aeronave-19>).

³⁰ Uma missão que engloba a busca e salvamento, o transporte tático e o patrulhamento marítimo³⁰ na área do arquipélago (FAP, 2014a).

Em março de 2014, o 65th ABW apresentava um efetivo de 645 militares e 50 civis (Ruivo, comunicação pessoal, 20 de março de 2014). Tendo na sua organização as seguintes unidades fundamentais: *65th Air Base Wing (USAFE)*, *65th Mission Support Group*, *65th Medical Group and Tenant Units and Associate Units*³¹, atualmente o seu Comandante é o *Colonel Jose Rivera* (Lajes Field, 2014).

2.3. Estratégia militar norte-americana no pós Guerra-fria

O fim da Guerra-fria é marcado com a queda do muro do Berlim, em novembro de 1989. Por conseguinte, dá-se o colapso da União Soviética e a dissolução da estrutura militar do Pacto de Varsóvia.

Assim, o ambiente internacional muda radicalmente, uma vez que a geopolítica ganha novos contornos, ainda indefinidos no início da década de noventa do século XX. Os EUA são agora a única potência mundial e sentem, por isso, a necessidade de rever a sua estrutura militar, preparando-se para darem resposta aos novos desafios (Mendes, 2006). Para tal, constituem a primeira grande revisão do poder militar norte-americano em 1991 e dá pelo nome de *Base Force*. Em 1993, apresentam uma nova revisão, a *Bottom-Up Review* (BUR) e mais tarde a *Quadrennial Defense Review* (QDR) em 1997, a mesma passa a ser realizada de quatro em quatro anos (Larson, Orletsky, & Leuschner, 2001)³².

2.3.1. *Base Force*

A *Base Force* é aprovada na primavera de 1991, ano em que tem início as negociações entre Portugal e os EUA com vista ao Acordo de Cooperação e Defesa. É definida: no pressuposto de que os EUA não estariam mais envolvidos de forma significativa com uma forte presença externa de força durante muito tempo; que as forças dos EUA devem estar preparadas para operações humanitárias, de manutenção de paz, pequenos conflitos regionais, mas também para grandes conflitos regionais. Contudo, os

³¹ Podemos observar mais ao detalhe a sua organização no Anexo H - Organização do *65th Air Base Wing*.

³² O estudo analisa a estratégia norte-americana desde o fim da Guerra-fria até à aprovação da *Quadrennial Defense Review* de 1997.

analistas entendem que esta força não está preparada para responder a múltiplos teatros de guerra (Mendes, 2006).

Este conceito identifica quatro bases para a nova estratégia militar norte-americana: “a prevenção e defesa estratégica, a presença externa, a resposta a crises e a reconstrução³³” (Larson, Orletsky, & Leuschner, 2001, p.11).

Segundo Larson, Orletsky, & Leuschner (2001) a *Base Force*, compõe-se, ainda, de “quatro forças principais, uma estratégica e três convencionais. A estratégica é composta por um arsenal nuclear de dissuasão e ofensivo. As convencionais têm como objetivo garantir a dissuasão convencional, construídas com base em interesses regionais, divididas por forças no Atlântico³⁴, no Pacífico³⁵ e forças de contingência³⁶, ou seja, constituídas por forças leves e altamente móveis e letais com destino às contingências regionais de maior dimensão” (p.17-18)³⁷.

O primeiro teste da nova estratégia regional dá-se com invasão do Kuwait pelo Iraque. Uma das primeiras lições essenciais, é a necessidade de uma força de grande dimensão, aliada de alta tecnologia, ser rápida e decisiva e minimizar as baixas norte-americanas. No final desta guerra, fica também provado que as forças norte-americanas podem ficar obrigadas a estarem deslocadas durante muito tempo em pequenas operações militares em paralelo, como nos casos do sudoeste da Ásia, na Bósnia e na Somália. Face ao referido anteriormente e aos problemas orçamentais ao longo dos anos 1992 e 1993, surge a necessidade de uma segunda grande revisão da estrutura das forças norte-americanas, a BUR (Larson, Orletsky, & Leuschner, 2001).

³³ Trata-se fundamentalmente da capacidade de reconstruir as forças quando necessárias.

³⁴ Segundo Larson, Orletsky, & Leuschner (2001) destinam-se a responder a conflitos e assegurar os interesses norte-americanos ao longo do Atlântico, principalmente em áreas de interesse vital: Europa, Sudoeste da Ásia e Médio Oriente. Essas forças devem ser pesadas, orientadas para a projeção e para o reforço (...) consistem em forças estacionadas e em forças de contingência baseadas nos EUA e preparadas para projeção.

³⁵ ... “os objetivos destas forças é proteger e promover os interesses dos EUA no Este da Ásia e no Pacífico. Serão forças sobretudo ligeiras e predominantemente marítimas e devem incluir forças estacionadas da Marinha e da Força Aérea, estando previsto o reforço a partir dos EUA em caso de necessidade. As forças de reserva serão menos significativas do que as destinadas ao cenário do Atlântico” (Larson, Orletsky, & Leuschner, 2001, p.17).

³⁶ “São constituídas por forças ligeiras e móveis baseadas nos EUA e *ready to go on a moment's notice*. Essas forças altamente móveis e letais destinam-se a contingências regionais de maior dimensão. As forças de reserva serão menos significativas do que as do Atlântico e Pacífico. Os meios de transporte e os elementos pré-posicionados são desenhados para uma projeção rápida; no espaço, pretende-se garantir o domínio total; a reconstrução da força é baseada na industrialização e na mobilização, que podem ser rapidamente ativadas; a pesquisa e o desenvolvimento devem garantir o progresso tecnológico para a assegurar a manutenção da superioridade tecnológica por parte dos EUA” (Larson, Orletsky, & Leuschner, 2001, p.18-19).

³⁷ Tradução é do autor.

2.3.2. *Bottom-Up Review*

A BUR de 1993, sintetiza a segunda maior revisão da estrutura das forças norte-americanas. Procura cortar em definitivo com o passado, situação que a *Base Force* não fazia, uma vez que admitia o ressurgimento da União Soviética ou apenas da Rússia. Mantém a previsão de conflitos regionais, mas, ao contrário da *Base Force*, que prevê forças para um único conflito regional de larga escala, introduz a necessidade de forças para fazerem face a dois conflitos regionais de larga escala em simultâneo, sendo o Médio Oriente (Iraque) e a península da Coreia, os cenários previsíveis para esses conflitos (Larson, Orletsky, & Leuschner, 2001).

Nesta fase, para os EUA estacionar forças fora do território nacional é essencial para lidar com os novos perigos regionais. Agora, a preocupação central tem a ver com a necessidade de projetar poder para regiões importantes para os interesses dos EUA, devendo essa força ser suficiente para deter poderes regionais potencialmente hostis. Os dois poderes que mais preocupam os EUA são a Coreia do Norte e o Iraque. Assim, esta nova revisão, face ao que foi referido anteriormente, coloca a Base das Lajes entre as estruturas chave ao nível do reabastecimento (Mendes, 2006).

2.3.3. *Quadrennial Defense Review*

A QDR é “uma revisão legislativa da estratégia e prioridades, com mandato do Departamento de Defesa. A QDR define um rumo de longo prazo para o Department of Defense (DoD), pois avalia as ameaças e os desafios que o país enfrenta, o reequilíbrio da estratégia do DoD, as capacidades e forças para responder aos conflitos de hoje e às ameaças de amanhã” (U.S. Department of Defense, 2014, para.1)³⁸.

Já a QDR 2014 é focada na preparação do Departamento de Defesa dos EUA para o futuro e estabelecer prioridades nos esforços num período de austeridade fiscal, com realce para a redução de efetivos nas Forças Armadas (U.S. Department of Defense, 2014)³⁹.

³⁸ A tradução é livre. O original, de acordo com U.S. Department of Defense (2014, para.1) “The Quadrennial Defense Review (QDR) is a legislatively-mandated review of Department of Defense strategy and priorities. The QDR will set a long-term course for DOD as it assesses the threats and challenges that the nation faces and re-balances DOD's strategies, capabilities, and forces to address today's conflicts and tomorrow's threats”.

³⁹ Cfr. http://www.defense.gov/pubs/2014_Quadrennial_Defense_Review.pdf, obtido em 13 de julho de 2014.

Capítulo 3

Metodologia e procedimentos

3.1. Generalidades

Para Sarmiento (2013), “metodologia visa a descrição precisa do problema, dos métodos, das técnicas, dos instrumentos de pesquisa, dos materiais e dos equipamentos utilizados no trabalho” (p.208).

Segundo Oliveira (2005, p. 28), a metodologia define-se como o “processo onde se aplicam diferentes métodos, técnicas e materiais (...) para a colheita de dados no campo”. Este conceito, por sua vez, é constituído por procedimentos que não são mais do que “uma forma de progredir em direção a um objetivo” e métodos enquanto “formalizações particulares do procedimento” (Quivy & Campenhoudt, 1998, pp. 22 e 23).

Para Bourdieu, Chamboredon & Passeron (1968), o procedimento científico era dividido em três grandes fases, nomeadamente, a rutura, a construção e a verificação. Por conseguinte, de uma forma mais atual, Quivy & Campenhoudt (2008) estabelecem as três grandes fases em atos e os mesmos repartidos em sete etapas/fases⁴⁰, sendo percorridas dinamicamente e não sequencialmente: a pergunta de partida, a exploração (leituras e entrevistas exploratórias), a problemática, a construção do modelo de análise, a observação, a análise das informações e as conclusões. Estas apresentam circuitos de retroação e não podem ser entendidas mecanicamente, mas sim como operações que se completam mutuamente, como consta o Anexo A – As etapas do procedimento.

Desta forma, a rutura⁴¹ consiste em “romper com os preconceitos e as falsas evidências, que somente nos dão a ilusão de compreendermos as coisas” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.26). Podemos afirmar que esta equivale à leitura e interpretação do

⁴⁰ Ver Anexo A – As etapas do procedimento.

⁴¹ “Em ciências sociais, a nossa bagagem supostamente “teórica” comporta numerosas armadilhas, dado que uma grande parte das nossas ideias se inspira nas aparências imediatas ou em posições parciais. Frequentemente, não mais do que ilusões e preconceitos. Construir sobre tais premissas equivale a construir sobre areia. A rutura é portanto, o primeiro acto constitutivo científico” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.26). De acordo com Sarmiento (2013) as fases de um processo de investigação são três: “a exploratória, analítica e conclusiva” (p.10). Cada uma destas fases decompõe-se em etapas, com um total de doze etapas. Assim, a fase de rutura de Quivy & Campenhoudt (2008) corresponde à fase de exploratória de Sarmiento (2013).

conhecimento existente e à realização de entrevistas exploratórias, correspondentes à revisão de literatura do Capítulo 2. Permitiu assim, remeter-nos para o surgimento da PP, assim como para o início da problemática⁴².

Com o desenvolver da problemática entramos também no ato da construção⁴³, onde faz parte a quarta etapa, a construção do modelo de análise, “conjunto estruturado e coerente, composto por conceitos e hipóteses articulados entre si” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.115). Deste modo, nesta fase, surgiram as PD, auxiliando a traçar o caminho da nossa investigação. Ainda dentro desta, com a finalidade de dar resposta às nossas PD e por sua vez à PP, foram elaboradas as hipóteses, isto com base no quadro conceptual⁴⁴.

Por fim, entramos no último ato do procedimento científico, a verificação⁴⁵. Concretizada no trabalho de campo, através do método de recolha de dados, pelas entrevistas. Posteriormente, nas conclusões e recomendações, onde foram apresentados os resultados, confirmaram-se ou infirmaram-se as hipóteses, respondeu-se às PD e conseqüentemente à PP e seguidamente, foram extraídas as principais ilações da investigação.

3.2. Método de abordagem ao problema e justificação

O modelo de investigação abordado no nosso trabalho, o procedimento científico de Quivy & Campenhoudt (2008), conduz-nos para o método de abordagem usado na nossa investigação, o hipotético-dedutivo. De acordo com Quivy & Campenhoudt (2008) este método como consta no Anexo C - Métodos de abordagem da investigação científica, é a “a construção que parte de um postulado ou conceito postulado como modelo de interpretação do fenómeno estudado. Este modelo gera, através de um trabalho lógico, hipóteses, conceitos e indicadores para os quais se terão de procurar correspondentes no real” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.144). Partiu-se assim de um modelo de análise da revisão da literatura, numa lógica de alcance de uma visão geral, declinando-se para um

⁴² “A problemática é a abordagem ou a perspectiva teórica que decidimos adotar para tratarmos o problema formulado pela pergunta de partida” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.89).

⁴³ “... só pode ser efetuada a partir de um sistema conceptual organizado, suscetível de exprimir a lógica que o investigadores supõem estar na base do fenómeno. (...) Sem esta construção teórica não haveria experimentação válida. Não pode haver, em ciências sociais, verificação frutuosa sem a construção de um quadro teórico de referência” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.28).

⁴⁴ Presente no subcapítulo 1.8. Mapa conceptual e variáveis.

⁴⁵ Esta fase baseia-se no pressuposto de que “uma proposição só tem direito ao estatuto científico na medida em que pode ser verificada pelos factos” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.28).

objeto particular: a problemática. Surgiram assim, as hipóteses, sendo estas confirmadas ou refutadas através da verificação dos seus conceitos, dimensões e indicadores⁴⁶.

3.3. Técnicas, procedimentos e meios utilizados

Segundo Fortin (2009b p.239), “A natureza do problema de investigação determina o tipo de métodos de colheita de dados a utilizar. A escolha do método faz-se em função das variáveis e da sua operacionalização e depende igualmente da estratégia de análise estatística considerada”. Face a isto, e com base nas etapas do procedimento científico de Quivy & Campenhoudt (2008), atrás referido, a rutura e a construção envolveram a análise documental e a realização de entrevistas exploratórias.

No âmbito da análise documental, sendo esta a grande parte do esforço do trabalho, demos sempre prevalência a fontes primárias designadamente, documentos legislativos relacionados com as relações Portugal - EUA, como é o caso do Acordo de Cooperação e Defesa 1995, os relatórios norte-americanos das tomadas de decisão relativos à Base das Lajes, bem como certas notícias recolhidas especialmente na imprensa local dos Açores. Com o fim de colmatar certas lacunas no que foi referido, recorreremos as certas fontes secundárias de referência na temática que interpretam esses dados. Já as entrevistas exploratórias tiveram como finalidade o levantamento de conhecimento e experiência de certos especialistas nesta matéria, sustentando assim a construção do modelo de análise científico.

Na fase da verificação, realizamos o trabalho de campo⁴⁷, para tal efetuámos entrevistas, para a nossa recolha de dados.

⁴⁶ Hipótese de investigação é a resposta temporária e provisória, é uma suposição que o investigador propõe perante uma interrogação, formulada a partir de um prolema de investigação ou pergunta de partida (Huot,2002).

Não há observação ou experimentação que não assente em hipóteses. Para Quivy & Campenhoudt (2008), uma hipótese “é uma preposição que prevê uma relação entre dois termos, que, segundo os casos, podem ser conceitos ou fenómenos. Uma hipótese é, portanto, uma proposição provisória, uma pressuposição que deve ser verificada. Pode ter duas formas diferentes. Primeira, apresenta-se como a antecipação de uma relação entre fenómeno e um conceito capaz de o explicar. Segunda forma, é certamente a mais frequente em investigação social. A hipótese apresenta-se como a antecipação de uma relação entre dois conceitos, ou o que equivale ao mesmo, entre os dois tipos de fenómenos que designam”(pp.136 e 137).

O critério de refutabilidade da hipótese obedece a duas condições. Primeira, para ser refutável deve ter um carácter de generalidade. Segunda condição, só pode ser refutada se admitir enunciados contrários que sejam teoricamente suscetíveis de verificação (Quivy & Campenhoudt, 2008).

À elaboração dos conceitos chama-se conceitualizar. Constitui uma das dimensões principais da construção do modelo de análise. Seguidamente pode-se dividir em dimensões e for fim, os indicadores que são traços facilmente observáveis (Quivy & Campenhoudt, 2008).

⁴⁷“...constatação de um facto, quer se trate de uma verificação espontânea ou ocasional, quer se trate de uma verificação metódica e planeada” (Freixo, 2011, p.195).

Optámos por estes procedimentos por nos parecerem os mais adequados face à nossa temática a estudar. Na investigação propriamente dita, recorreremos a uma aproximação qualitativa (perceções e relatórios) aliada a uma aproximação quantitativa (dados estatísticos).

Assim, entendemos que o recurso a qualquer outro tipo de procedimento na recolha de dados, como é o caso do questionário, seria desadequado para o alcance dos resultados pretendidos.

3.4. Local e data da pesquisa e recolha de dados

A pesquisa documental foi realizada essencialmente, na biblioteca da AM e da Academia da Força Aérea (AFA), no IESM, nas bibliotecas municipais de Lisboa, com base no seu respetivo catálogo apresentado na *internet* e em revistas científicas sobre assuntos relativos à Base das Lajes. Quanto às fontes secundárias, a *internet* foi uma mais-valia para a obtenção de informação recente de certos organismos nacionais e organizações internacionais, bem como para a consulta de legislação, de artigos em revistas e jornais.

Quanto às entrevistas, tiveram lugar no arquipélago dos Açores, na Ilha Terceira, bem como em Lisboa na AM, na UNL e em Carnaxide na residência privada de uma das personalidades entrevistadas.

Toda esta investigação, com o cumprimento de todas as fases do procedimento científico se desenrolou desde o mês de fevereiro de 2013 a julho de 2014. Tendo a recolha de dados, as entrevistas, decorrido entre os meses de março e abril de 2014, como consta no Apêndice C - Amostragem: entrevistas.

3.5. Amostragem: composição e justificação

Uma amostra⁴⁸ é um subconjunto de indivíduos pertencentes a uma população, ou um conjunto de organizações, pessoas ou objetos com características comuns, delimitáveis

⁴⁸ Para Sarmiento (2013), amostra é um “conjunto de elementos retirados da população, que é representativo e significativo desta população” (p.71).

Por sua vez, segundo Freixo (2011), a amostra é “um conjunto de sujeitos retirados de uma população, consistindo a amostragem num conjunto de operações que permitem escolher um grupo se sujeitos ou qualquer outro elemento representativo da população estudada” (p.182).

por critérios, possibilitando generalizar a informação recolhida através dos determinados instrumentos de recolha de dados, neste caso, a entrevista (Quivy e Campenhout, 2008).

Assim sendo, a elevada e consagrada notoriedade bem como o conhecimento profundo da temática em análise foram as principais razões que levaram à escolha dos seguintes entrevistados.

Professor Doutor António José Telo: professor catedrático na AM, autor de um vastíssimo acervo bibliográfico científico, fundamentalmente nos domínios da História, Defesa e RI. Doutorado em história, foi ainda diretor do Instituto de Defesa Nacional (IDN), a par de outras responsabilidades académicas e institucionais.

Professor Doutor Nuno Severiano Teixeira: professor catedrático e Pró-reitor da Universidade Nova de Lisboa (UNL), autor de uma extensa bibliografia no campo da História, Defesa e RI. Doutorado em história das RI contemporâneas, exerceu funções como diretor do IDN e do Instituto de Relações Internacionais (IRI). Foi ainda ministro da Administração Interna e da Defesa Nacional nos XIV e XVII Governos Constitucionais.

General Loureiro dos Santos: conferencista e autor de um vasto conjunto de obras e de artigos sobre Estratégia, Segurança e Defesa. Doutorado em Ciências Militares, lecionou no IAEM, no Instituto de Altos Estudos da Força Aérea (IAEFA)⁴⁹ e no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP). Desempenhou também as funções de Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, de Ministro da Defesa Nacional dos IV e V Governos Constitucionais e de Chefe de Estado-Maior do Exército.

Mestre Armando Mendes: Jornalista na RTP Açores, Mestre em RI, autor de vários ensaios e artigos sobre História Científica, Direito Regional e RI.

Embaixador Pedro Alves Catarino: Representante da República para a Região Autónoma dos Açores. Licenciado em direito, exerceu funções, entre outras, no período de 1989-1992 como chefe da delegação portuguesa para a negociação do novo Acordo de Cooperação e Defesa entre Portugal e os EUA, que viria a ser assinado em 1995 e, embaixador em Washington entre os anos 2002 e 2006. Major-General Luis António Ruivo: Piloto Aviador da FAP e desempenha funções como Comandante da Zona Aérea dos Açores desde setembro de 2012.

Face aos conceitos de Freixo (2011), optamos pela amostragem não probabilística, ou seja, a criação de uma amostra constituída por elementos de uma população que não detém a mesma probabilidade de integrá-la. Face a isto, optámos pela técnica de amostragem por seleção racional, permitindo ao entrevistador escolher a sua amostra com base em certas características típicas.

⁴⁹ Teve origem na Escola de Estudos Superiores da Força Aérea (EESFA) criada a 23 de novembro de 1966. Em 2005, o IAEFA foi fundido no IESM, instituto comum aos três ramos das Forças Armadas e à Guarda Nacional Republicana (IESM, 2014).

3.6. Descrição dos procedimentos de análise e recolha de dados

Segundo Quivy & Campenhoudt (2008, p.192), as entrevistas “permitem ao investigador retirar informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados. (...) os métodos de entrevista caracterizam-se por um contacto directo entre o investigador e os seus interlocutores...”. Assim, o entrevistador tem o papel de facilitar a expressão de experiências e sentimentos do entrevistado, evitando, porém, que este se afaste dos objetivos da investigação.

Posto isto, quanto ao tipo de entrevista, optamos pela semidiretiva⁵⁰, ou semidirigida, isto é, o investigador dispõe de uma série de perguntas-guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.192). Assim, elaboramos antecipadamente um guião de entrevista, como consta no Apêndice B - Guião da entrevista, perguntas relativamente abertas e com um máximo de nove perguntas, as quais foram praticamente comuns a todos os entrevistados. Sarmiento (2013), classifica ainda as entrevistas quanto ao modo e ao número de sujeitos, ou seja, as nossas entrevistas foram realizadas de modo presencial⁵¹ e individual⁵².

Para a análise dos dados recolhidos, foram utilizados os métodos específicos de Quivy & Campenhoudt (2008), desenvolvidos fundamentalmente em três fases: numa primeira fase, a preparação dos dados: descrever e agregar, ou seja, com a criação de um quadro com o resumo das respostas agrupadas de cada entrevistado à respetiva pergunta, como podemos ver no Apêndice D, posteriormente agregadas em unidades de contexto e de registo, como consta no Apêndice E; numa segunda fase, a análise das relações entre as variáveis, plasmada no Apêndice F e, finalmente, a análise e discussão das respostas obtidas, apresentado no Capítulo 4. Para Oliveira (2008), há diferentes tipos de técnicas de análise de dados. Optámos por dois, pela análise qualitativa, que se preocupa com a

⁵⁰ “É semidiretiva no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas” (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.192). Para Fortin (2009b), o investigador recorre à entrevista nos casos em que deseja obter mais informações particulares sobre um tema. No que toca à entrevista dirigida, o investigador tem elevado controlo sobre o conteúdo e o desenvolvimento das trocas, assim como sobre a análise e a interpretação das medidas.

⁵¹ Para Sarmiento (2013), a entrevista quanto ao modo pode ser: presencial, telefónica, pela internet e por videoconferência.

⁵² Quanto ao número de sujeitos, Sarmiento (2013) classifica a entrevista como: individual, quando a realização da entrevista apenas envolve dois elementos, o entrevistado e entrevistador; grupal, quando um entrevistador recolhe informações de vários participantes; painel de entrevistadores, quando um pessoa é entrevistada por dois ou mais entrevistadores, na televisão (TV) e por fim painel de entrevistadores e grupo de entrevistados, quando várias pessoas são entrevistadas por vários entrevistadores em conjunto.

presença ou ausência de determinada característica, e pela análise quantitativa, que trata a frequência do aparecimento de certas características e aplica métodos de estatística, como consta no Capítulo 4 - Apresentação, análise e discussão dos resultados. Já Moscovici (2003), considera que há dois métodos distintos de análise de dados, o fechado e o aberto ou exploratório⁵³. Optámos pelo fechado, ou seja, estabelecemos categorias pré-definidas anteriores à análise propriamente dita, como foi o caso do guião da entrevista, onde as perguntas foram elaboradas de acordo com a categoria e a subcategoria a que pertenciam.

3.7. Descrição dos materiais e instrumentos utilizados

A escolha de um instrumento de recolha de informação depende dos objetivos da investigação, do modelo de análise e das características do campo de análise. Assim de acordo com estes aspetos, uma vez que se trata de uma observação indireta⁵⁴, o instrumento de observação é um questionário ou um guião de entrevista (Quivy & Campenhoudt, 2008). Com isto, os instrumentos de recolha de dados usados foram, designadamente, pesquisa documental, entrevista exploratória e entrevista semidirética.

A pesquisa documental, centrou-se em fontes primárias, principalmente na legislação e documentos das demais Organizações Internacionais (OI), notícias e elementos doutrinários, mas também em obras de autores reconhecidos sobre o objeto de estudo. As entrevistas exploratórias direcionaram-se, logo na primeira fase do estudo, a individualidades com fortes conhecimentos na temática, para o apuramento da problemática. Por fim, as entrevistas semidiréticas, direcionadas aos entrevistados por nós selecionados e referidos no Apêndice C – Amostragem: entrevistas. Nas mesmas entrevistas aqui tratadas, foi utilizado como forma de garantir a segurança e credibilidade da informação colhida, um gravador de som, naturalmente com a necessária e prévia anuência dos entrevistados⁵⁵.

⁵³ Não têm categorias pré-definidas, sendo a análise de conteúdo exploratória (Moscovici, 2003).

⁵⁴ O investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada, enquanto na observação direta é o próprio investigador que procede diretamente à recolha de informação, sem se dirigir aos sujeitos interessados (Quivy & Campenhoudt, 2008).

⁵⁵ Segundo Sarmento (2013), “o entrevistador antes de iniciar a entrevista, pede ao entrevistado autorização para fazer a gravação. O entrevistador tem de gerir o tempo da conversa, não ultrapassar cerca de 40 a 50 minutos. (...) Registrar as palavras ditas pelo entrevistado, evitando os resumos. (...) Terminar antes de chegar ao fim, caso o ambiente seja muito emotivo ou opressivo” (p.45).

Capítulo 4

Apresentação, análise e discussão dos resultados

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu,
mas pensar o que ninguém ainda pensou
sobre aquilo que todo mundo vê”
Arthur Schopenhauer (1974)

4.1. Contributos da Base das Lajes

A apresentação, análise e discussão de resultados subjacentes a este capítulo, são referentes à PD1: “*Qual a relevância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas relações Portugal - EUA?*”. Com isto, pretendemos com este capítulo apresentar os contributos da Base das Lajes na relação das partes.

4.1.1. Utilização da Base das Lajes

Em março de 2009, o General Bantz Craddock, comandante do Comando Europeu dos Estados Unidos (EUCOM), reafirmou que a Base das Lajes era uma infraestrutura vital⁵⁶, traduzindo-se no apoio à projeção do seu poder, no âmbito do combate e mobilidade aérea, em apoio da estratégia de segurança nacional, como é o caso do contra terrorismo e as operações no Médio Oriente e Afeganistão (Escorrega, 2010).

⁵⁶ Fazendo uma relação, ainda que longe, com o conceito de «vital» que usa Couto (1988), quando classifica os objetivos «vitais», importantes e secundários de um Estado. Ou seja, objetivos vitais são considerados como “(...) diretamente indispensáveis à sobrevivência nacional, pelo que, se necessário, o Estado mobilizará para a sua consecução ou preservação, todos os recursos e recorrerá a todos os meios ou processos, militares e não militares, que estiverem ao seu alcance; Este não é negociável. (...) são considerados objetivos importantes os objetivos que se relacionam de forma significativa, com os fins últimos da política, mas sem serem indispensáveis à sobrevivência nacional. (...) Os objetivos secundários alimentam o grosso da vida internacional e da actividade diplomática. As relações internacionais são, assim, essencialmente constituídas, a todo o momento, por uma teia em que se negociam objetivos secundários através de concessões mútuas. (...) Diz-se, por vezes, que, por objetivos vitais “morre-se”; por objetivos importantes, “combate-se”; e, por objetivos secundários, “negoceia-se”” (pp. 64-66).

Segundo Lajes Field (s.d.), durante a I Guerra do Golfo, em 1991, a Base das Lajes apoiou 12 mil operações de aeronaves, tendo as operações de reabastecimento envolvido mais de 40 milhões de galões de combustível, durante a guerra passaram pelas Lajes cerca de 75 mil militares norte-americanos envolvidos nas operações⁵⁷.

Ainda em 1991, a base apoiou a operação humanitária a favor dos curdos do Iraque; em 1992-93 deu apoio ao reabastecimento aéreo, com 6 reabastecedores⁵⁸ estacionados, à operação na Somália; ainda em 1993, apoiou as operações na Bósnia com uma força de oito reabastecedores e com suporte em terra à operação dos aviões P-3 de vigilância e luta antissubmarina; em 1994, reabasteceu as patrulhas realizadas no sul do Iraque e apoiou com aviões de carga a operação de ajuda humanitária no Ruanda; em 1995, apoiou o transporte aéreo para a Bósnia; em 1996, durante a evacuação de cidadãos americanos da Libéria, uma força de oito reabastecedores operou a partir das Lajes e o cargueiro C-5 que retirou da Libéria o equipamento e o pessoal da embaixada norte-americana, aterrou mesmo nas Lajes antes de seguir para os EUA; em 1998, durante a operação Raposa do Deserto⁵⁹, a Base das Lajes deu apoio a aviões C-17 que transportaram equipamento militar para o teatro de operações (Lajes Field, s.d.).

Já no final da década de noventa, em 1999, as Lajes apoiaram as aeronaves caças norte-americanos nos ataques aéreos contra às forças sérvias no Kosovo. Já em 2001, na intervenção no Afeganistão, a Base das Lajes desempenhou um papel considerado “pivot” no apoio à operação (Baillie, 2002)⁶⁰.

Em 2003, as forças dos EUA e da coligação uniram esforços para libertar o Médio Oriente da ameaça de Saddam Hussein com armas de destruição em massa, as Lajes apoiam o movimento de aeronaves para esse conflito. Operaram a partir das Lajes cerca de 30 reabastecedores, apoiados por cerca de 600 especialistas (Mendes, 2006). Em 18 de março de 2011, o CS da ONU aprovou a Resolução 1973 instituindo a *No Fly Zone*, em

⁵⁷ No ponto mais alto da operação operaram com base nas Lajes 33 aviões reabastecedores apoiados por 600 especialistas destacados de território norte-americano (Lajes Field, s.d.).

Um galão americano corresponde a 3,79 Litros, cfr: <http://www.convertworld.com/pt/volume>. Só no primeiro dia da operação passaram pelas Lajes mais de 90 aeronaves. No ponto alto da operação operaram com base nas Lajes 33 aviões reabastecedores, apoiados por 600 especialistas dos EUA (Lajes Field, s.d.).

⁵⁸ Avião reabastecedor *KC-135 Stratotanker*.

⁵⁹ Quatro dias de ataques aéreos sobre alvos no Iraque entre 16 e 19 de dezembro de 1998 pelos EUA e Reino Unido. A maior ofensiva militar conta o Iraque desde a I Guerra do Golfo (RicardoOrlandini, 2014).

⁶⁰ “In the Azores at Lajes Field, we will provide a nine-outlet hydrant fuel system for \$19.0 million to replace an old hydrant system that had been taken out of service due to environmental concerns and interference with airfield communications and operations. This base provides essential support for Expeditionary Air Force deployments as well as ground and in-flight refueling of aircraft transiting the Atlantic Ocean. The base has had a pivotal role in supporting Operation Enduring Freedom” (Baillie, 2002, pp.5 e 6).

respostas à agitação cívil na Líbia e para deter a agressão do regime de Muammar Kadafi⁶¹. No dia seguinte, franceses, britânicos e as forças militares norte-americanas na região do Mediterrâneo desencadearam um ataque preventivo, com caças bombardeiros e misséis cruzeiro, contra as defesas aéreas líbias. As Lajes apoiaram o movimento de aeronaves na operação da ONU. No mês seguinte, 4 de abril, os EUA entregaram o comando das operações da Líbia à OTAN. Assim, a operação na Líbia sob a Resolução 1973 da ONU, tornou-se a operação *Unified Protector*. Bélgica, Bulgária, Canadá, Dinamarca, França, Grécia, Itália, Holanda, Noruega, Roménia, Espanha, Turquia, Reino Unido, e os Estados Unidos contribuíram com aviões, navios e forças em apoio à operação (Lajes Field, s.d.).

Em conclusão, as Lajes têm sido o “*Crossroads* do Atlântico fazendo a ponte da extensão de todo o oceano aberto. Na maioria das contingências que exigiram forças, aeronaves e cruzamento do Atlântico pelos aliados dos EUA, as Lajes tiveram um papel de apoio. De B-17 e C-47 para B-1s e C-17⁶², a Base das Lajes foi, e continuará a ser, uma base no meio do Atlântico que recebe as aeronaves, tripulação, equipamento e pessoal, para onde eles precisam de ir, para voar, lutar e vencer ” (Lajes Field, s.d., p.24).

Relativamente às personalidades entrevistadas, no que diz respeito à Q1, o papel da Base das Lajes no estacionamento e projeção de força, cujos os resultados se apresentam na Tabela nº10 – Resultados da Q1, expressa no Apêndice F, a totalidade dos entrevistados afirmaram que a Base das Lajes tem tido um papel importante no estacionamento e projeção de força norte-americana, nos conflitos pós Guerra-Fria.

Da consonância à Q1, as categorias mais importantes dentro do estacionamento e projeção de força, tendo como referência a codificação das repostas à Q1 na Figura nº1, foram as operações logísticas e o movimento de aeronaves, com 50% dos entrevistados a referenciá-las. Ainda da consonância à Q1, auferimos que os teatros de operações em que a Base das Lajes teve um papel importante no trânsito de aviões⁶³, foram o Afeganistão e o Iraque, com 83% de peso na frequência de respostas no total dos entrevistados.

⁶¹ Considera-se *No Fly Zone* um território ou área sobre a qual as aeronaves não estão autorizadas a voar. Essas zonas são normalmente configuradas em contexto militar, um pouco como uma zona desmilitarizada no céu, e, geralmente, proibir aeronaves militares dos beligerantes de operar na região (Congressional Research Service, 2013).

Chefe de estado da Líbia desde 1969 até agosto de 2011.

⁶² Avião B-17 foi um bombardeiro pesado, produzido pela *Boeing* nos EUA entre 1936-45 e extinto em 1968. A aeronave C-47 tinha como missão transporte de militares, produzido pela *Douglas Aircraft Company* nos EUA em 1941, foi utilizado pelos Aliados na 2GM e permaneceu ao serviço até 1950.

Ou seja, estamos a falar de dois modelos já extintos para modelos mais avançados. Isto é, a Base das Lajes tem acompanhado estas mudanças e atualizações.

⁶³ Quando dizemos «trânsito de aviões» estamos-nos a referir ao movimento de aeronaves que se faz sentir pela Base das Lajes.

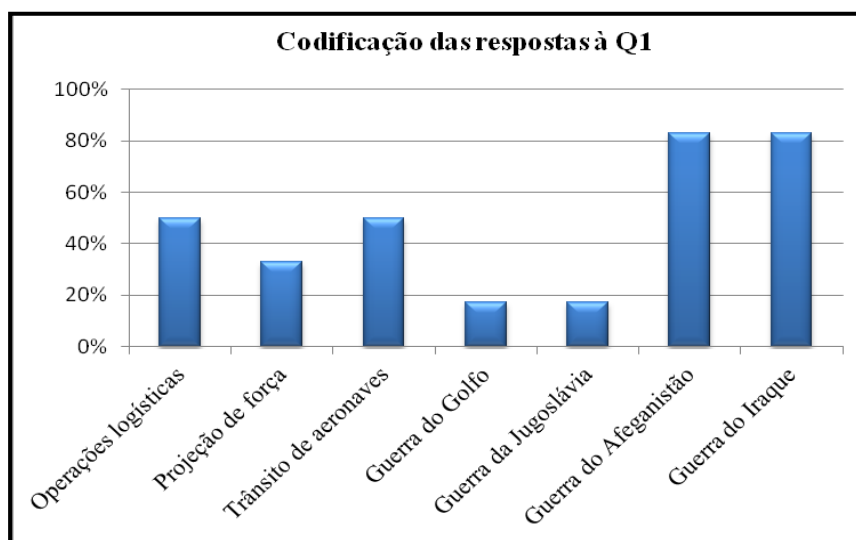


Figura nº 1 - Frequência de respostas à Q1

4.1.2. Acordo de Cooperação e Defesa de 1995

Neste ponto pretendemos perceber qual o papel da Base das Lajes na assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995, entre Portugal e os EUA.

Segundo Mendes (2006), as negociações entre “Portugal e os EUA que redundaram no Acordo de 1995⁶⁴ decorreram na transição de um sistema mundial - o bipolar, que acabou com o colapso da União Soviética - para outro - o unipolar, no qual os Estados Unidos são a única potência global. Começam quando a *Base Force* é aprovada (1991) e são concluídas já na vigência da BUR (1995)” (p.47).

Nas negociações competia a Portugal perceber se a Base das Lajes, objeto central da relação com os EUA no sistema anterior e que tinha conferido ao país a possibilidade de usufruir de um papel disfuncional importante nesse sistema⁶⁵, continuava a conferir essa vantagem ou se, pelo contrário, a importância estratégica dos Açores estava esbatida no

⁶⁴ Resolução n.º 38/95, de 21 de junho de 1995, da Assembleia da República. Esse acordo, que legitima a utilização e manutenção das instalações à condução de operações militares, bem como para o movimento de aeronaves militares dos EUA pela Base das Lajes. O mesmo revoga, principalmente, o Acordo de Defesa assinado por Portugal e os EUA, em 6 de setembro de 1951.

⁶⁵ Para Telo (2006) “... um pequeno poder que representou um papel importante em muitas das crises e pontos de viragem que marcaram os últimos séculos - foi nele que, por exemplo, começou a derrota dos “invencíveis” exércitos de Napoleão. É a este caso peculiar no sistema internacional, esta “extravagância” global, que gosto de chamar a disfunção portuguesa. Disfunção em relações internacionais tem um sentido diferente da sua aceção clínica. No campo da medicina, uma “disfunção” é algo negativo, pois representa um funcionamento anormal de um órgão, que cria complicações ao que o alberga. No campo das relações internacionais, disfunção é o funcionamento anormal de uma das entidades componentes do sistema, independentemente de ser para o bem ou para o mal” (pp.12-13).

novo sistema, sendo então necessária, se possível, construir em outras bases⁶⁶ a relação com os EUA (Telo, 1993). Para Mendes (2006), Portugal optou pela segunda possibilidade, devido ao desconhecimento do pensamento estratégico norte-americano fixado nos documentos analisados no Capítulo 2 - Revisão da literatura⁶⁷. O referido Acordo não tem a mesma interpretação pelas partes, ou seja, são assinados “dois Acordos”. Para os EUA é pouco menos do que um “Acordo das Lajes”.⁶⁸ Já o discurso português enfatiza a desvalorização da importância da Base das Lajes para os EUA no pós Guerra-fria. Vai ainda mais longe, ao afirmar que esteve presente um desejo dos responsáveis portugueses em assinar o Acordo de Cooperação com os EUA para retirar à base açoriana um papel central nas relações entre os dois Estados (p.55).

Em 2002, o Departamento de Estado norte-americano anota num relatório para o Congresso, que o grande interesse norte-americano nas relações com Portugal é continuar a ter acesso à Base das Lajes, que é uma componente chave da projeção de força dos EUA, particularmente para os Balcãs, Médio Oriente e, mais recentemente, para o sul da Ásia, particularmente para o Afeganistão (US Department of State, 2002).

Como reforço à ideia anterior, entendemos que é relevante refletir, quando a GAO apresenta um estudo onde àquela data⁶⁹, decorriam as negociações entre Portugal e os EUA para a renovação do Acordo das Lajes. O que demonstra possivelmente a preocupação pela importância da Base das Lajes para os EUA.

Passando para uma outra perspetiva e tendo em consideração a nossa amostra de entrevistados, presente na Tabela nº 11, codificação das respostas à Q2, concluímos que todos os entrevistados concordam que a Base das Lajes foi o objeto central na assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995. Ainda com base na mesma tabela, auferimos que 83% dos entrevistados considera que as partes reconhecem que a Base das Lajes foi o objeto central do Acordo, bem como o período para assinatura do mesmo, foi adequado à situação.

⁶⁶ O termo bases aqui é no sentido de Portugal ter outras possibilidades além da Base das Lajes e não no sentido de bases aéreas.

⁶⁷ No ponto sub-capítulo 2.3. Estratégia militar norte-americana no período pós Guerra-fria - *Base Force* (1991), a *Bottom-Up Review* (BUR) (1993) e a *Quadrennial Defense Review* (QDR) em 1997.

⁶⁸ O próprio Secretário de Estado norte-americano Warren Christopher designa o Acordo de “*Lajes Agreement*” na cerimónia da assinatura, em Lisboa. Na ata final, deixa bem claro que “O Acordo (...) assegura o uso contínuo pelos Estados Unidos de facilidades na base aérea estratégica dos Açores”. (citado por Mendes, 2006, p.55)

⁶⁹ Estudo esse que apresentamos mais ao pormenor no subcapítulo 4.3.2, respetivo à caracterização da Base das Lajes.

4.1.3. Cimeira das Lajes 2003

A Base das Lajes, desde os seus primeiros dias de existência, que recebeu muitos visitantes ilustres. Proporciona um ambiente ideal para os representantes e chefes de estado, para parar, reabastecer e descansar durante as viagens transatlânticas (Lima, 2013).

O presidente Dwight D. Eisenhower⁷⁰ foi o primeiro presidente americano a visitar as Lajes, em 1960. Possivelmente uma das visitas de que mais se falou foi em dezembro de 1972, quando o presidente Richard Nixon⁷¹ se encontrou com o presidente francês Georges Pompidou, e o primeiro ministro português Marcelo Caetano para uma conferência de alto nível. Menos de dois anos depois, Richard Nixon reuniu com o novo presidente de Portugal, António de Spínola, após o 25 de Abril, tornando-se assim o primeiro presidente a visitar duas vezes as Lajes (Lajes Field, s.d.).

Uma das reuniões internacionais mais históricas a tomar lugar na ilha ocorreu em 16 de março de 2003, a Cimeira das Lajes, quando a base, em menos de 48 horas, recebe, sem precedentes, a notificação de uma reunião de quatro chefes de estado: presidente George W. Bush (EUA); o primeiro-ministro Tony Blair (Reino Unido); o primeiro-ministro José Manuel Durão Barroso (Portugal) e o primeiro-ministro José Maria Aznar (Espanha) (Lima, 2013).

Esta serviu dois propósitos e para dois públicos distintos. Primeiro, a cimeira foi destinada a mostrar ao mundo que, apesar da relutância francesa, alemã, russa e chinesa em ultimar diretamente Saddam Hussein⁷², foram as nações ocidentais aliadas com os EUA a enfrentar o regime iraquiano. Em segundo lugar, foi uma clara tentativa de comunicar ao povo iraquiano a ideia de que a vida da sua nação poderia ser sem um regime tirano. Em retrospecto, a cimeira também pode ser vista como uma compensação das plataformas para a ação militar que começaria menos de quatro dias mais tarde: as forças norte-americanas e britânicas foram projetadas para o Iraque nas primeiras horas da manhã no dia 20 de março de 2003 e assim começou a Guerra do Iraque (Lajes Field, s.d.).

A Cimeira teve outros locais como hipóteses para a sua realização, Washington, Londres, Barbados e Bermudas. Estes locais foram descartados, por um lado, por serem locais demasiados próximos dos EUA ou distantes do Reino Unido, ou o inverso; por outro lado, por estarem permanentemente sob o fogo da opinião pública desses mesmos países.

⁷⁰ Foi o 34º presidente dos Estados Unidos desde 1953 até 1961.

⁷¹ O 37º presidente dos Estados Unidos desde 1969 até 1974 e o único daquele país a renunciar o mandato.

⁷² O 5º presidente do Iraque desde 16 de julho de 1979 até 9 de abril de 2003. Acumulando, também o cargo de primeiro-ministro nos períodos de 1979-1991 e 1994-2003 (Balaghi, 2008).

Assim, foi o primeiro-ministro espanhol que sugeriu ao presidente George W. Bush que o encontro se realizasse nos Açores, referindo que “não havia melhor local que as ilhas dos Açores, que tinham uma tradição de reuniões atlânticas”⁷³ (citado por Lima, 2013, p.162).

Por fim, com as entrevistas realizadas pretendemos provar qual a razão da escolha do local para a realização da cimeira. Na Figura nº 2, que organiza as respostas à Q3, os entrevistados consideram, a evitação do mediatismo, possíveis manifestações e o interesse pela conjuntura política, as principais razões, conducentes à realização da cimeira. Metade dos entrevistados referem, também, que a realização da cimeira nas Lajes foi uma mais-valia para Portugal, acima de tudo na visibilidade internacional que a cimeira proporcionou.

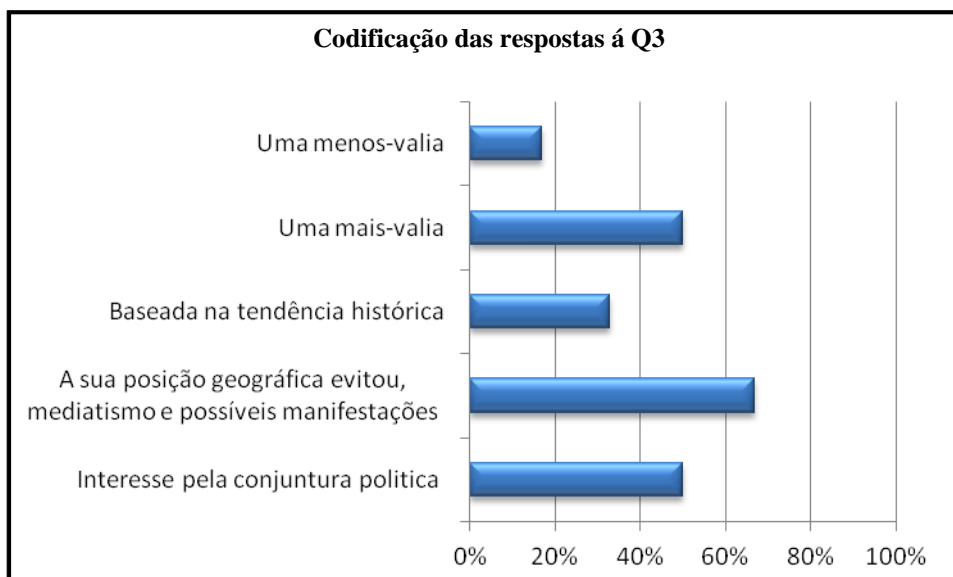


Figura nº 2 - Frequência de respostas à Q3

4.1.4. Discussão dos resultados

Neste subcapítulo, pretendemos demonstrar a concordância ou a discordância dos resultados obtidos, comprovando ou não as hipóteses, o seu significado e estabelecer relações da causa e efeito.

⁷³ “Parece que subitamente Aznar se lembrou da cimeira entre Nixon e Pompidou, em 1971, forjada por Kissinger e Giscard d’Estaing e onde Marcelo Caetano apareceria como anfitrião, na altura um encontro com vista a aliviar as relações transatlânticas provocadas por tensões económicas e pela política monetária americana” (Martins, 1996,p.162).

Quanto aos nossos entrevistados, concluímos que no estacionamento e projeção de força norte-americana, pós Guerra-fria, a Base das Lajes teve um papel muito importante, principalmente nas operações logísticas e no movimento de aeronaves. Este papel, face à situação criada depois do 11 de setembro, fez-se sentir, de uma forma mais evidente, nos teatros de operações do Afeganistão e, mais tarde, no Iraque. Esta é uma situação diferente da anterior, referimo-nos à Guerra do Golfo e da Ex-Jugoslávia. Diferença esta, quer num caso quer noutro, em particular no Iraque em 2003, os EUA e o apoio por parte dos parceiros da OTAN, teve fortes restrições, ou seja, na projeção de força via Atlântico, depois na ligação ao Mediterrâneo e por fim ao Médio Oriente. As alternativas são menores do que na altura da Ex-Jugoslávia e do Golfo, leia-se I Guerra do Golfo.

Já segundo Lajes Field (s.d.) é curioso notar que os números da I Guerra do Golfo se assemelham com os números da II Guerra do Golfo⁷⁴. O papel das Lajes é mesmo considerado decisivo na II Guerra do Golfo⁷⁵. Assim, no nosso entender, com base no subcapítulo 4.1.1. Utilização da Base das Lajes, provamos que as Lajes têm sido utilizada em boa parte dos conflitos em que os EUA se têm envolvido desde o fim da Guerra-fria

Desta forma, já provamos que a Base das Lajes tem apresentado um papel importante na projeção de força pelos EUA, passamos agora à segunda variável estudada: se a Base das Lajes teve, também, o mesmo papel na assinatura do Acordo de Cooperação de 1995. Esta importância, é considerada por todas as individualidades entrevistadas. Contudo, segundo Mendes (2005) a referida importância não é coincidente nas partes. Da parte portuguesa esteve presente uma intenção de afastar o devido valor, ou mesmo a atribuição central à Base das Lajes, no acordo. Temos, por um lado, os norte-americanos a referirem o Acordo das Lajes⁷⁶; por outro lado, os portugueses a mencionarem o Acordo de Cooperação e Defesa. Podemos, ainda, acrescentar mais um ponto importante para esta problemática, passados sete anos da assinatura do acordo, o Departamento de Estado norte-americano anota num relatório, que o grande interesse norte-americano nas relações com Portugal é continuar a ter acesso à Base das Lajes (US Department of State [USDOS], 2002).

⁷⁴ Como podemos verificar pelos números apresentados no subcapítulo 4.1.1. Utilização da Base das Lajes.

⁷⁵ O General Charles Wald, segundo comandante do EUCOM, disse nas Lajes a 07 de maio de 2003: “Os Açores têm desempenhado um papel tremendamente significativo no sucesso dos Estados Unidos e da coligação no Iraque. Nunca poderíamos tê-lo feito sem o apoio dos Açores e a capacidade ilimitada que temos tido para projetar poder aéreo através desta região. Nunca esqueceremos isso” (Monjardino, 2003, p.5).

⁷⁶ O próprio secretário de Estado norte-americano, Warren Christopher, designou de *Lajes Agreement* na cerimónia de assinatura, em Lisboa, da Ata final, e deixou claro que o Acordo (...) assegura o uso contínuo pelos Estados Unidos de facilidades na base aérea estratégica dos açores (USDOS, 1995).

Com base no que foi dito anteriormente, afirmarmos que a Base das Lajes teve um papel importante e até podemos ir mais longe, foi provavelmente o objeto central nas negociações para o Acordo de Cooperação e Defesa de 1995.

Terceira e última variável nesta HIP, por nós identificada, está relacionada com a Cimeira que decorreu em 2003 na Base das Lajes. Pretendemos saber qual a razão para a escolha do local. Para a maioria (67%) dos nossos entrevistados, essa razão deve-se à sua posição geográfica. Isto é, devido às dimensões reduzidas da ilha e ao próprio acesso à mesma, evitava-se, assim, um certo mediatismo e até possíveis manifestações da sociedade internacional, uma vez que se discutia uma possível invasão do Iraque⁷⁷. Por conseguinte, foi uma mais-valia para Portugal, acolher um evento desta natureza, privilegiando assim a sua visibilidade internacional. O próprio primeiro-ministro português, Durão Barroso, viria a ocupar um cargo de destaque na UE, facto a que a Cimeira das Lajes não terá sido alheia.

4.2. Benefícios para Portugal, resultantes da Base das Lajes

Neste subcapítulo pretendemos apresentar, analisar e discutir os benefícios para Portugal, que advém da Base das Lajes nas relações Portugal – EUA. Para tal referimo-nos à PD2: “*Qual o impacto para Portugal, resultante da Base das Lajes?*”

4.2.1. A Defesa Nacional

Antes de especificarmos os benefícios, apresentamos desde já, na Figura nº 3, que 57% dos entrevistados referem que Portugal retirou benefícios com a assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa em 1995.

No que diz respeito aos benefícios ao nível da Defesa Nacional, questionado na Q5, os entrevistados consideram o equipamento militar. Portugal entre 1995 e 2000 recebeu material excedentário norte-americano no valor de cerca 354 milhões de dólares, com a maior receita em 1998, quando Portugal recebeu 25 aviões F16, bem como ao nível da formação militar, designadamente o programa IMET⁷⁸ (Mendes, 2006).

⁷⁷ O que viria acabar por acontecer no dia 20 de março de 2003

⁷⁸ Programa de formação militar, de certos quadros militares portugueses, em cooperação com os EUA codificada no Acordo de Cooperação e Defesa. Ver Anexo J – Investimento dos EUA no IMET em Portugal.

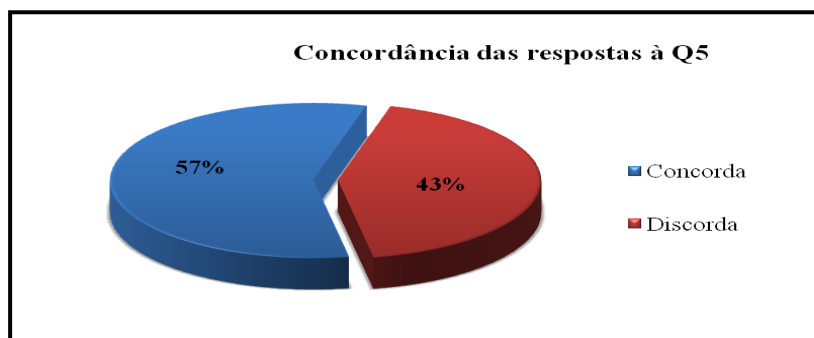


Figura nº 3 - Percentagem da concordância à Q5

Já para a sociedade civil (cooperação universitária, académica) como os maiores benefícios, como 67% e 50% respetivamente, apresentados na Figura nº4.

Em reforço do referido anteriormente, o Departamento de Estado norte-americano em 2002 anota num relatório, para o congresso, que Portugal dá particular importância ao treino IMET. Os portugueses vêem-no como parte valiosa da cooperação especificada no Acordo de Cooperação e Defesa (USDOS, 2001)⁷⁹.

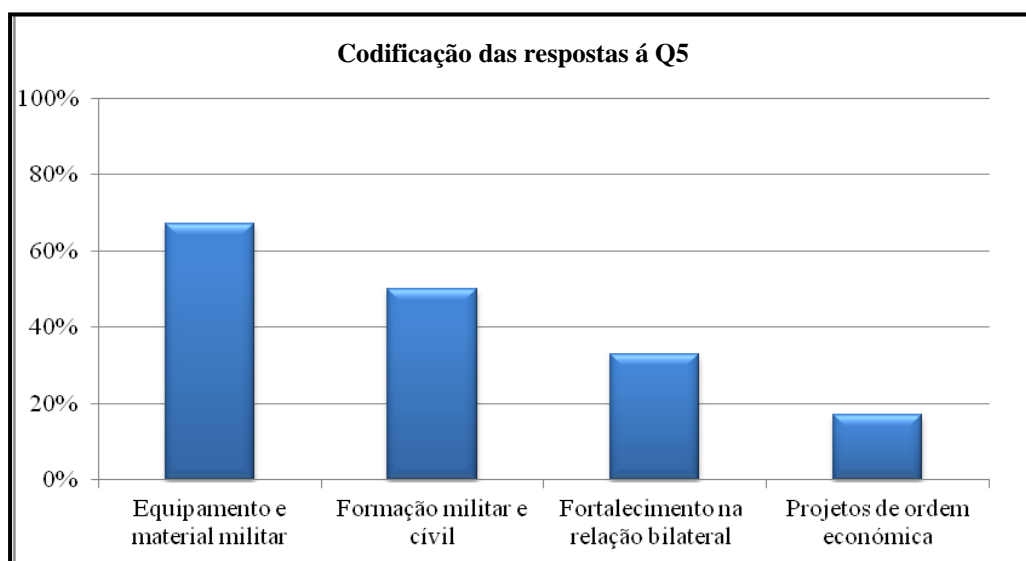


Figura nº 4 - Frequência de respostas à Q5

Portugal beneficiou, também, nos investimentos dos norte-americanos realizados na Base das Lajes, na grande maioria infraestruturas de apoio, como é o caso de novas habitações, substituição da clínica dentária, construção de uma nova escola pré-primária,

⁷⁹ No Anexo J, apresentamos os valores investidos pelos EUA no programa. Apresentamos como exemplo os anos 2000 e 2001.

entres outras. Desde os anos 90 até ao presente, foram investidos na Base das Lajes cerca de 170 milhões de dólares (M\$), nas infraestruturas atrás referidas, como consta na Figura nº 5⁸⁰.

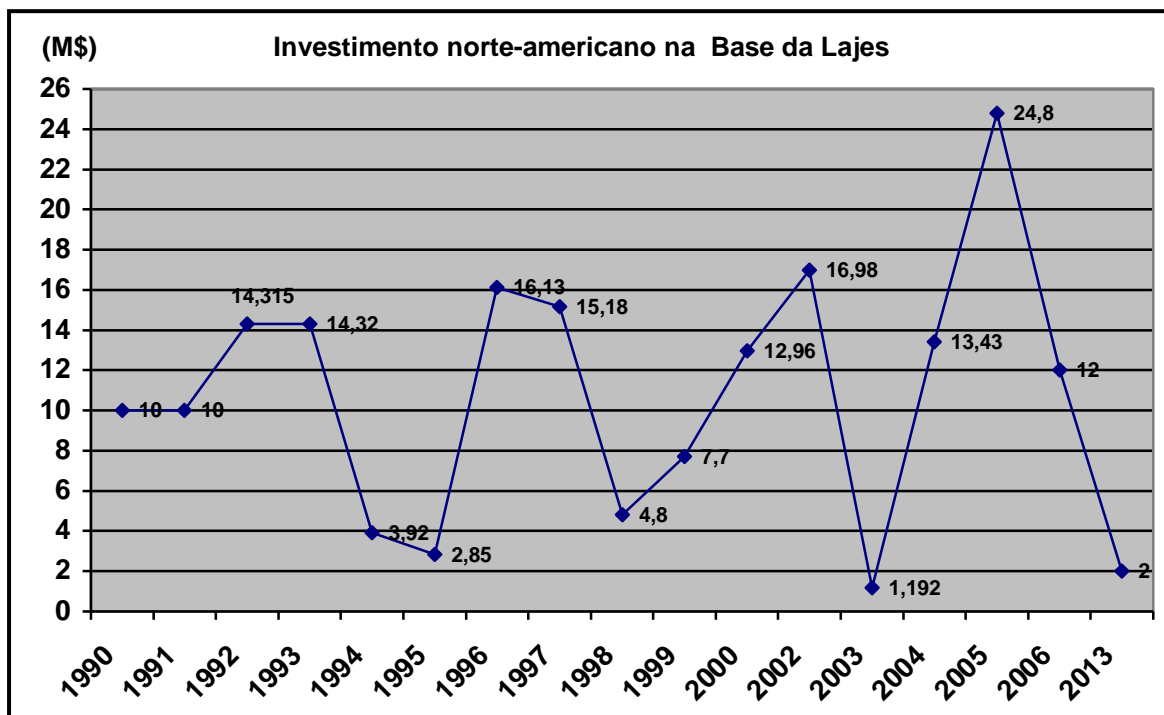


Figura nº 5 - Investimentos na Base da Lajes

4.2.2. Economia açoriana

Relativamente à Q6, exclusiva à economia açoriana, tem por finalidade saber até que ponto a presença dos militares norte-americanos na Base das Lajes pode influenciar na economia local. Os resultados expostos na Figura nº 6, traduzem a total concordância dos entrevistados ao afirmarem que a presença militar dos EUA na Base das Lajes, é considerada uma mais-valia significativa na economia local açoriana.

Da consonância à Q6, 50% dos entrevistados justifica que essa mais-valia é muito significativa devido às dimensões reduzidas da ilha, isto é, qualquer investimento considerável na região, tem um peso muito significativo na sua economia.

⁸⁰ As fontes para realização do respetivo gráfico estão apresentadas nas referências bibliográficas e dizem respeito ao Congresso. Essas mesmas fontes estão apresentadas pelos anos fiscais norte-americanos, expeto o período do ano 1991 a 1995 inclusive que são referentes a Mendes (2006).

No decorrer desta questão, foi levantada uma observação pertinente para a temática, com 67% dos entrevistados a considerarem que a economia açoriana tem uma grande dependência das receitas geradas pelos norte-americanos, assim como existe uma ausência de alternativas das entidades locais para combater essa dependência⁸¹.

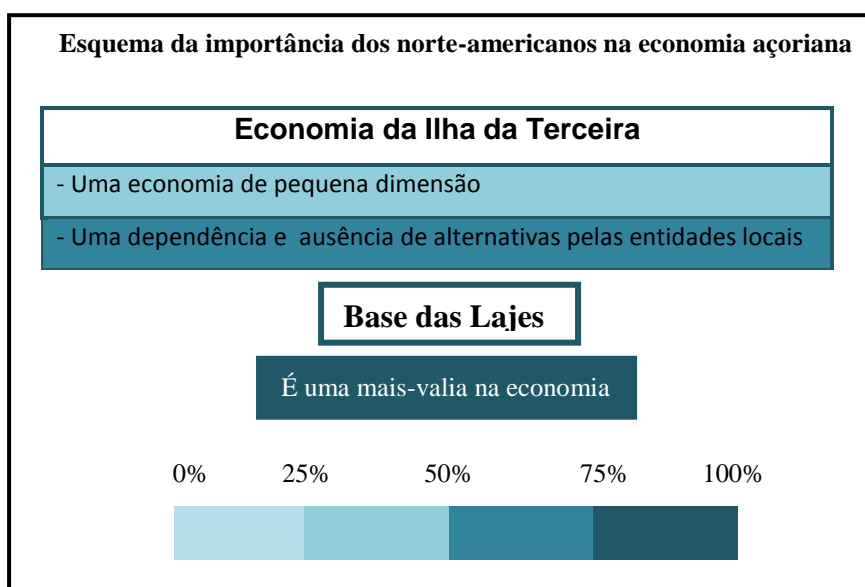


Figura nº 6 - Frequência de respostas à Q6

4.2.3. Visibilidade no Sistema Internacional

Ainda no âmbito dos benefícios para Portugal resultantes da Base das Lajes, só que agora num plano mais imaterial, Portugal através da participação das Lajes na invasão do Iraque ganha visibilidade no sistema internacional⁸², quer através da Cimeira das Lajes⁸³, quer através da possibilidade de responsáveis portugueses manterem um canal de diálogo aberto como os EUA.

Ao analisarmos a Q7, estruturada na Figura nº 7, apercebemo-nos que 80% da nossa amostra entende que a Base das Lajes é um trunfo para Portugal no diálogo com os EUA. Diplomáticamente, será proveitoso para o Estado português manter uma relação consistente com os EUA, como ator global que são.

⁸¹ Como podemos observar no Anexo K - PIB dos Açores por ilha, o valor do PIB da Ilha é baixo.

⁸² Como já referimos no subcapítulo 4.1.1.Utilização da Base das Lajes.

⁸³ Como já referimos no subcapítulo 4.1.3.Cimeira das Lajes 2003.

Por conseguinte, a mesma percentagem da amostra, também defende que a Base das Lajes permite uma maior visibilidade de Portugal no SI. O suporte norte-americano tem sido muito importante, no acesso de Portugal a certas organizações internacionais.

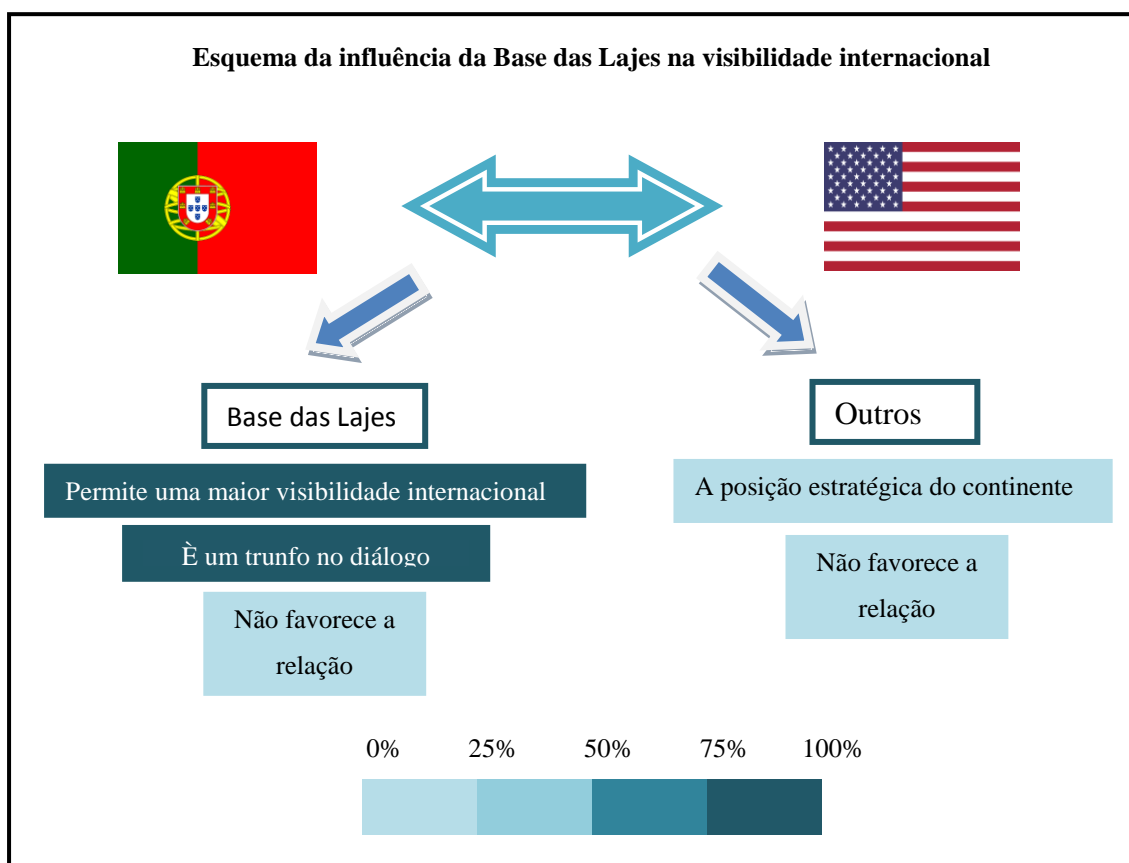


Figura nº 7 - Frequência de respostas à Q7

4.2.4. Discussão de resultados

No que diz respeito aos benefícios resultantes da Base das Lajes para o Estado português enunciamos, essencialmente, três áreas principais, militar, económica, (a economia local açoriana) e diplomática (principalmente a projeção da visibilidade portuguesa no SI).

Quanto à primeira área, a Defesa Nacional, Portugal, com a assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995, recebeu, entre os anos 1995-2000, equipamento e material militar num valor aproximado de 354 milhões de dólares, onde a maior parte desse valor correspondeu à aquisição de 25 aeronaves F16 em 1998. Portugal enviou, também, militares aos EUA para receberem formação ao abrigo do programa IMET. A

própria estrutura física da Base das Lajes, tem sofrido um investimento considerável por parte dos norte-americanos, principalmente em infraestruturas de apoio.

No que diz respeito à segunda área, a presença norte-americana nas Lajes é sem dúvida uma mais-valia para a economia local açoriana. Isto é, numa economia de pequena dimensão, um significativo investimento externo na ilha resulta num aumento considerável na economia local. No entanto, existe um problema associado a esta questão: a dependência do número de militares e civis ao longo dos anos na ilha, levou a uma ausência de alternativas por parte das entidades locais, para compensar uma possível redução significativa de efetivos norte-americanos nas Lajes.

Por último, ao nível dos benefícios imateriais, a maioria dos entrevistados considera que a Base das Lajes é um trunfo para Portugal, no diálogo com os EUA, uma vez que diplomaticamente será proveitoso para o Estado português manter uma relação consistente com os EUA, como grande potência mundial. Facto que traz uma maior projeção da visibilidade de Portugal no SI, bem como no acesso a determinadas Organizações Internacionais. Temos o caso da participação das Lajes na II Guerra do Golfo, quer através da Cimeira das Lajes, quer através da possibilidade de responsáveis portugueses manterem um canal de diálogo aberto como os EUA.

4.3. A Base das Lajes na nova tipologia de conflitualidade

Por último, e no seguimento dos dois subcapítulos anteriores, neste subcapítulo pretendemos agora apresentar, analisar e discutir a importância da Base das Lajes, no passado, no presente e no futuro, nas relações Portugal – EUA. Para tal referimo-nos à *PD3*: “*Face a nova tipologia de conflitualidade, qual a importância estratégica da Base das Lajes nas relações Portugal - EUA?*”

4.3.1. Importância pós Guerra-fria

Na fase final da Guerra-fria, não se pode dizer sobre a Base das Lajes o que se podia dizer no início deste período, no sentido em que era extremamente importante, pelo facto de os EUA não terem, como alternativa, bases do mesmo género. Existem dois momentos, de facto, em que as Lajes cumprem esse papel, um na década inicial da Guerra-

fria e o outro na altura da Guerra do Yom Kipur⁸⁴, onde os parceiros da OTAN não permitiram o uso das suas bases aos EUA.

Os planos de reforço da Europa no pós Guerra-fria e em caso de conflito, perdem primazia, bem como a necessidade de projetar esse reforço via Atlântico e desaparece consideravelmente a preocupação, no que diz respeito à guerra anti-submarina e à própria ameaça submarina. Ou seja, existe uma diminuição substancial da utilização da Base das Lajes, porque passa haver outras bases alternativas e o conceito de projeção de força é já bastante diferente. Isto implica uma redução significativa da importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes para os EUA. De acordo com Telo (comunicação pessoal, 2014), a Base das Lajes pós Guerra-fria, tem oscilações consideráveis na redução da sua importância: no caso da Guerra do Golfo e mais tarde na da Jugoslávia, estamos perante uma redução de importância da Base das Lajes. Isto porque existem claras alternativas às Lajes, no sentido de projetar força, na medida em que a maioria dos Estados da OTAN apoia essa ação.

Quanto ao caso da intervenção bélica no Afeganistão⁸⁵ e no Iraque⁸⁶, estamos já perante uma situação diferente da anterior. A diferença agora, no caso do Iraque, está no apoio por parte dos parceiros da OTAN, que teve fortes restrições, ou seja, na projeção de força via Atlântico, na ligação ao Mediterrâneo e ao Médio Oriente. Um tipo de conflito, diferente dos que tinham ocorrido até então. Isto é, não projetar força por um período curto, mas sim no sentido de manter uma força substancial no terreno por um período prolongado e manter essa força empenhada em operações, o que exige uma logística muito pesada e permanente. Nessas circunstâncias houve, assim, uma tendência para o aumento do significado das Lajes, sobretudo contra a evolução técnica dos meios de projeção norte-americanos.

Já com a administração do presidente Barack Obama, falamos de um período onde é tomada a decisão de os EUA não se envolverem novamente em situações que exijam uma força norte-americana numerosa e a grandes distâncias, nomeadamente em outros continentes, como são os casos do Afeganistão e do Iraque. No essencial, extração das forças quer do Iraque quer do Afeganistão, o que, nesta perspetiva, se traduz numa redução substancial da importância da utilização da Base das Lajes.

⁸⁴ Conflito que ocorreu de 6 a 26 de outubro de 1973, opondo a coligação dos Estados árabes liderados pelo Egito e a Síria contra Israel. Coincidiu com o dia do feriado judaico Yom Kippur.

⁸⁵ Guerra que iniciou em 2001 e decorre até aos dias de hoje. Invasão que marca o início da guerra contra o terrorismo declarada pelos EUA após os atentados de 11 de setembro.

⁸⁶ Conflito que iniciou em março de 2003 e terminou formalmente em dezembro de 2011. Liderado pelos EUA, por suspeitas que o Iraque estava a desenvolver armas de destruição massiva.

Já de acordo com Santos (comunicação pessoal, 2014), desde o fim da Guerra-fria que a Base das Lajes perde consideravelmente a sua expressão de utilização, mas não a sua importância geográfica, já que este é um valor permanente. Nunca deixa de ter esse valor, maior ou menor, em função: do nível de conflitos, que os EUA terão na região, fundamentalmente, na Europa; dos meios usados nesses conflitos e na evolução tecnológica dos equipamentos.

Passando para a análise da pergunta associada a este ponto, colocada aos nossos entrevistados e organizada a Figura nº 8, constatamos que a importância da Base das Lajes no pós Guerra-fria perdeu um significado relativo, contudo, continua a ter a sua importância. Face à concordância anterior, o seu valor permanece, principalmente, face à conjuntura política da época, pelo possível interesse doutras potências na base e a própria evolução tecnológica que exige instalações físicas para o seu desenvolvimento e melhor desempenho.

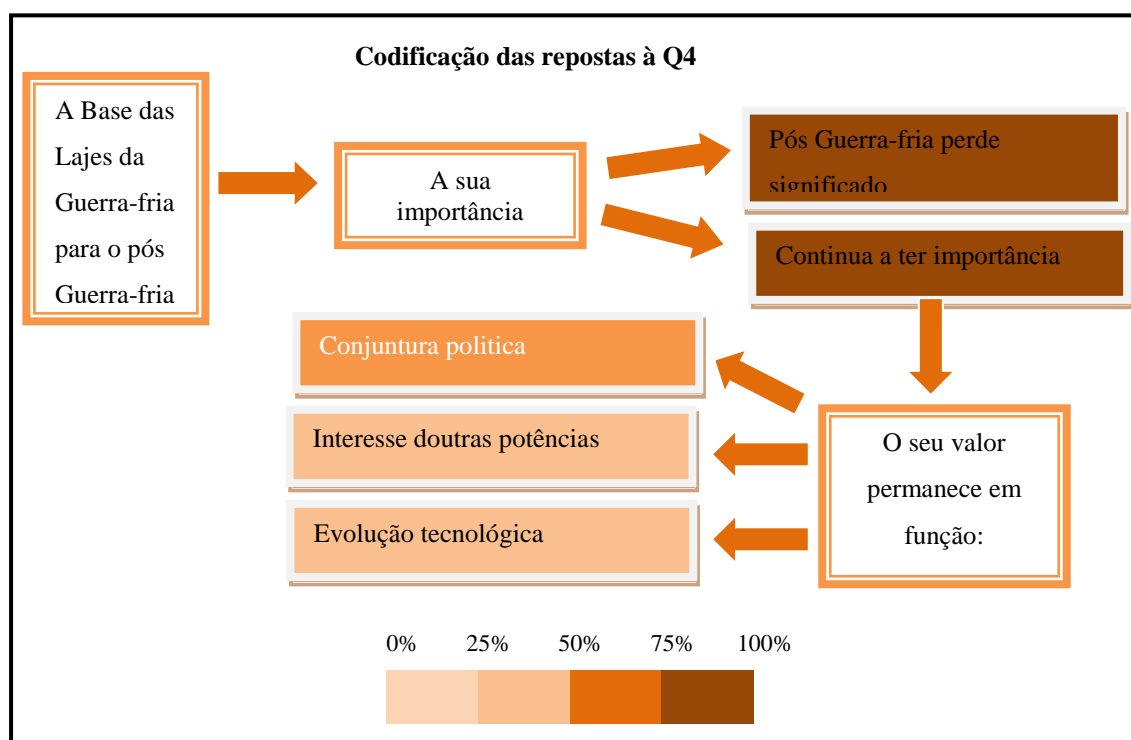


Figura nº 8 - Frequência de repostas à Q4

4.3.2. Caracterização da Base das Lajes

Para Jones (2004), base de rota é “uma localização estratégica permanente com infraestruturas que garantam a capacidade de, rapidamente, expandir, projetar e manter

poder militar em tempos de crise e contingências. As bases de rota servem como pontos de âncora para treino, envolvimento e compromisso dos EUA”⁸⁷ (p.7).

Desta forma, um estudo do GAO⁸⁸, em 1994, tinha como finalidade de apurar se as seis bases de rota restantes após o encerramento de várias bases na Europa seriam suficientes para suporte à projeção de força para o Médio Oriente (zona de grande instabilidade e onde os EUA têm fortes interesses a defender⁸⁹, é considerada crítica, dada a distância a percorrer e que obriga os aviões a aterrarem, “algures na Europa”) a partir do território continental norte-americano. Esta situação torna-se relevante, como vimos no subcapítulo 2.3. Estratégia militar norte-americana pós Guerra-fria. O conceito de *Base Force* tinha como pressuposto a capacidade de projeção de força com rapidez em cenários de guerra ou de crise humanitária fora do território norte-americano, sendo as aeronaves estratégicas de longo curso, sobretudo, os aviões C-5 e C141⁹⁰. A grande questão que se colocava neste estudo, interessava sobretudo ao *Trascom*⁹¹, era se as bases tinham as capacidades necessárias para apoiar a movimentação estratégica, tendo em consideração que os aviões têm que aterrar, para reabastecimento, manutenção, troca de tripulações e movimento de carga, após percorrem cerca de 3500 milhas náuticas (GAO, 1994b).

Após o estudo, o GAO conclui que a capacidade operacional das seis base-chave localizadas na Europa para suportar o transporte aéreo para o Médio Oriente é apenas suficiente para garantir as especificações de mobilidade indicada no *Mobility Requirements Study (MRS)*⁹², onde o mesmo estipula que a Força Aérea deve ser capaz de transportar cerca de 4.750 toneladas de carga por dia, dos EUA para o Médio Oriente, durante 39 dias consecutivos. Ora, o estudo do GAO indica que as seis bases têm

⁸⁷General James L. Jones, Comandante do Comando Europeu dos EUA, à data. A tradução é livre.

⁸⁸ O estudo decorreu entre julho de 1993 e fevereiro de 1994 e contou com informações das seguintes estruturas: Secretary of Defense, Joint Chiefs of Staff, Air Force Headquarters, Navy, Transcom, Air Mobility Command, 15th Air Force e 60th Airlift Wing (GAO, 1994a).

⁸⁹“A abordagem dos EUA à segurança no Médio Oriente continuou a ser descendente, militarizada e orientada para a estabilidade na época pós Guerra-fria, mantendo-se interesses na zona que já vinham da guerra-fria, como sejam, (...) fluxo não perturbado de petróleo a preços razoáveis, (...) cessação do conflito israelo-árabe, (...) prevenção da emergência de uma hegemonia regional e (...) manutenção de regimes aliados (...) sensíveis a estas preocupações” (Pollack, 2003, pp.154-155).

⁹⁰ São os principais meios disponíveis para garantir uma resposta rápida. “O C-5 tem uma autonomia de 2.150 milhas náuticas e o C-141 por volta das 2.174. Podem ser reabastecidos, ganhando assim autonomia quase ilimitada. Contudo, os aviões de reabastecimento utilizados à altura não vão além das 3.800 milhas náuticas como é o caso do KC-10 e o KC-135 fica pelas 1.500. A autonomia das aeronaves coloca, assim, os Açores no centro das operações de apoio à projeção de força para uma determinada aérea no Norte de África ao Balcãs, uma vez que as ilhas estão posicionadas a 2.500 minhas náuticas da Costa Leste dos EUA e a menos de 1.000 minhas náuticas da costa europeia” (Mendes, 2006, p.61).

⁹¹ Comando de Transporte, responsável pelas missões de transporte aéreo em tempo de Paz e de Guerra (GAO, 1994b).

⁹² “O MRS em causa foi elaborado pelo Departamento de Defesa em 1992” (GAO, 1994b, p.4).

capacidade para apoiar aviões C-5 e C-141 no transporte das 4.750 toneladas de carga por dia indicadas no MRS (90 voos de C-5 e 198 voos de C-141 por dia), sendo que a Base das Lajes tem capacidade para 10 aviões C-5 e 21 aviões C-141 por dia (GAO, 1994b).

Assim, segundo o estudo anteriormente apresentado, podemos afirmar que a Base das Lajes tinham aqui um papel importante que justifique a designação de base-chave, para cumprir os objetivos do MRS. Face ao cenário aqui traçado, o estudo pode mesmo ter sido realizado com preocupação para as negociações que decorriam desde 1991 a renovação do Acordo das Lajes, quando obtido do Departamento de Defesa a certeza de que o acordo seria renovado.

Por último, numa outra perspetiva, os nossos entrevistados, no que diz respeito à Q8 apresentada na Figura nº 9, da totalidade, 66% caracterizaram a Base das Lajes como uma base de rota e apenas 17% a caracterizaram como base de apoio à projeção.

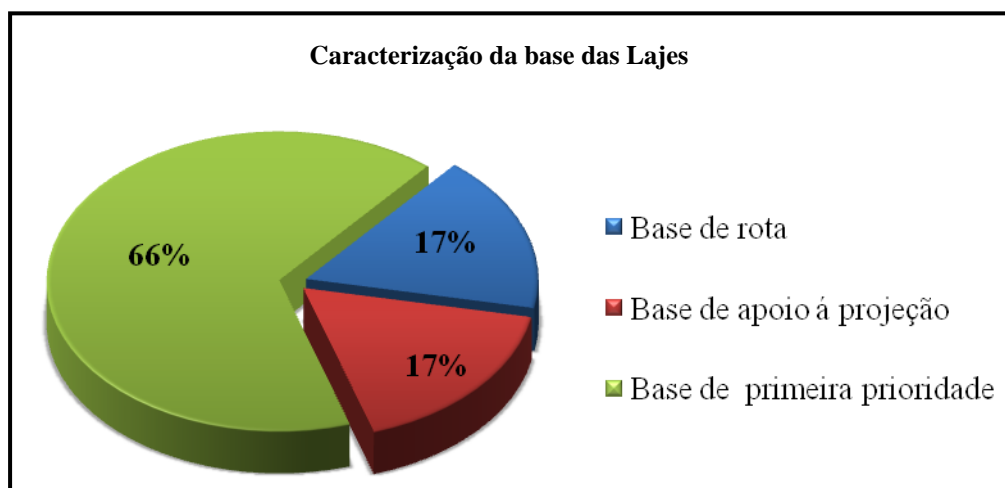


Figura nº 9 - Frequência de respostas à Q8

4.3.3. Importância da Base das Lajes no futuro

Para Telo (comunicação pessoal, 2014) a importância da Base das Lajes, no presente, e até futuramente, está intrinsecamente ligada à estratégia Obama. Por um lado, o significado das Lajes diminuiu, porque não se coloca a necessidade de projeção de força em grande quantidade, como num cenário normal. Por outro lado, a sua importância aumenta, nomeadamente num contexto de guerra contra-terrorismo, com a possível presença de forças especiais. Esta ação de forças especiais tem carácter permanente e não só nas

situações de crise e conflito, sendo os meios utilizados para essas ações de autonomia muito reduzida, como é o caso do helicóptero.

Já para Santos (comunicação pessoal, 2014), a importância estratégica da Base das Lajes para os EUA, está, essencialmente, associada a dois níveis interligados entre si.

Num primeiro nível, a sua posição geográfica a Sul, juntamente com a posição da Islândia a Norte, o que constitui para os EUA, a sua base da defesa avançada. Queremos com isto dizer, evitar que o solo americano e os próprios americanos sejam atacados pelos diferentes vetores de comunicação, mar, ar e ciberespaço.

Num segundo nível, os EUA procuram evitar que no exterior do seu território, nomeadamente na Eurásia, se constitua uma potência ou um bloco de potências, capaz de desafiar o seu domínio global. A potência norte-americana, para evitar ser atingida, precisa de controlar todos os vetores de comunicação. Porque, em vez de combater um possível inimigo poderoso, será melhor evitar que esse inimigo poderoso se forme. Assim, os EUA ao manterem uma presença militar nos Açores, garantem que dificilmente uma potência, com capacidade para tal, manifeste interesse pela região para impor a sua vontade.

Consequentemente, num contexto internacional, surgem outros atores que começam a olhar de forma diferente para os arquipélagos dos Açores e da Madeira, para além da potência global, os EUA. Neste sentido, segundo Telo (comunicação pessoal, 2014), o significado da Base das Lajes, pode passar por outras dimensões para além dos EUA.

Numa primeira dimensão e no contexto europeu, o seu significado está a aumentar, em particular, na UE com a crescente importância que é dada em termos do espaço marítimo, do alargamento da plataforma continental e da vigilância desse mesmo espaço. Cada vez mais para a Europa, com destaque para Portugal, o mar é um dos principais vetores estratégicos do futuro, muito do que será a economia do futuro, será construído a partir daí. Por tal, é preciso ter um controle mínimo sobre esse espaço marítimo, o que leva certos países europeus a olhar para este espaço do Atlântico com outros olhos.

Numa segunda dimensão, um outro fator mais recente, que leva a encarar de forma diferente o significado das posições dos arquipélagos atlânticos, também por parte da Europa. Fator esse que tem a ver com a alteração muito rápida da relação de forças global e com o facto de, nesta última década a Marinha chinesa ter uma presença permanente no mediterrâneo e no Atlântico Sul. O que coloca todo o contexto, nomeadamente as Lajes, num horizonte diferente. Agora, pela primeira vez pós Guerra-fria, aparece uma potência com ambições globais, que está a crescer significativamente, em particular na Europa, em

termos económicos e em termos de presença efetiva. Deste modo, qualquer presença militar tem que estar apoiada nalgum tipo de infraestruturas, portanto os arquipélagos, em especial a Base das Lajes, passam a ser vistos a uma luz diferente, a partir do momento em estamos perante uma rivalidade marítima global.

Numa terceira dimensão, o Brasil, que na última década começou adotar uma estratégia oficial voltada para o Atlântico Sul. Estratégia designada por ‘as duas amazonas’: a amazona verde e a amazona azul de dimensões semelhantes⁹³. A amazona azul é praticamente metade do Atlântico sul, e toca nos arquipélagos da Madeira, Cabo Verde e atingido também o alargamento da plataforma continental portuguesa⁹⁴, e, como tal, o significado dos arquipélagos portugueses também se altera nesta perspetiva.

Para finalizar, a totalidade da nossa amostra de entrevistas considera que a Base das Lajes continuará a ter importância estratégica para os EUA, especificamente como podemos observar na Figura nº 10. Do mesmo universo, 67% refere que essa importância tende a manter-se e apenas 17% refere que a mesma importância tende a aumentar ou a diminuir.

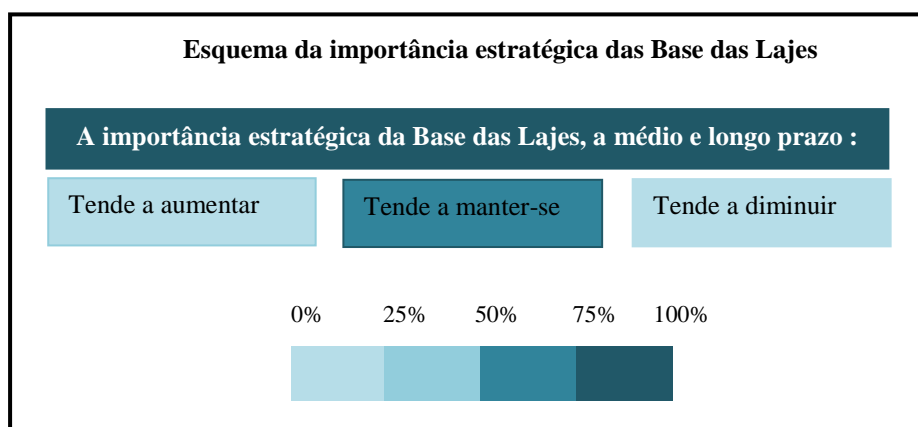


Figura nº 10 - Frequência de respostas à Q9

4.3.4. Discussão de resultados

Segundo um estudo do GAO, em 1994, a Base das Lajes era considerada uma base indispensável, uma base de rota ou mesmo uma base-chave para os EUA e fazia parte das seis bases da Europa para cumprirem escrupulosamente os objetivos do MRS que

⁹³ Telo (2014) refere a amazona verde como o espaço continental e a amazona azul como o espaço marítimo.

⁹⁴ Como pode ser observado no Anexo N - Proposta portuguesa do alargamento da plataforma continental

consistiam em suportar o transporte aéreo da USAF, que tinha de ser capaz de transportar cerca de 4.750 toneladas de carga por dia, dos EUA para o Médio Oriente e durante 39 dias consecutivos. Desta forma, podemos afirmar que Base das Lajes neste período possuía uma extrema importância geopolítica e geoestratégica para os EUA.

De acordo com os nossos entrevistados, a importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes do pós Guerra-fria até ao presente, apresenta algumas oscilações, principalmente ao nível da utilização pelos EUA, para o que consideramos três possíveis momentos: Guerra do Golfo e mais tarde à Guerra da Ex-Jugoslávia; a invasão do Afeganistão e mais tarde do Iraque e por último a Administração do presidente Barack Obama.

Quanto a um possível significado da Base das Lajes no futuro (médio e longo prazo, leia-se dez a vinte anos), consideramos que está correlacionado em particular com a estratégia dos EUA o que está associado a dois níveis interligados entre si: a própria posição geográfica da Base das Lajes em conjunto com a posição da Islândia a Norte que são em parte a defesa avançada dos EUA o que pode evitar que uma outra potência mundial manifeste interesse pelo arquipélago, como ponto estratégico que é para os EUA.

No que diz respeito ao papel da Base das Lajes num contexto internacional para além das relações de Portugal - EUA, existem outros atores que começam a olhar de maneira diferente para a importância geopolítica e geoestratégica dos Açores no futuro, como são os casos da UE, da China e do Brasil. Fator que implica uma nova dimensão e significado da Base das Lajes, para além dos EUA.

Capítulo 5

Conclusões e recomendações

Atingimos o último capítulo da nossa investigação no qual pretendemos apresentar algumas conclusões, com a verificação das hipóteses, das PD e da PP, e algumas reflexões finais, com o objetivo de responder à problemática identificada. Apresentar, também, algumas recomendações, assim como possíveis contributos para o conhecimento sobre a importância da Base das Lajes.

5.1. Verificação das hipóteses e perguntas derivadas

- *PDI: “Qual a relevância geopolítica/geoestratégica da Base das Lajes nas relações Portugal - EUA?”.*

A relevância da Base das Lajes, no período por nós determinado, foi dividido em três principais variáveis: o contributo na projeção de força norte-americana; a influência na assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995 entre Portugal e os EUA; e a sua interferência na realização da Cimeira das Lajes em 2003.

No estudo desenvolvido podemos comprovar que a Base das Lajes no pós Guerra-fria tem um papel importante na projeção de força norte-americana, com mais evidência nas operações logísticas e no movimento de aeronaves. Esta importância fez-se sentir com maior peso na invasão dos teatros de operações do Afeganistão e do Iraque, porque contrariamente aos teatros da Jugoslávia e do Golfo, houve restrições dos parceiros da OTAN na cedência das suas bases para os EUA projetarem a sua força via Atlântico, ligação para o Mediterrâneo e, por fim, ao Médio Oriente.

Também nos foi possível verificar que a Base das Lajes foi o objeto central na assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995. Acordo esse que permitiu ao Estado português retirar benefícios consideráveis, como vamos apresentar na próxima PD.

Quanto à Cimeira das Lajes em 2003, consideramos que foi uma mais-valia para o Estado português, sobretudo quanto à visibilidade de Portugal no SI. Por conseguinte, a

opção para a sua realização nas Lajes, teve em ponderação a posição geográfica, evitando assim, um certo mediatismo e até possíveis manifestações da sociedade internacional, uma vez, que se debatia uma possível intervenção do Iraque, o que viria a suceder.

Desta forma, damos resposta à PD1 e confirmamos a HIP1: “Com a projeção de força norte-americana para alguns teatros pós Guerra-fria, com a assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa 1995 e com a Cimeira das Lajes de 2003, é possível garantir que a Base das Lajes tem tido um papel primordial nas relações Portugal - EUA.”

➤ *PD2: “Qual o impacto para Portugal, resultante da Base das Lajes nas relações Portugal - EUA?”*

Procurando saber quais os benefícios que o Estado português tem obtido, resultantes da Base das Lajes na relação entre Portugal e os EUA, enunciamos três possíveis áreas: militar, económica e diplomática.

Verificamos que, ao nível militar, Portugal beneficiou com a assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995, recebendo 25 aviões caça F-16 ao abrigo do programa EDA, armamento e material militar, assim como o envio de militares portugueses aos EUA para receberem formação, ao abrigo do programa IMET, isto foi o pagamento pelo uso da Base das Lajes pelos norte-americanos. A própria Base das Lajes tem recebido um investimento significativo, do lado norte-americano, no desenvolvimento de estruturas de apoio.

Quanto ao plano económico, a presença do efetivo militar e civil norte-americano nas Lajes, influencia significativamente as receitas económicas da Ilha da Terceira, uma vez que estamos a falar de uma economia regional de pequena dimensão.

Por último, no âmbito diplomático, podemos concluir que a Base das Lajes é uma vantagem para o Estado português no que se refere a manter um diálogo consistente com os EUA, o que, por conseguinte, permite a Portugal uma maior visibilidade no SI. Assim, respondendo à PD2 através da confirmação da HIP2: “Da Base das Lajes, resultaram benefícios para Portugal tais como meios de natureza militar, um aumento da economia local açoriana e uma maior visibilidade de Portugal no SI”.

➤ *PD3: “Face à nova tipologia de conflitualidade, qual a importância estratégica da Base das Lajes nas relações Portugal - EUA?”*

Desde o fim da Guerra-fria que a Base das Lajes perde consideravelmente a sua expressão de utilização, mas não o valor da sua posição geográfica. Esse valor varia fundamentalmente em função: do nível de conflitos, da região a intervir, do apoio dos Estados membros da OTAN, dos meios usados nesses conflitos e da evolução tecnológica

dos equipamentos. Assim, considerámos como principais oscilações, os três momentos que apresentamos de seguida.

O primeiro momento, as Guerras do Golfo e da Ex-Jugoslávia, com a Base das Lajes a perder importância. Isto, porque estávamos perante uma situação onde existiam claras alternativas para os EUA além das Lajes, que lhes permitiam projetar força, na medida em que a maioria dos Estados membros da OTAN apoiaram essa ação.

Quanto ao segundo momento, relativo às intervenções dos EUA no Afeganistão e no Iraque, com um aumento do significado das Lajes, estávamos agora perante uma situação diferente da anterior, com fortes restrições por parte dos parceiros da OTAN. A acrescentar a isso, a necessidade de projetar uma força substancial para o terreno por um período prolongado e uma logística muito pesada e permanente para apoiar essa força nas suas operações.

Terceiro e último momento, já com a Administração do presidente Barack Obama, período onde se veio reduzindo substancialmente a importância da utilização da Base das Lajes devido à tomada de decisão, no caso do Afeganistão e do Iraque, de os EUA não mais se envolverem em situações que exijam uma força norte-americana numerosa e a grandes distâncias, nomeadamente em outros continentes.

A importância da Base das Lajes, presentemente e até futuramente, está correlacionada em particular com a estratégia Obama. Por um lado, a importância tendencialmente diminuirá, porque não se prevê a necessidade de projeção de força em grande número. Por outro lado, aumentará, derivado ao contexto da estratégia contraterrorista norte-americana, o que pode levar a uma possível presença de forças especiais, tornando-se numa ação de carácter permanente.

Ainda dentro da estratégia norte-americana, a posição geográfica da base a Sul, juntamente com a posição da Islândia a Norte, continuará a ser uma base de defesa avançada para os EUA, com a possibilidade de evitar que o solo americano, em parte, seja atacado pelos diferentes vetores de comunicação, mar, ar e ciberespaço. Porque em vez de combater um possível inimigo poderoso, será melhor evitar que esse inimigo poderoso se forme. Na continuação do mesmo contexto, mas agora para além do interesse dos EUA, existem outros atores que começam a olhar de maneira diferente para os Açores, fundamentalmente a Europa, a China e o Brasil.

A Europa, em particular a UE, com a crescente importância que lhe é dada em termos de espaço marítimo, é um dos principais vetores estratégicos do futuro, com o alargamento da plataforma continental e com a vigilância desse mesmo espaço.

Na última década, a marinha chinesa surge com uma presença permanente no Atlântico Sul. Pela primeira vez, pós Guerra-fria aparece uma potência com ambições globais que está a crescer significativamente, cada vez a ter mais peso, nomeadamente na Europa, em termos económicos e em termos de presença efetiva. Isto coloca todo o contexto, nomeadamente as Lajes, num horizonte diferente.

Por último, o Brasil, que na última década também começou adotar uma estratégia oficial voltada para o oceano Atlântico Sul. Como tal, o significado dos arquipélagos portugueses também se altera a essa luz. Assim respondemos à PD3, através da confirmação da HIP3: "A Base das Lajes tem apresentado oscilações quanto à sua utilização pelos EUA, mas a sua posição geográfica continuará a ter importância a médio e longo prazo".

5.2. Verificação da pergunta de partida

Cumprindo o OG, conseguimos identificar que o papel da Base das Lajes na relação Portugal - EUA foi bastante positivo nos momentos por nós identificados: na projeção de força norte-americana, na assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995 e na Cimeira das Lajes de 2003, tal como foram positivos os benefícios para o Estado português resultantes da mesma relação, sobretudo os de natureza militar, económica e diplomática.

No pós Guerra-fria, a Base das Lajes tem vindo a sofrer oscilações consideráveis, no que diz respeito à sua expressão de utilização. Atingiu o seu ponto alto, ao nível da utilização por parte dos EUA, essencialmente, nas intervenções militares no Afeganistão e no Iraque. Embora abarque variações ao nível da sua utilização, mantêm a importância da sua posição geográfica. Possivelmente num futuro próximo, prevê-se um aumento da sua importância geopolítica e geoestratégica, quer para os EUA, quer no SI. Esse valor varia em função: do nível de conflitos, da região a intervir, do apoio dos Estados membros das OI envolvidas, dos meios usados nesses conflitos e da evolução tecnológica dos equipamentos.

Uma vez testadas, as hipóteses tornam-se factos, ou não, em função da sua confirmação ou infirmação. Quanto à PP: "*Qual a importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas relações Portugal-EUA no período pós Guerra-Fria?*" está respondida e podemos referir que a Base das Lajes tem tido uma importância geopolítica e geoestratégica determinante nas relações entre Portugal e os EUA.

5.3. Conclusões finais

Após toda a realização da nossa investigação, concluímos que o nível de utilização da Base das Lajes nas relações transatlânticas entre Portugal e os EUA pós Guerra-fria apresenta oscilações consideráveis ao longo do período referido. Oscilações que se fazem sentir de acordo com o maior ou menor apoio dos membros da OTAN às operações realizadas pelos EUA.

Contudo, para além do nível de utilização, concorre, entre outros, o nível do valor da sua posição geográfica para a importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes. Valor que é permanente, mas poderá variar de acordo com o nível de conflitos, da zona desses conflitos, dos meios usados, da evolução tecnológica e do interesse de outras potências no Atlântico.

Situação complexa, diríamos, que nos últimos anos é já notória uma tendência no aumento da importância dos Açores, em concreto a Base das Lajes, em termos das múltiplas estratégias que se entrecruzam no Atlântico, mas essa tendência só poderá fazer sentir-se de uma maneira mais evidente e visível na próxima década.

O facto de por vezes ouvirmos anunciar uma possível redução de efetivos, não tem obrigatoriamente implicações diretas na desvalorização da Base das Lajes para os EUA, deve-se a certas prioridades da sua estratégia militar, para fazer face à austeridade financeira. Todos os ramos das suas forças armadas têm de reduzir certos efetivos, como podemos observar no relatório da QDR 2014.

5.4. Limitações da investigação

Em primeiro lugar, a temática aqui tratada, pela sua contemporaneidade, foi limitada no que se refere ao acesso a informação classificada, principalmente aos relatórios das negociações das Partes presentes em arquivos históricos, uma vez que, face à legislação em vigor, ainda não estão disponíveis para consulta.

Por outro lado, ainda relativamente à contemporaneidade, ou mesmo à própria atualidade do assunto em estudo, se, por um lado, esta se constitui como um desafio

apaixonante, por outro, importa referir que se tornou uma limitação face à inexistência de um vasto acervo bibliográfico consolidado.

Por último, a NEP N.º520/2ª, de 1 de junho de 2013, da Academia Militar,⁹⁵ refere-nos que “o número de páginas da Parte Pós-textual - Apêndices e Anexos - não deverá ultrapassar um terço do número de páginas do texto do trabalho” (p. 25), o que também se nos afigura como um limite constrangedor no sentido de poder comprometer a finalidade e adequabilidade destes. No entanto, para completar a investigação, e uma vez obtidas as anuências prévias do diretor de curso e do orientador, superámos o limite do número de páginas.

5.5. Propostas de investigações futuras

Atendendo à grande pertinência da temática abordada no âmbito do presente TIA, importaria que o seu objeto central merecesse futuramente o interesse de outros camaradas, quer da Academia Militar, quer ainda dos demais Estabelecimentos de Ensino Superior Público Militar, sobretudo da Armada e da Força Aérea, na medida em que a busca de interdisciplinaridade, que deve caracterizar a ciência, ganharia em obter novas e complementares perspetivas dos 3 ramos das FA, explorando mais ao pormenor as capacidades operacionais da Base das Lajes e qual o seu papel simultaneamente com as bases norte-americanas localizadas fora do seu território nas especificações de mobilidade da USAF.

Julgamos que seria igualmente pertinente, uma vez que esta investigação abordou a importância geopolítica e geoestratégica da estrutura militar a Base das Lajes, que se ampliasse a definição do seu objeto, possibilitando um estudo mais alargado, visando todo o arquipélago dos Açores num enfoque científico mais geopolítico e geoestratégico, aplicando-se, entre outros, o modelo do IAEM (1993) no qual estaria já realizado em parte o fator estruturas militares.

⁹⁵ Mais propriamente o Anexo F da respetiva NEP.

Referências Bibliográficas

- American Psychological Association. (2012). *Manual de Publicação da APA* (6ª ed.). (D. Bueno, Trad.) Porto Alegre: Penso.
- Baillie, F. (2002, março 02). *Before The Military Construction Subcommittee of the United States Senate*. Obtido em 23 de junho de 2014, de Defense Logistics Agency-DLA: www.dod.mil/dodgc/olc/docs/test02-03-05Baillie.rtf
- Balaghi, S. (2008). *Saddam Hussein: A Biography*. Londres: Greenwich Press.
- Barrento, A. (2010). *Da Estratégia*. Lisboa: Tribuna.
- Baud, P. (1999). *Dicionário de Geografia*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Bourdieu P., Chamboredon J. & Passeron J. (1968). *Le Métier de sociologue, préalables épistémologiques*. Paris: Mouton - Bordas.
- Brito, R. (1994). *Portugal Perfil Geográfico*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Cardoso, E. (1984). *História da Força Aérea Portuguesa* (Vol. 3). Lisboa: Força Aérea.
- Congress. (1996a, fevereiro 10). Air Force: Extension of 1993 Project Authorizations. In *National Defense Authorization Act for Fiscal Year 1996* (p.542). Obtido em 24 de junho de 2014, de Government Printing Office: <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/PLAW-104publ106/pdf/PLAW-104publ106.pdf>
- Congress. (1996b, setembro 23). Air Force: Extension of 1993 Project Authorization. In *National Defense Authorization Act for Fiscal Year 1997* (p.2785). Obtido em 24 de junho de 2014, de Government Printing Office: <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/PLAW-104publ201/pdf/PLAW-104publ201.pdf>
- Congress. (1997, novembro 18). Air Force: Outside the United States. In *National Defense Authorization Act for Fiscal Year 1998* (p.1975). Obtido em 24 de junho de 2014, de Government Printing Office: <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/PLAW-105publ85/pdf/PLAW-105publ85.pdf>
- Congress. (1998, outubro 17). Defense Agencies: Outside the United States. In *Strom Thurmond National Defense Authorization Act for Fiscal Year 1999* (p.2194). Obtido em 25 de junho de 2014, de <https://bulk.resource.org/gpo.gov/laws/105/publ261.105.pdf>

- Congress. (1999, outubro 5). Air Force: Family Housing. In *National Defense Authorization Act for Fiscal Year 2000* (p.834). Obtido em 25 de junho de 2014, de <http://www.dod.gov/dodgc/olc/docs/2000NDAA.pdf>
- Congress. (2001, dezembro 28). Air Force: Family Housing and Defense Agencies: Outside the United States. In *National Defense Authorization Act for Fiscal Year 2002*(p.1292-1296). Obtido em 24 de junho de 2014, de Government Printing Office: <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/PLAW-107publ107/pdf/PLAW-107publ107.pdf>
- Congress. (2002, dezembro 2). Defense Agencies: Outside the United States. In *National Defense Authorization Act for Fiscal Year 2003* (p.2696). Obtido em 21 de junho de 2014, de Government Printing Office: <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/PLAW-107publ314/pdf/PLAW-107publ314.pdf>
- Congress. (2003, novembro 24). Air Force: Family Housing and Outside the United States. In *National Defense Authorization Act for Fiscal Year 2004* (p.1709-1711). Obtido em 24 de junho de 2014, de Government Printing Office: <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/PLAW-108publ136/pdf/PLAW-108publ136.pdf>
- Congress. (2004, junho 21). Air Force: Outside the United States. In *National Defense Authorization Act for Fiscal Year 2005* (p.232). Obtido em 24 de junho de 2014, de Government Print Office: <http://www.gpo.gov/fdsys/pkg/BILLS-108hr4200ih/pdf/BILLS-108hr4200ih.pdf>
- Congress. (2006, janeiro 6). Air Force: Outside the United States. In *National Defense Authorization Act for Fiscal Year 2006* (p.3495). Obtido em 24 de junho de 2014, de <http://www.dod.mil/dodgc/olc/docs/PL109-163.pdf>
- Congress. (2012, dezembro 18). Air Force: Outside the United States. In *National Defense Authorization Act for Fiscal Year 2013* (p.496). Obtido em 24 de junho de 2014, de http://www.dtic.mil/congressional_budget/pdfs/FY2013_pdfs/AUTH_CRPT-112_hrpt_705.pdf
- Congressional Research Service. (2013, maio 3). *No-Fly Zones: Strategic, Operational, and Legal Considerations for Congress*. Obtido em 28 de junho de 2014, de <http://fas.org/sgp/crs/natsec/R41701.pdf>
- Correia, P. d. (2002). *Manual de Geopolítica e Geoestratégia* (Vols. I- Conceitos, Teorias e Doutrinas). Coimbra: Quarteto Editora.
- Couto, A. C. (1988). *Elementos de Estratégia: Apontamentos para um curso* (Vol. I). Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.

- Defarges, P. M. (2003). *Introdução à Geopolítica*. (J. P. Fernandes, Trad.) Lisboa: Gradiva. (Trabalho original publicado em 1994).(Escrita original em francês).
- Diário Insular. (2003, março 01). Reabastecedores andam frenéticos. *Diário Insular*. p.1.
- Dias, C. M. (2005). *Geopolítica: Teorização Clássica e Ensinos*. Lisboa: Prefácio.
- Dias, C. M. (2010). *Sobre a Guerra: Política, Estratégia e Tática*. Lisboa: Prefácio.
- Dias, C. M. (2012a). *Estratégia - Evolução do Conceito* (Vol. XXI). Lisboa: IPCE.
- Dias, C. M. (2012b). *Geopolítica - Velhas mas Novas Aproximações e o Contrário*. Aveiro: Mare Liberum.
- Dicionário da Língua Portuguesa - com Acordo Ortográfico. (2013). Porto: Porto Editora.
- Direção-Geral do Ensino Superior. (2008). *Processo de Bolonha - Situação em Portugal*. Obtido em 4 de julho de 2014, de <http://www.dges.mctes.pt/DGES/pt/Estudantes/Processo+de+Bolonha/Processo+de+Bolonha/Situa%C3%A7%C3%A3o+em+Portugal/>
- Escorrega, L. (2010, fev/mar). Da Importância Geopolítica e Geoestratégica dos Açores no Atual Contexto Estratégico. *Revista Militar*, 2497/2498. Obtido em 28 de fevereiro de 2014, de http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=557
- Força Aérea Portuguesa. (2014a). *Base Aérea Nº4*. Obtido em 26 de fevereiro de 2014, de Força Aérea Portuguesa: <http://www.emfa.pt/www/unidade-27-base-aerea-n-4>
- Força Aérea Portuguesa. (2014b). *Agusta-Westland EH-101 Merlin*. Obtido em 26 de fevereiro de 2014, de Força Aérea Portuguesa: <http://www.emfa.pt>
- Força Aérea Portuguesa. (2014c). *EADS C-295M*. Obtido em 26 de fevereiro de 2014, de Força Aérea Portuguesa: <http://www.emfa.pt/www/aeronave-19>
- Fortin, M. F. (2009a). *O Processo de Investigação - da concepção à realização* (5ª ed.). Loures: Lusociência.
- Fortin, M. F. (2009b). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Loures: Lusodidacta.
- Freixo, M. V. (2011). *Metodologia Científica. Fundamentos, Métodos e Técnicas*. (3ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Goltz, B. (1884). *La Nation Armée*. Paris: Hinrichsen.
- Government Accountability Office. (1993, janeiro 28). *Force Structure: Issues Involving the Base Force NSIAD-93-65*. Obtido em 30 de março de 2014, de Government Accountability Office: <http://www.gao.gov/products/NSIAD-93-65>
- Government Accountability Office. (1994a, abril 26). *Strategic Mobility: Serious Problems Remain in U.S. Deployment Capabilities GAO/T-NSIAD-94-165*. Obtido em 30 de

- março de 2014, de Government Accountability Office: <http://www.gao.gov/product/NSIAD-94-165>
- Government Accountability Office. (1994b, junho 2). *Strategic Airlift: Further Air Base Reductions in Europe Could Jeopardize Capability GAO/T-NSIAD-94-138*. Obtido em 30 de março de 2014, de Government Accountability Office: <http://www.gao.gov/products/NSIAD-94-138>
- Huot, R. (2002). *Métodos Quantitativos para as Ciências Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Instituto de Altos Estudos Militares. (s.d.). *A evolução do pensamento estratégico, conferências proferidas por Peter Nailor*. Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- Instituto de Altos Estudos Militares. (1993). *Elementos de Análise Geopolítica e Geoestratégia. ME 71-00-08*. Lisboa: Instituto de Estudos Militares Superiores.
- Instituto de Altos Estudos Militares. (2000). *Geografia, Geopolítica e Geoestratégia: Realidade Geopolítica. NC 71-00-15*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.
- Jomini, A. H. (1838). *Précis de L'Art de la Guerre*. Paris: G.-Laguione.
- Jones, J. L. (2004, setembro 23). *Before the Senate Armed Services Committee*. Obtido em 06 de março de 2014, de United States European Command: <http://www.dod.mil/dodgc/olc/docs/test04-09-23Jones.pdf>
- Lajes Field. (2014). *Units-65th Air Base Wing*. Obtido em 22 de junho de 2014, de Lajes Field: <http://www.lajes.af.mil/units/index.asp>
- Lajes Field. (s.d.). *A Short History of Lajes Field, Terceira Island, Azores, Portugal*. Obtido em 23 de junho de 2014, de Lajes Field: <http://www.lajes.af.mil/shared/media/document/AFD-110621-022.pdf>
- Larson, E., Orletsky, D., & Leuschner K. (2001, jan). *Defense Planning in a Decade Of Change: lessons from the Base Force, Bottom-Up Review, and Quadrennial Defense Review*. Obtido em 30 de março de 2014, de Rand Corporation: http://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1387.html#relatedProducts
- Lima, B. P. (2013). *A Cimeira das Lajes - Portugal, Espanha e a Guerra do Iraque*. Lisboa: Tinta da China.
- Martins, R. F. (abril de 1996). Geopolítica e Geoestratégia: para que são e para que servem? *Nação e Defesa*, 78, pp. 21-78.

- Mendes, A. (2006). *Os Açores e a Projeção de Força nos Cenários pós Guerra-fria*. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores.
- Ministério dos Negócios Estrangeiros. (2012). *Relações Bilaterais*. Obtido em 28 de março de 2014, de Embaixada de Portugal no Reino Unido: <http://portuguese-embassy.co.uk/pt/relacoes-bilaterais.html>
- Monjardino, M. (2003, julho 15). A transformação militar dos EUA e as Lajes. *Diário de Notícias*, p.5.
- Moreira, A. (1997). *Teoria das Relações Internacionais*. Coimbra: Edições Almedina.
- Moreira, A. (2011). *Teoria das Relações Internacionais* (7ª ed.). Coimbra: Edições Almedina.
- Moscovici S. (2003). *Les méthodes des sciences humaines*. Paris (Fr): Presses Universitaires de France.
- Norma de Execução Permanente N.º 520/2ª. (2013, junho 1). *Trabalho de Investigação Aplicada – Norma para a redação do Relatório Científico Final*. Lisboa: Academia Militar.
- Nye, J. (2012). *O futuro do poder*. (L. O. Santos, Trad.) Maia: Círculo de Leitores.
- Oliveira, M. M. (2005). *Como fazer Projetos, Relatórios, Monografias, Dissertações e Teses* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Elsevier.
- Oliveira, D. C. (2008, out/dez). Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. *Revista Atualidades*, 16 (4), 569-576.
- Pollack, K. (2003, jul/ago) Securing the Gulf. *Foreign Affairs*, 82(4). Obtido em 30 de junho de 2014 de Foreign Affairs: <http://www.foreignaffairs.com/articles/58993/kenneth-m-pollack/securing-the-gulf>
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (1998). *Manual de Inestigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Inestigação em Ciências Sociais* (5ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Resolução n.º 38/95, de 21 de junho de 1995. *Diário da República*, 1.ª Série-A, n.º 235, 6250-6288. Assembleia da República.
- Ribeiro, A. S. (2012). Prefácio. In C. M. Dias, *Geopolítica - Velhas e Novas Aproximações e o Contrário* (pp. 13-14). Aveiro: Mare Liberum.

- RicardOrlandini. (2014, junho 27). *Operação Raposa do Deserto: Os Estados Unidos e o Reino Unido bombardeiam alvos no Iraque*. Obtido em 28 de junho de 2014: http://www.ricardoorlandini.net/hoje_historia/ver/14257
- Ruivo, A. L. (2014, março, 20). A Importância Geopolítica e Geoestratégica da Base das Lajes nas Relações Transatlânticas Portugal – Estados Unidos da América - Subsídios para a sua Compreensão. *Entrevista semidiretiva do Trabalho de Investigação Aplicada*. (R. Gomes, Entrevistador) Açores: Base Aérea N°4.
- Santos, J. L. (2014, março, 31). A Importância Geopolítica e Geoestratégica da Base das Lajes nas Relações Transatlânticas Portugal – Estados Unidos da América - Subsídios para a sua Compreensão. *Entrevista semidiretiva do Trabalho de Investigação Aplicada*. (R. Gomes, Entrevistador) Lisboa: Academia militar.
- Sarmento, M. (2013). *Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*. Lisboa: Porto Editora.
- Serviço Regional de Estatística dos Açores. (2014). *População-Censos 2011*. Obtido em 21 de junho de 2014, de Serviço Regional de Estatística dos Açores: http://estatistica.azores.gov.pt/Conteudos/Relatorios/lista_relatorios.aspx?idc=29&idsc=2723&lang_id=1
- Telo, A. J. (1993). *Os Açores e o Controlo do Atlântico*. Porto: Edições Asa.
- Telo, A. J. (1996). *Portugal e a NATO: o reencontro da tradição atlântica*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Telo, A. J. (2006). Prefácio. In A. Mendes, *Os Açores e a projeção de força nos cenários pós Guerra-fria* (pp. 12-19). Lisboa: Universidade dos Açores.
- Telo, A. J. (2014, março, 25). A Importância Geopolítica e Geoestratégica da Base das Lajes nas Relações Transatlânticas Portugal – Estados Unidos da América. Subsídios para a sua Compreensão. *Entrevista semidiretiva do Trabalho de Investigação Aplicada*. (R. Gomes, Entrevistador) Lisboa: Academia militar.
- US Department of Defense. (2014). *Quadrennial Defense Review*. Obtido em 20 de junho de 2014, de http://www.defense.gov/home/features/2014/0314_sdr/qdr.aspx
- US Department of State. (1995, junho, 1). *Statements on US-Portuguese Cooperations and Defense*. Obtido em 24 de junho de 2014, de <http://www.state.gov/t/s/us/pcd/1995/2321.htm>
- US Department of State. (2001, janeiro). *Bureau Military Training and DoD Engagement Activities of Interest*. Obtido em 24 de junho de 2014, de <http://www.state.gov/t/pm/rls/rpt/fmtrpt/2001/2579.htm>

US Department of State. (2002, março). *Foreign Military Training and DoD Engagement Activities of Interest*. Obtido em 24 de junho de 2014, de <http://www.state.gov/t/pm/rls/rpt/fmtrpt/2002/index.htm>

Apêndices

Apêndice A - Mapa conceptual e variáveis

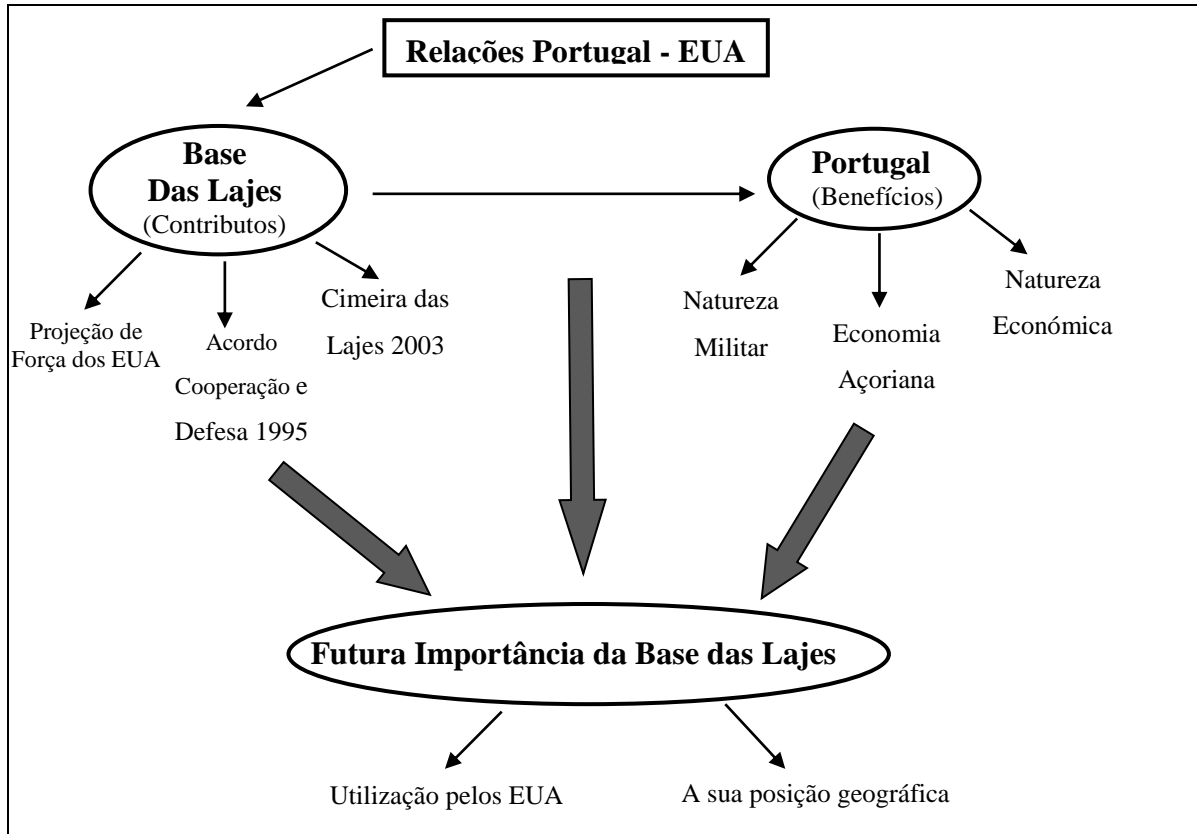


Figura nº 11 - Esquema do mapa conceptual e variáveis

Fonte: Adaptação de Quivy & Campenhoudt (2008)

Apêndice B - Guião da entrevista



Exército Português
ACADEMIA MILITAR

academia **MI**
militar

Trabalho de Investigação Aplicada (TIA)

ENTREVISTA

A presente entrevista está associada ao Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), com vista à atribuição do grau de Mestre, do curso de Ciências de Militares na especialidade de Infantaria, ministrado pela Academia Militar (AM).

Entrevistador: AspOf Al Inf 05856001Rui Manuel Lourenço Gomes

Tema: Importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas Relações Transatlânticas Portugal - Estados Unidos da América – subsídios para a sua compreensão.

Objetivos Gerais:

- Identificar a relevância estratégica da Base das Lajes na relação Portugal - EUA;
- Identificar os benefícios para Portugal, resultantes da Base das Lajes;
- Demonstrar a valorização geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas relações Portugal – EUA, face à nova tipologia de conflitualidade.

Caracterização do Entrevistado

Nome do entrevistado/Numero: _____ / _____

Unidade/Local: _____ / _____ Cargo/Função/Posto: _____

Data: _____ Hora de Início: _____ Hora de Fim: _____

Observações: _____

Blocos Temáticos

Bloco A:	Bloco B:	Bloco C:	Bloco D:
Apresentação	Contributos da Base das Lajes	Benefícios para Portugal, resultantes da Base das Lajes	Futuro da Base das Lajes

Blocos	Formulário de Perguntas	
Bloco A: Apresentação	- Apresentação do entrevistador; - Explicar os objetivos gerais da entrevista; - Legitimar a entrevista. (Perguntar se a entrevista pode ser gravada)	Quais as funções que desempenha atualmente?
		Qual o seu nome completo?
		Qual o departamento a que pertence?
Bloco B: Contributo da Base das Lajes	1. Considera que a Base das Lajes tem tido um papel importante no estacionamento e projeção de forças norte-americanas, nos conflitos pós Guerra-Fria? Como e em Quais?	
	2. Considera que no Acordo de Cooperação e Defesa de 1995, assinado por Portugal e os EUA, a Base das Lajes foi o objetivo principal no acordo pelos EUA? (se sim) Entende que Portugal também o reconhece?	
	3. A Base das Lajes foi o “palco” da Cimeira das Lajes de 2003, onde àquela data personalidades políticas como Bush, Blair, Aznar e Barroso debateram a invasão do Iraque. A sua posição geopolítica foi determinante na escolha do local? Porquê?	
	4. Considera que no período pós Guerra-fria a Base das Lajes continua a ter a mesma importância estratégica que teve durante toda a Guerra-fria?	
Bloco C: Benefícios para Portugal, resultantes Base das Lajes	5. Resultante da Base das Lajes nas relações Portugal – EUA, a Defesa Nacional portuguesa retirou benefícios materiais da mesma, após a assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995? Como?	
	6. Com a presença militar dos EUA na Base das Lajes, considera uma mais-valia significativa para a economia açoriana?	
	7. Concorda que a Base das Lajes é um “trunfo” para Portugal para um diálogo privilegiado com os EUA e tem permitido uma maior visibilidade no sistema internacional?	
Bloco D: Futuro da Base das Lajes	8. A Base da Lajes é considerada uma base central e ou de rota para os EUA?	
	9. Face à nova tipologia de conflitualidade, a Base das Lajes continuará a ter importância estratégica a médio e a longo prazo para os EUA?	

Apêndice C - Amostragem: entrevistas

Entrevistado 1: Jornalista Armando Mendes

Cargo: Repórter - RTP Açores

Local: Diário Insular – Angra do Heroísmo

Data: 19 de março de 2014

Hora de Início: 11h30

Hora de Fim: 12h46

Duração: 46 minutos

Utilização de Gravador: Sim

Entrevistado 2: Major General Luis António Flor Ruivo

Cargo: Comandante da Zona Aérea dos Açores

Local: BA4 – Lajes

Data: 20 de março de 2014

Hora de Início: 11h00

Hora de Fim: 11h50

Duração: 50 minutos

Utilização de Gravador: Sim

Entrevistado 3: Embaixador Pedro Manuel dos Reis Alves Catarino

Cargo: Representante da Republica para a Região Autónoma dos Açores

Local: Gabinete do Representante da Republica – Angra do Heroísmo

Data: 19 de março de 2014

Hora de Início: 15h38

Hora de Fim: 16h34

Duração: 56 minutos

Utilização de Gravador: Sim

Entrevistado 4: Professor Catedrático da Academia Militar António José Telo

Local: Academia Militar - Aquartelamento da Amadora

Data: 25 de março de 2014

Hora de Início: 10h26

Hora de Fim: 11h25

Duração: 59 minutos

Utilização de Gravador: Sim

Entrevistado 5: Professor Catedrático Nuno Severiano Teixeira

Cargo: Vice-Reitor da Universidade Nova de Lisboa

Local: Universidade Nova de Lisboa – Campus Campolide

Data: 27 de março de 2014

Hora de Início: 12h47

Hora de Fim: 13h08

Duração: 21 minutos

Utilização de Gravador: Sim

Entrevistado 6: General José Alberto Loureiro do Santos

Local: Residência pessoal - Carnaxide

Data: 31 de março de 2014

Hora de Início: 16h10

Hora de Fim: 16h53

Duração: 53 minutos

Utilização de Gravador: Sim

Apêndice D - Quadro do resumo das entrevistas

Tabela nº 2 - Resumo da resposta à Q1

Ent.	Q1: Considera que a Base das Lajes tem tido um papel importante no estacionamento e projeção de forças norte-americanas, nos conflitos pós Guerra-Fria? Como e em Quais?
Ent 1	<p>“Sim. Basicamente a minha ideia é que os EUA pretendem garantir por exemplo no Médio Oriente um fluxo de petróleo constante e a preços razoáveis, e isso implica que têm que estar preparados para ocorrer aquela zona. Para que isso aconteça precisam dos Açores de duas coisas, uma è ter acesso para reabastecimento, descanso etc. em projeção, e a outra precisam de garantir a negação de a forças, a países que possam vir a ter interesse em se colocar nos EUA e essas zonas. Para mim, os conflitos onde a Base das lajes teve um papel mais ativo, desde logo a primeira Guerra do Golfo com uma intensidade muito grande, também nos Balcãs, conflitos em Africa também com grande intensidade, tanto em termos de projeção de força, como em termos de estacionamento de algum tipo avião, aguardar aqui no oceano por uma possível intervenção, os de reabastecimento.</p> <p>Como você sabe hoje em dia os aviões tem um raio de alcance muito longo, mas você tem que fazer contas entre o raio de alcance e capacidade útil, ou seja, se você prolonga muito a seu de alcance até ao seu limite, às tantas tem que ir com ele vazio. Isto tem implicações em espiral sobre a quantidade de aparelhos que tem de ser usados para atingir um determinado objetivo, ora com o apoio de reabastecimento nos açores quer em terra quer aéreo é muito mais económica essa projeção, existem contas feitas sobre isso, e, essa economia é muito grande.”</p>
Ent 2	<p>“Sim. A ideia que eu tenho, é que pós Guerra-fria a base passou a ser um local de trânsito de aeronaves que vêm dos EUA para a Europa ou vice-versa. Se olharmos para os dados, que eu tenho em minha posse, da distribuição de aeronaves desde 1996 ate hoje, assistimos a dois picos distintos, um em de 2001, associado ao Afeganistão e o outro em 2003, Iraque.”</p>
Ent 3	<p>“Sim, foi um ponto de apoio importante na Guerra do Afeganistão em 2001 e do Iraque em 2003, para todas as deslocções dos EUA, quer de equipamento, quer de material, na organização da sua logística, manteve sempre uma certa importância.”</p>
Ent 4	<p>“Sim, teve uma importância relevante sobretudo nas operações, projeção de força e logística. Essa situação em diferentes teatros, Guerra do Golfo e da Jugoslávia, se bem que nestes teatros, os EUA tinham o apoio da maioria dos parceiros da NATO, principalmente no Golfo. Já nas campanhas do Afeganistão e Iraque, a situação era outra, não tinham o mesmo apoio pelos parceiros da NATO, como no Golfo e na Jugoslávia, isso implicou um aumento significativo na importância de utilização das Lajes.”</p>

Ent 5	“Sim, eu penso que tudo o que tenha a ver com trânsito de aviões para teatros europeus a base mantem o seu valor. Sempre que é preciso fazer operações no teatro europeu, depois para o medio oriente, é necessária uma articulação entre os dois continentes, ai o valor estratégico vem ao de cima. Como foram, principalmente, os casos do Afeganistão e do Iraque.”
Ent 6	“Sim têm. Apesar de aparentemente ter perdido expressão, dada a natureza da utilização das forças mas, ela mantem-se como uma posição de grande relevância estratégica. Por conseguinte tem servido quando a grandes vagas de transportes aéreos algures na Eurásia, como foi o caso do Iraque e do Afeganistão.”

Tabela nº 3 - Resumo da resposta à Q2

Q2: Considera que no Acordo de Cooperação e Defesa de 1995, assinado por Portugal e os EUA, a base das Lajes foi o objetivo principal no acordo pelos EUA?	
Ent 1	<p>“Sim, sem dúvida a Base das Lajes e o objeto central do Acordo. Só que nos documentos e as declarações americanas que existem, isso aconteceu na assinatura do acordo em Lisboa com secretário de Estado norte-americano, não fala em Acordo de Cooperação e Defesa, Portugal é que inventou esse termo, a parte americana fala no Acordo das Lajes.</p> <p>Penso que o interesse norte-americano sempre esteve ligado ao controle do espaço aéreo dos Açores. A Base das Lajes não serve só para projeção de forças, é também um posto, que serve para o controlo do espaço geoestratégico dos Açores, que é um dos maiores espaços comerciais do mundo, com as suas rotas aéreas, marítimas, etc. “</p>
Ent 2	<p>“A ideia que eu tenho é que sim, de facto as Lajes é o objetivo central da discussão do Acordo. Nos temos trocas comerciais com os EUA, acredito que a Base das Lajes seja importante, mas as trocas comerciais também. Mas isso não está contemplado no Acordo, nele fala exclusivamente a cedência das instalações que temos aqui na base às forças dos EUA, para a partir daqui ter aviões de passagem e poderem, a partir daqui, lançar operações militares no âmbito da NATO ou outros conflitos em que os dois países estejam envolvidos, isto é o corpo do Acordo.”</p>
Ent 3	<p>“Sim, o objetivo central foi a Base das Lajes, fundamentalmente era estabelecer a renovação da base das Lajes.</p> <p>Até certa altura os americanos entenderam, e os portugueses também, que devia haver uma compensação económica e financeira pelas facilidades nos Açores, portanto contrapartidas efetivas.</p> <p>Até então as contrapartidas, de certa maneira, eram uma espécie de uma renda paga a Portugal para compensar as facilidades pelo uso das Lajes. Uma renda que se justificava por várias razões, nomeadamente pela diferença do desenvolvimento económico. Nós eramos um pequeno país, com dificuldades económicas, com diferenças abismais de desenvolvimento em relação aos americanos. Portanto, achava-se que era de justiça, haver uma compensação monetária para Portugal, pela disponibilização da Base das Lajes aos EUA.</p> <p>Em 1990, os norte-americanos dizem a Portugal, que consideravam não se justificar as</p>

	<p>contrapartidas exatamente nos mesmos termos que tinham tido lugar no passado. Portugal entretanto tinha-se tornado membro nas Comunidades Europeias. Eramos agora membro de um “clube” de ricos, já tínhamos um desenvolvimento razoável, e portanto eles estavam aqui não só para se protegerem a eles próprios, mas também para protegerem os países da Europa, nomeadamente Portugal. Portanto, este beneficiava por os EUA estarem aqui, como por exemplo, com o dinheiro gasto nas infraestruturas da base e pelo facto de terem aqui mais de mil efetivos, bem como as suas famílias. Para os EUA, tudo isto tinha uma repercussão favorável na economia açoriana, e isso bastaria.</p> <p>Então a solução que se adotou naquela altura, entre outras coisas, foi a constituição de uma comissão bilateral permanente. Esta estabelecida no Acordo, funciona em reuniões todos os seis meses, uma em Washington outra em Lisboa, rotativamente. Onde trazem para a mesa das negociações, representantes dos diversos setores americanos e portugueses, projetos para serem discutidos e que possam ser implementados em benefício de Portugal, nomeadamente dos Açores. Ou seja, houve uma mudança de filosofia no acordo.”</p>
Ent 4	<p>“Sim, teve um papel muito importante. Em 1995, Portugal mudou de posição em relação ao antigo Acordo e decidiu falar em contrapartidas, mas é já numa altura em que os EUA já não tinham o interesse nas Lajes que tinham antes, pelo menos oficialmente.</p> <p>Portugal não escolheu o melhor período para tal, os EUA tinham muitas alternativas, coincide com a guerra da Jugoslávia onde maioria dos Estados da NATO permitam o uso da suas bases.”</p>
Ent 5	<p>“Sim, eu penso que o interesse estratégico americano no atlântico passa pela Base das Lajes. Vai havendo flutuações da sua importância estratégica em função da evolução da conjuntura internacional, da tipologia dos conflitos, da própria tecnologia militar, mas eu penso que continua a existir, e mesmo a longo prazo se o interesse dos EUA passar pelo atlântico, esse interesse obviamente passa pela Base das Lajes. “</p>
Ent 6	<p>“Sim, foi o objeto central. Isto define a nossa necessidade de ter uma relação com os EUA. Nos somos aliados dos EUA, em dois patamares. No patamar multilateral, na OTAN, mas somos também, isso começou antes, no patamar bilateral. “</p>

Tabela nº 4 - Resumo da resposta à Q3

Q3: A Base das Lajes foi o “palco” da Cimeira das Lajes de 2003. A sua posição geopolítica foi determinante na escolha do local? Porquê?	
Ent 1	<p>“Olhe, para lhe dizer a verdade eu cobri essa cimeira, estive lá e não percebi bem porque a Base das Lajes foi escolhida. Em termos geopolíticos ou geoestratégicos não vejo grande relevância, eventualmente com a sua posição geográfica, longe de manifestações em massa. Porque nessa altura estaria já em jogo eventuais ralações de força para colocar Durão Barroso como presidente da Comissão Europeia. Penso que só o tempo histórico é que nos vai explicar isso, o acesso a arquivos que vao ser libertados daqui a uns anos.”</p>

Ent 2	“A ideia que eu tenho é que não é a primeira vez que se faz uma cimeira nas Lajes, houve uma cimeira que foi feita em 1971, em que estiveram cá os presidentes, francês, dos EUA e o do concelho, Marcelo Caetano. Naquela altura havia um motivo e eu percebia esse motivo, havia uma crise financeira muito grande e a França e os EUA tinham a necessidade de falar sobre isso e isto era terreno neutral para aquele tipo de discussão. Desta vez, o que pareceu e que não era terreno neutral, porque Portugal estava envolvido neste processo, mas dada a geografia, longe dos continentes, europeu e americano, em que o acesso aqui não é tao fácil como a ambos os continentes que eu referi, era um sítio mais protegido e seguro. Apesar de chegar aqui um batalhão de órgãos de comunicação social, não chegou um grupo de pessoas organizadas para fazerem manifestações contra o processo que estava a decorrer, isto é de facto um sítio que está salvaguardado nessa área e isto foi a ideia principal.”
Ent 3	“É sempre importante que o nosso país esteja ligado acontecimentos. Não foi a primeira vez que decorreram aqui cimeiras, na altura o Nixon com o Pompidou. Acho que razão foi a meio caminho entre os EUA e a Europa. Um solução que se entendeu que não levantava problemas delicados, de opinião pública. Num país relativamente pequeno, que não tinha posições extremistas. Estavam imunes a movimentos populares, inclusive a protestos.”
Ent 4	“Foi uma atitude inteligente do então Primeiro-ministro português Durão Barroso, na medida que valorizou justamente a posição de Portugal. No entanto, Portugal nessa cimeira funcionou apenas como anfitrião, estava lá só para a fotografia. Teve um significado simbólico.”
Ent 5	“Eu penso que isso não tem uma ligação direta com o valor estratégico da base das Lajes, isso teve haver com a conjuntura politica na altura e da disponibilização que foi feita. Eu penso que a localização da cimeira em 2003 nas lajes não teve uma natureza estratégica. Tem essencialmente razoes de natureza politica. Na minha opinião foi uma menos valia para Portugal, fez publicidade negativa.”
Ent 6	“Sim, na minha opinião estive ligado à sua posição geográfica, longe de possíveis manifestações. Para Portugal foi uma mais-valia a realização da Cimeira nas Lajes.”

Tabela nº 5 - Resumo da resposta à Q4

Q4: Considera que no período pós Guerra-fria a Base das Lajes continua a ter a mesma importância estratégica que teve durante toda a Guerra-fria?	
Ent 1	“A seguir à guerra-fria é muito claro que a Base das Lajes teve uma grande importância na projeção de forças norte-americanas, porque efetivamente os conflitos regionais instalaram-se, como era previsível, no tempo dos dois blocos, “cada um tratava dos seus”. Enquanto os EUA dependeram do petróleo e enquanto o Médio Oriente for efetivamente uma zona de petróleo e os EUA precisarem e quiserem ter controlo sobre aquela zona, o espaço geoestratégico dos Açores não pode ser dispensado, nem para uso, nem para que outras potências naturalmente, os chineses por exemplo, como ouviu falar recentemente, tenham a tentação de se instalarem por cá e, este é certamente o pensamento americano. Além disso todo o discurso que

	<p>vai assistindo que a Base das Lajes já não vai ser precisa, e que os EUA vão se virar para o Pacífico, isso não me convence. Os EUA são uma potencia global, obviamente tem interesses globais, tanto tem no pacífico, como tem no indico, no atlatico, como tem na Europa e na Africa. Obviamente tem que ocorrer a essas zonas onde tem interesses vitais. Um deste interesse vital, e não deixar que a Europa volte a destablizar-se, como podemos ver agora o caso da Crimeia, como antes o caso dos Balcas, o interesse em proteger o petróleo, em proteger Israel como potencia aliada americana na zona do medio oriente, tudo isso passa pelas lajes, como termos de uso para otimização dos recursos, como em termos de ligação a outros.”</p>
Ent 2	<p>“Nos não podemos deixar aqui de fora a diáspora, muitos portugueses e descendentes que estão nos EUA e isso tem peso político, porque são pessoas que votam. A ideia que eu tenho é que as relações que nos temos com eles, são uma relação de longa data, e passas por outras coisas para além da base, os muitos portugueses lá também fomenta a relação e depois a parte comercial. Contudo a base continua a ser muito importante, não à dúvida, talvez o ponto mais visível neste processo, como já disse foi o ponto central no Acordo de 1995.”</p>
Ent 3	<p>“O uso que teve no passado, durante a Guerra-fria, não é comparável com o que tem hoje, pós Guerra-fria. É menor, isto porque o raio de ação dos aviões é diferente. Num entanto, a importância estratégica dos Açores permanece, não precisam é de ter uma presença de efetivos tão considerável.</p> <p>É sempre preciso ter uma possibilidade alternativa, caso os membros da NATO, por qualquer motivo, recusem ceder as suas bases aos EUA. Os Açores mesmo assim continuam a ser um ponto de apoio de grande relevância, numa situação de conflito.</p> <p>Outro aspeto importante é que a capacidade de armazenagem de combustível aqui nos Açores é muito importante, é a segunda maior a nível mundial (a primeira é no pacífico em Guam). Isso permite o reabastecimento para qualquer acontecimento, podendo ser feito na pista ou no ar.</p> <p>Os Açores também perderam algum significado, porque os norte-americanos numa perspetivação global das suas necessidades, na Europa, entenderam que era mais lógico, que fossem desenvolvidas as facilidades em Espanha. Decidiram que as bases e portos espanhóis, davam-lhes uma flexibilidade e até mesmo possibilidades que Portugal não dava.”</p>
Ent 4	<p>“Depois da Guerra-fria houve uma queda substancial na utilização da mesma, porque havia alternativa a outras bases e o conceito de projeção de força era já bastante diferente. Desaparecem os planos de reforço da Europa em caso de conflito, a necessidade de projetar esse reforço via atlântico e desaparece toda a preocupação que diz respeito á guerra antissubmarina, e à ameaça submarina. Isso faz uma queda significativa da importância da Base das lajes para os EUA. Contudo, a importância da base das Lajes, pós Guerra-fria, tem tido oscilações consideráveis.”</p>
Ent 5	<p>“A Base das Lajes tinha valor estratégico na Guerra-fria e continua a ter no pós Guerra-fria, conjunturalmente esse valor sobe ou desce conforme a situação internacional. O essencial e presença americana nas Lajes e o sinal que o valor estratégico da base se mantem. No pós Guerra-fria a Base das Lajes perde significado estratégico conjunturalmente mas, não estruturalmente.”</p>
Ent 6	<p>“A Base das lajes, desde o fim da Guerra-fria tive-se perdido um pouco a expressão de utilização, que não a sua posição geográfica, isso nunca perde, por conseguinte, o seu valor é permanente.</p>

	<p>Nunca deixará de ter valor, maior ou menor, em função do nível de conflitos em que os EUA terão que intervir na região da Europa, em função dos meios usados nesses conflitos e na evolução tecnológica dos equipamentos.”</p> <p>Os EUA ao manterem uma presença militar nos açores, salvaguardam-se de que dificilmente uma potência, com potencial para tal, manifeste interesse pela região, para impor a sua vontade.”</p>
--	--

Tabela nº 6 - Resumo da resposta à Q5

Q5: Resultante da Base das Lajes nas relações Portugal – EUA, a Defesa Nacional portuguesa retirou benefícios materiais da mesma, após a assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995? Como?	
Ent 1	<p>“Relativamente ao nível material, está muito ligado às Forças Armadas. Todo o processo do F16 português tem haver com a Base das Lajes, é no âmbito dos acordos da Base das Lajes que Portugal é declarado como país ao acesso aos F16, e uma grande parte dos F16 que vem para Portugal vem sem custos, precisamente por conta do Acordo da Base das Lajes, bem como muito outro armamento. A formação, suponho que no programa IMET, com a presença de oficiais portugueses nos EUA também decorre no âmbito desse Acordo.</p> <p>Sendo a Base das Lajes aquilo que justifica o entendimento de Portugal – EUA ao nível profundo, é da Base das Lajes que resulta tudo isto, assim as contra-partidas são mais ou menos evidentes.</p> <p>Se me perguntar assim, se são contrapartidas equiparáveis com o benefício que a Base das Lajes significa para os EUA? Eu digo-lhe não.. Este acordo de 1995 foi desastre para Portugal, também ao nível das contrapartidas, sobretudo porque passou tudo para o nível da boa vontade, isso prejudicou particularmente os Açores.</p>
Ent 2	<p>“Sim, eu acho que nós tiramos alguns benefícios com isso, contrapartidas que ainda hoje as temos. O processo da chegada de certos aviões a Portugal, acredito que estejam ligados à ajuda militar que nos dão. Mas aqui um ponto que não se nota muito, é que toda esta infraestrutura militar que temos aqui, não digo toda, mas uma grande parte é paga por eles. Mesmo fora da base, um radar meteorológico na Serra de Santa Barbara, que foi pago e operado por eles. Temos também o programa IMET com eles e isto é o que se nota mais ao nível militar.”</p>
Ent 3	<p>“Sim, a presença de americanos serve o interesse dos próprios. Mas, também para poderem participar no esforço coletivo da Europa. A nível imaterial, por um lado, estamos a dar apoio a um aliado muito importante. Para um pequeno país, como é Portugal temos interesses globais, portanto projetamos assim a nossa ação. Não é irrelevante termos ou não termos o apoio dos EUA nas nossas posições, nós entendemos que temos qualquer coisa para dar a um aliado, que é muito importante. Por outro lado, pelo facto de sermos membro da NATO, beneficiamos também com o sistema de segurança coletiva baseado na NATO, quando os EUA têm aqui nos Açores um determinado potencial, está de certa maneira a proteger a nossa própria segurança.</p> <p>Ao nível material, ganhamos com as infraestruturas, algumas feitas por eles, com dinheiros americanos, na cooperação universitária, académica, em projetos de ordem económica, na parte militar com a formação dos efetivos e no equipamento supérfluo que eles não precisavam</p>

	dispensavam as forças portuguesas”.
Ent 4	“As contrapartidas que estavam dispostos a dar eram bastante mais reduzidas. E depois Portugal aceitou com alguma facilidade situações de ambiguidade, eram situações em que administração americana dizia, que faria o seu possível e faria o melhor, mas não assumiram compromisso formal e concreto.”
Ent 5	“Sim, penso que Portugal têm retirado benefícios. Principalmente ao nível imaterial, no fortalecimento da relação bilateral com os EUA. Penso que também ao nível material, com benefícios na área militar.”
Ent 6	“Eu acho que o grande benefício que Portugal tem retirado da relação bilateral Portugal – EUA são os laços. É garantia da nossa aliança com os EUA. Ou seja, benefícios imateriais, mas que de um momento para o outro, podem passar para benefícios materiais.”

Tabela nº 7 - Resumo da resposta à Q6

Q6: Com a presença militar dos EUA na Base das Lajes, considera uma mais-valia significativa para a economia açoriana?	
Ent 1	<p>“Do ponto de vista económico, pode-se dizer que sim.</p> <p>A Base das Lajes das representa a volta de 12 a 15% do PIB da ilha da Terceira. Mas, isto é um problema gravíssimo. Uma base militar é por natureza uma estrutura efémero, sobre tudo no estrangeiro, ela existe enquanto é necessária, muda a geopolítica e geoestratégia e não nenhuma razão para a base se manter ali.</p> <p>Os Açores, principalmente a ilha da terceira nunca pensaram nisso, chegamos a uma altura em que os norte-americanos anunciam uma reorganização da Base das Lajes, que terá impacto económico, embora na minha opinião não resulte em desvalorização estratégica.</p> <p>Assim, temos aqui dois dados, um dado é a dependência económica da Base das Lajes durante cerca de 60 anos. O outro dado é a realidade atual, os norte-americanos afirmaram que vão fazer uma reorganização da base. Com isto, é óbvio que vai ter impacto na economia da ilha, a qual não está preparada para resolver esse problema.”</p>
Ent 2	<p>“Sim, tem um importante impacto económico. Estima-se que eles tenham deixado aqui na economia local, segundo os números de 2012 cerca de 87M\$.</p> <p>Com a permanência dos norte-americanos de cerca de 6 décadas, as entidades locais debatem-se com o problema da redução de efetivos ao longo dos anos, no impacto económico.”</p>
Ent 3	<p>“Sim, sem dúvida. Está-se á espera de uma avaliação, em junho. Antes as comissões eram de dois anos e os militares podiam trazer as famílias. Atualmente é de um ano e não podem trazer as suas famílias, portanto as necessidades locais aqui são muito menores, já fecharam a escola, já cessaram um serie de contratos de arrendamento. Portanto já se estão sentir os efeitos aqui na economia local.</p> <p>Quando se efetua uma redução de efetivos considerável nas Lajes, traz logo impacto na economia local. A economia desta ilha é pouco vigorosa, não tem potencialidades perante uma situação</p>

	<p>emergente readaptar-se. Numa economia com massa crítica, com a saída dos americanos, criava-se outras alternativas. Neste caso, com uma massa crítica e reduzida, o nível de qualificação das pessoas é limitado, a atividade económica e reduzida, se não vierem soluções de fora a economia não se desenvolve.</p> <p>Sim, de certa maneira. Uma vez que temos outras possibilidades para tal, somos um país fundador da NATO, membro da UE e com uma participação ativa nas Organizações Internacionais.”</p>
Ent 4	<p>“Com certeza que sim, numa economia local tao reduzida como na respetiva ilha, tem um grande impacto económico a redução considerável de efetivos. Sim existe uma dependência extrema dos militares, isto porque a região idealizou sempre a presença dos militares, permanente.”</p>
Ent 5	<p>“Claro que tem um grande impacto económico, tem muito importantes. Eu também acho que se deve segurar não só os aspetos de natureza estritamente militar, mas esses aspetos de natureza económica e social. A presença dos efetivos americanos naquela ilha, sobre a dinâmica da economia, enfim, numa ilha coma a Terceira tem um enorme impacto. Esses aspetos também têm que ser vistos com cuidado e assegurados.”</p>
Ent 6	<p>“Sim, em termos locais tem um impacto económico muito substancial, uma vez que é uma economia pequena.”</p>

Tabela nº 8 - Resumo da resposta à Q7

Q7: Concorda que a Base das Lajes é um “trunfo” para Portugal para um diálogo privilegiado com os EUA e tem permitido uma maior visibilidade no sistema internacional?	
Ent 1	<p>“Isso para mim é evidente. O suporte norte-americano tem sido altamente importante, no acesso de Portugal a certas organizações internacionais, e até na própria independência de Timor.</p> <p>Portugal como uma pequena potencia, se não tiver um “aconchego”, neste caso, de uma grande potência não irá longe.</p> <p>Isto implica que os EUA ao partirem do princípio que a Base das Lajes, o espaço geoestratégico do Açores não é questionado em Portugal, aparentemente não estão a ligar muito a outros interesses portugueses. Portugal não tem aproveitado, julgo eu, principalmente porque tenta permanentemente consolidar uma relação com os EUA for da âncora das Lajes e nunca percebeu que isso é impossível.”</p>
Ent 2	<p>“Sim, é importante. Se não houve-se as Lajes o relacionamento seria mais “frio”.</p> <p>Eu acho que não. Eu entendo que a Base das lajes foi muito importante no passado e até poderá ter sido o ponto central do Acordo, e mais importante que nos fez aderir à NATO como membro fundador, aí sim porque estávamos a sair de uma Guerra Mundial e era importante ter um local de reserva e dimensão estratégica importante. Mas, a partir daí, para além da presença norte-americana na Base das Lajes, não tem havido mais nada que faça notar que de facto de termos as Lajes que somos mais considerados. Não parece por exemplo, que a nossa posição na NATO não é mais importante por termos os Açores.”</p>
Ent 3	<p>“Sim, tem sido sempre. Aqui os Açores em concreto a base das Lajes é um elemento que nos</p>

	aproxima dos EUA, que dá relevância à nossa relação e que tem potencialidades, inclusivamente neste próprio contexto, de continuar a desempenhar esse papel no futuro.”
Ent 4	<p>“Sim sem dúvida. As Lajes em particular, são um trunfo na política externa portuguesa e na posição de Portugal no mundo. E é um trunfo desde 1898, primeira vez que os Açores têm grande significado para as grandes estratégias para o atlântico. Não era só na relação com os EUA, mas era antes na relação com a Inglaterra.</p> <p>Há vários fatores que contribuem para isso, um deles é o facto de Portugal ter dezenas, se não quase duas centenas de comunidades espalhadas pelo mundo. Algumas numerosas, EUA, Canadá, África do Sul, Brasil. Isso contribui de facto para aumentar o papel externo de Portugal no mundo. Sem dúvida um dos fatores, em muitos contextos, o mais importante são os açores e as Lajes.”</p>
Ent 5	
Ent 6	<p>“Sim. Eu penso que é mesmo o mais importante trunfo que nos dispomos, quer para com os norte-americanos, quer na comunidade internacional. Claro que a nossa posição em si, o continente, também é importante do ponto de vista estratégico, para uma potência marítima, pode ser o cais de desembarque do continente. Aliás foi no passado e pode vir a ser no futuro. Mas essa importância é extremamente reforçada com os Açores.”</p>

Tabela nº 9 - Resumo da resposta à Q8

Q8: A Base das Lajes é considerada uma base central e ou de rota para os EUA? Quais as razões?	
Ent 1	<p>“Eu vejo a Base das Lajes atualmente, essencialmente, como base de rota. Uma base de apoio á projeção de força. Mas uma base que pode ter outras funções.</p> <p>A Base das Lajes já foi considerada também uma base central para os EUA no seu sistema de bases no estrangeiro.”</p>
Ent 2	<p>“É uma base de rota sem dúvida.</p> <p>Apesar de eles conseguirem fazer uma ligação direta dos EUA para a Europa ou vice-versa, sem aterrarem aqui, metem os reabastecedores e conseguem fazer-lo, só que é mais dispendioso, sai mais caro. Só que de facto dá jeito ter aqui nestas ilhas no meio do oceano, principalmente nesta, uma pista enorme com estas capacidades para quando é necessário aterrarem, desancarem e seguir.”</p>
Ent 3	<p>“A Base das Lajes, neste momento pode ser considerada uma base de rota. Uma vez que é um ponto de reabastecimento no meio do oceano atlântico.”</p>
Ent 6	<p>“É uma base de rota. A base das Lajes, apesar de toda a conjuntura global, pode ser considerada uma a base de primeira prioridade, para os EUA”</p>

Tabela nº 10 - Resumo da resposta à Q9

Q9: Face à nova tipologia de conflitualidade, a Base das Lajes continuará a ter importância estratégica a médio e a longo prazo para os EUA?	
Ent 1	<p>“Na minha opinião, enquanto os EUA continuarem a ser uma potencial global e tiverem interesse em instabilização na Europa, no médio oriente, em africa, os fluxos de petróleo, as estratégias forem as que são, entre outras coisas, obviamente que a base continuará a ter interesse.</p> <p>Pelo se pode prever nos próximos anos, a China não se irá afirmar com potencia militar global, a Rússia tem os seus problemas, a União Europeia é um gigante com “pés de barro” de militares, não estou a ver haja grandes desafios para os EUA. Enquanto o petróleo for a base destas democracias industrializadas e enquanto o medio oriente continuar a “jorrar” petróleo, parece-me que este espaço geoestratégico dos Açores vai ser importante vital para os EUA.”</p>
Ent 2	<p>“Sim, é um ponto importante que eles podem contar no futuro, mas adormecido, comparado com o passado é uma pálida imagem.</p> <p>Com o anúncio da redução de efetivos, na realidade, isto continua a funcionar da mesma forma, só que em vez de eles planearem os seus movimentos de forma aterram aqui a qualquer hora do dia e da noite, o que eles fazem agora, ou tem planeado fazer, é uma janela de tempo desde das 10h00 às 18h00, e todos os aviões que vem dos EUA para Europa e vice-versa terão que aterrar dentro daquela janela. Concentram o tempo de 24h para 8h por dia, o que é um terço do antigo horário. A base deixa de ser operacional? Não. Efetivamente, têm é uma redução na necessidade de efetivos. Além disso também reduziram os locais de lazer, o cinema, a estação de rádio, etc., contribuindo mais uma vez para a redução de efetivos, na manutenção do funcionamento destas estruturas.”</p>
Ent 3	<p>“Atualmente e num futuro próximo, a Base das Lajes numa situação de emergência ou de conflito, continua a ter importância e também continuam a ser um ponto de apoio de grande relevância. Os americanos podem usar as facilidades, ter a capacidade de armazenar, manter a pista a funcionar, os serviços essenciais e num caso de necessidade, o conceito que os militares usam muito: o pré-posicionamento do equipamento, os efetivos rapidamente vão ao lugar e desempenham o seu papel.”</p>
Ent 4	<p>“A Base das Lajes tem crescente importância para uma serie de atores, para a UE, o Brasil e para China, os EUA são meramente um desses atores. Agora a maneira como Portugal joga com isso depende muito. Depende do entendimento dessa importância e por vezes não existe.”</p>
Ent 5	<p>“Na medida em que o controlo do oceano atlântico seja importante ela continuará a manter a sua importância estratégica do ponto de vista estrutural a medio e a longo prazo. A importância que tem atualmente tem tendência em manter-se.”</p>
Ent 6	<p>“Eu acho que sim. Embora tenha uma tendência a desvalorizar a sua atualização, entre outras, pela razão da evolução tecnológica, como disse anteriormente, no fim de tudo, isto pode evoluir. Mas, há duas realidades físicas que nunca se alteram na guerra, uma é a geografia e a outra a demografia.”</p>

Apêndice E - Codificação das respostas das entrevistas

Tabela nº 11 - Matriz cromática das unidades de contexto e registo das entrevistas

Ent.	Unidades de Contexto	Unidades de Registo
Q1: Considera que a Base das Lajes tem tido um papel importante no estacionamento e projeção de forças norte-americanas, nos conflitos pós Guerra-Fria? Como e em Quais?		
Ent 1	- “Acesso para reabastecimento.”	1.1
	- “Descanso em projeção.”	1.2
	- “A primeira Guerra do Golfo com uma intensidade muito grande,	1.4
	- e também nos Balcãs .”	1.5
Ent 2	- “Um local de trânsito de aeronaves dos EUA para a Europa ou vice-versa”	1.3
	- “Assistimos a dois picos distintos, um em 2001, associado ao Afeganistão,	1.6
	- o outro em 2003, Iraque	1.7
Ent 3	- “Para todas as deslocações dos EUA quer de equipamento, quer de material.”	1.1
	- “Ponto de apoio importante na Guerra do Afeganistão em 2001,	1.6
	- e do Iraque em 2003.”	1.7
Ent 4	- “Sim, teve uma importância relevante sobretudo na projeção de força,	1.2
	- e logística.”	1.1
	- “Nas campanhas do Afeganistão,	1.6
	- e Iraque.”	1.7
Ent 5	- “Trânsito de aviões para teatros europeus a base mantem o seu valor.”	1.3
	- “Como foram, principalmente, os casos do Afeganistão,	1.6
	- e do Iraque.”	1.7
Ent 6	- “ Tem servido quando a grandes vagas de transportes aéreos algures na Eurásia	1.3
	- “Como foi o caso do Iraque,	1.7
	- e do Afeganistão.”	1.6
Q2: Considera que no Acordo de Cooperação e Defesa de 1995, assinado por Portugal e os EUA, a Base das Lajes foi o objetivo principal no acordo pelos EUA?		
Ent 1	- “Sim, sem dúvida a Base das Lajes e o objeto central do Acordo.”	2.1
	- “Acordo de Cooperação e Defesa, Portugal é que inventou esse termo, a parte americana fala no Acordo das Lajes. “	2.2
Ent 2	- “De facto as Lajes é o objetivo central da discussão do Acordo.”	2.1
Ent 3	- “Sim, o objetivo central foi a base das Lajes.”	2.1
Ent 4	- “Sim, teve um papel muito importante,	2.1
	- mas Portugal não escolheu o melhor período para tal.”	2.3
Ent 5	- “Sim, eu penso que o interesse estratégico americano no atlântico passa pela Base das Lajes.”	2.1
Ent 6	- “Sim, foi o objeto central.”	2.1
Q3: A Base das Lajes foi o “palco” da Cimeira das Lajes de 2003. A sua posição geopolítica foi determinante na escolha do local?		
Ent 1	- “Estaria já em jogo eventuais ralações de força para colocar Durão Barroso como presidente da Comissão Europeia.”	3.1
	- “Com a sua posição geográfica, longe de manifestações em massa.”	3.2

Ent 2	- “Dada a geografia, longe dos continentes, europeu e americano, Salvaguardado de manifestações” - “Não é a primeira vez que se faz uma cimeira nas Lajes, houve uma em 1971.”	3.2 3.3
Ent 3	- “Não foi a primeira vez que decorreram aqui cimeiras, na altura o Nixon com o Pompidou.” - “Uma solução que se entendeu que não levantava problemas delicados, de opinião pública. Imune a movimentos populares, inclusive a protestos.” - “É sempre importante que o nosso país esteja ligado acontecimentos.”	3.3 3.2 3.4
Ent 4	- “Foi uma atitude inteligente do então Primeiro-ministro Durão Barroso.” - “Teve um significado simbólico para Portugal.”	3.1 3.4
Ent 5	- “Com a conjuntura política na altura e da disponibilização que foi feita” Na minha opinião foi uma menos valia para Portugal, fez publicidade negativa.	3.1 3.5
Ent 6	- “Esteve ligado à sua posição geográfica, longe de possíveis manifestações. “ - “Para Portugal foi uma mais-valia a realização da Cimeira nas Lajes.”	3.2 3.4
Q4: Considera que no período pós Guerra-fria a Base das Lajes continua a ter a mesma importância estratégica que teve durante toda a Guerra-fria?		
Ent 1	- “A seguir a Guerra-fria é muito claro que a Base das Lajes teve uma grande importância na projeção de forças norte-americanas” - “O espaço estratégico dos Açores não pode ser dispensado, nem para uso, nem para que outras potências tenham a tentação de se instalarem por cá. ”	4.2 4.3
Ent 2	- “Nos não podemos deixar aqui de fora a diáspora, muitos portugueses e descendentes que estão nos EUA e isso tem peso político.” - “Contudo a base é muito importante, não à dúvida, talvez o ponto mais visível neste processo.”	4.1 4.2
Ent 3	- “O uso que teve no passado, durante a Guerra-fria, não é comparável com o que tem hoje, pós Guerra-fria, é menor, - isto porque o raio de ação dos aviões é diferente.” - “Num entanto, a importância estratégica dos Açores permanece,	4.1 4.4 4.2
Ent 4	- “Depois da Guerra-fria houve uma queda substancial na utilização da mesma, porque havia alternativa a outras bases.” - “Desaparecem, os planos de reforço da Europa em caso de conflito, da necessidade de projetar esse reforço via atlântico.” - “Contudo, a importância da base das Lajes, pós Guerra-fria, tem tido oscilações consideráveis. “	4.1 4.5 4.2
Ent 5	- “Pós Guerra-fria a Base das lajes perde significado estratégico conjunturalmente, - mas não estruturalmente, - conjunturalmente esse valor sobe ou desce conforme a situação internacional.”	4.1 4.2 4.5
Ent 6	- “A Base das lajes, pós Guerra-fria perde um pouco a expressão de utilização, mas, - não a sua posição geográfica, o seu valor é permanente, em função:, - do nível, de conflitos em que os EUA terão que intervir na região da Europa, dos meios usados nesses conflitos, - e na evolução tecnológica dos equipamentos. “ - “Os EUA ao manterem uma presença militar nos açores, salvaguardam-se de que dificilmente uma potência, com potencial para tal, manifeste interesse pela região.”	4.1 4.2 4.5 4.4 4.3
Q5: Resultante da Base das Lajes nas relações Portugal – EUA, a Defesa Nacional portuguesa retirou benefícios materiais da mesma, após a assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995? Como?		
Ent 1	- “Com este acordo, as contrapartidas, passaram para o nível da boa vontade, isso prejudicou particularmente os Açores.” - “Todo o processo do F16, é no âmbito do Acordo da Base das Lajes que Portugal é declarado como país ao acesso aos F16, vem para Portugal sem custos, precisamente por conta do Acordo da Base das Lajes, bem como muito outro	5.2 5.3 5.4

	armamento.” - “A formação, suponho que no programa IMET, com a presença de oficiais portugueses nos EUA também decorre no âmbito desse Acordo.”	
Ent 2	- “Sim, eu acho que nós tiramos alguns benefícios com isso, contrapartidas.” - “A chegada de certos aviões a Portugal, toda esta infraestrutura militar que temos aqui, não digo toda, mas uma grande parte é paga por eles”. - “O programa IMET com eles e isto é o que se nota mais ao nível militar.”	5.1 5.3 5.4
Ent 3	- Sim, a para poderem participar no esforço coletivo da Europa.” - “Beneficiamos também com o sistema de segurança coletiva baseado na NATO, quando os EUA têm aqui nos Açores um determinado potencial, está de certa maneira a proteger a nossa própria segurança.” - “Ganhamos com as infraestruturas, algumas feitas por eles, com a formação dos efetivos e no equipamento supérfluo que eles não precisavam dispensavam as forças portuguesas, - na cooperação universitária, académica, - em projetos de ordem económica.”	5.1 5.5 5.3 5.4 5.6
Ent 4	- “Portugal aceitou com alguma facilidade situações de ambiguidade. Com os EUA a não assumirem compromissos.”	5.2
Ent 5	- “Sim, penso que Portugal têm retirado benefícios.” - “Fortalecimento da relação bilateral com os EUA.” - “Ao nível material, com benefícios na área militar.”	5.1 5.5 5.3
Ent 6	- O “grande benefício que Portugal tem retirado da relação bilateral, - são os laços, e garantia da nossa aliança com os EUA.”	5.1 5.5
Q6: Com a presença militar dos EUA na Base das Lajes, considera uma mais-valia significativa para a economia açoriana?		
Ent 1	- “Do ponto de vista económico, pode-se dizer que sim.” - “Os Açores, principalmente a ilha da terceira nunca pensaram nisso, não está preparada para tal.”	6.1 6.3
Ent 2	- “Sim, tem um importante impacto económico.” - “Com a permanência dos norte-americanos de cerca de 6 décadas, as entidades locais debatem-se com o problema da redução de efetivos.”	6.1 6.3
Ent 3	- “Sim, sem dúvida.” - “A economia desta ilha é pouco vigorosa, - não tem potencialidades perante uma situação emergente readaptar-se.”	6.1 6.2 6.3
Ent 4	- “Com certeza que sim, - numa economia local tao reduzida como na respetiva ilha.” - “Existe uma dependência extrema dos militares, isto porque a região idealizou sempre a presença dos militares, permanente.”	6.1 6.2 6.3
Ent 5	- “Claro que tem um grande impacto económico.” - “Numa ilha coma a Terceira tem um enorme impacto.” - “Esses aspetos também têm que ser vistos com cuidado e assegurados.”	6.1 6.2
Ent 6	- “Sim, em termos locais tem um impacto económico muito substancial	6.1
Q7: Concorda que a Base das Lajes é um “trunfo” para Portugal para um diálogo privilegiado com os EUA e tem permitido uma maior visibilidade no sistema internacional?		
Ent 1	- “Isso para mim é evidente.” - “O suporte norte-americano tem sido altamente importante, no acesso de Portugal a certas organizações internacionais.” - “Portugal como uma pequena potencia, se não tiver um “aconchego”, neste caso, de uma grande potência não irá longe.”	7.1 7.2
Ent 2	- “Eu acho que não. No meu entender, não tem havido mais nada que faça notar que de facto de termos as Lajes que somos mais considerados”	7.3
Ent 3	- “Sim, tem sido sempre os Açores em concreto a Base das Lajes um elemento que nos aproxima dos EUA e tem potencialidades,	7.1 7.2

	- inclusivamente de continuar a desempenhar esse papel no futuro.”	
Ent 4	- “As Lajes em particular, são um trunfo na política externa portuguesa e na posição de Portugal no mundo.” - Há vários fatores que contribuem para isso, um deles é o facto de Portugal ter dezenas, se não quase duas centenas de comunidades espalhadas pelo mundo, - Sem dúvida um dos fatores, em muitos contextos, o mais importante são os açores e as Lajes.”	7.2 7.4 7.1
Ent 5		
Ent 6	- “Sim. Eu penso que é mesmo o mais importante trunfo que nos dispomos, - quer para com os norte-americanos, quer na comunidade internacional.” - Claro que a nossa posição em si, o continente, também é importante do ponto de vista estratégico, para uma potência marítima.”	7.1 7.2 7.5
Q8: A Base da Lajes é considerada uma base central e ou de rota para os EUA? Quais as razões?		
Ent 1	- “Eu vejo a Base das Lajes atualmente, essencialmente, como base de rota.” - “Uma base de apoio á projeção de força.”	7.1 7.2
Ent 2	“É uma base de rota sem dúvida.”	7.1
Ent 3	“A Base das Lajes, neste momento pode ser considerada uma base de rota”.	7.1
Ent 6	- “É uma base de rota, apesar de toda a conjuntura global, pode ser considerada - uma a base de primeira prioridade, para os EUA.”	7.1 7.3
Q9: Face à nova tipologia de conflitualidade, a Base das Lajes continuará a ter importância estratégica a médio e a longo prazo para os EUA?		
Ent 1	- “...obviamente que a base” - continuará a ter interesse.”	8.1 8.3
Ent 2	“Sim, é um ponto importante que eles podem contar no futuro, mas adormecido, comparado com o passado é uma pálida imagem.”	8.1 8.3
Ent 3	- Atualmente e num futuro próximo, a Base das Lajes numa situação de emergência ou de conflito, continua a ter importância.”	8.1 8.3
Ent 4	- A Base das Lajes tem crescente importância para uma serie de atores, para a UE, o Brasil e para China, os EUA são meramente um desses atores.	8.1 8.2
Ent 5	- “ Na medida em que o controlo do atlântico seja importante ela continuará - a manter a sua importância estratégica do ponto de vista estrutural a medio e a longo prazo.”	8.1 8.2
Ent 6	- “Eu acho que sim. - Embora tenha uma tendência a desvalorizar a sua atualização, entre outras, pela razão da evolução tecnológica.”	8.1 8.4

Apêndice F - Análise de conteúdo das entrevistas

Tabela nº 12 - Resultados da Q1

Q1: Considera que a Base das Lajes tem tido um papel importante no estacionamento e projeção de forças norte-americanas, nos conflitos pós Guerra-Fria? Como e em Quais?										
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Entrevistados						Total	Resultados (%)
			1	2	3	4	5	6		
Concordância		Afirmativa	X	X	X	X	X	X	6	100
		Negativa								
Contributos da Base das Lajes	Importância pós Guerra-fria	1.1 Operações logísticas	X		X	X			3	50
		1.2 Projeção de força	X			X			2	33
		1.3 Trânsito de aeronaves		X			X	X	3	50
	Conflitos pós Guerra-fria	1.4 Guerra do Golfo	X						1	17
		1.5 Guerra da Jugoslávia	X						1	17
		1.6 Guerra do Afeganistão		X	X	X	X	X	5	83
		1.7 Guerra do Iraque		X	X	X	X	X	5	83

Tabela nº 13 - Resultados da Q2

Q2: Considera que no Acordo de Cooperação e Defesa de 1995, assinado por Portugal e os EUA, a Base das Lajes foi o objetivo principal no acordo pelos EUA?										
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Entrevistados						Total	Resultados (%)
			1	2	3	4	5	6		
Acordo Cooperação e Defesa 1995	O papel da Base das Lajes	2.1 Base das Lajes foi o objeto central	X	X	X	X	X	X	6	100
		2.2 Definição distinta pelas Partes	X						1	17
		2.3 Período inadequado para assinatura				X			1	17

Tabela nº 14 - Resultados da Q3

Q3:A Base das Lajes foi o “palco” da Cimeira das Lajes de 2003. A sua posição geopolítica foi determinante na escolha do local?										
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Entrevistados						Total	Resultados (%)
			1	2	3	4	5	6		
Cimeira da Base das Lajes 2003	Escolha do Local	3.1 Interesse pela conjuntura politica	X			X	X		3	50
		3.2 A sua posição geográfica evitou, mediatismo e possíveis manifestações	X	X	X			X	4	67
		3.3 Baseada na tendência histórica		X	X				2	33
	Para Portugal	3.4 Uma mais-valia		X	X			X	3	50
		3.5 Uma menos-valia					X		1	17

Tabela nº 15 - Resultados da Q4

Q4:Considera que no período pós Guerra-fria a Base das Lajes continua a ter a mesma importância estratégica que teve durante toda a Guerra-fria?										
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Entrevistados						Total	Resultados (%)
			1	2	3	4	5	6		
Guerra-fria e Pós Guerra-fria	A sua importância	4.1 Pós Guerra-fria perde significado	X	X	X	X	X	X	6	100
		4.2 Mas, continua a ter importância	X	X	X		X	X	5	83
	O seu valor permanece em função:	4.3 Interesse doutras potências na Base	X					X	2	33
		4.4 Evolução tecnológica			X			X	2	33
		4.5 Conjuntura politica				X	X	X	3	50

Tabela nº 16 - Resultados da Q5

Q5:Resultante da Base das Lajes nas relações Portugal – EUA, a Defesa Nacional portuguesa retirou benefícios materiais da mesma, após a assinatura do Acordo de Cooperação e Defesa de 1995? Como?										
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Entrevistados						Total	Resultados (%)
			1	2	3	4	5	6		
Benefícios para Portugal com as Lajes	Grau de Concorrência	5.1 Sim, Portugal retirou benefícios		X	X		X	X	4	67
		5.2 Portugal não retirou benefícios	X			X			2	33
	Benefícios	5.3 Equipamento e material militar	X	X		X	X		4	67
		5.4 Formação militar e civil	X	X	X				3	50
		5.5 Fortalecimento na relação bilateral					X	X	2	33
		5.6 Projetos de ordem económica			X				1	17

Tabela nº 17 - Resultados da Q6

Q6: Com a presença militar dos EUA na Base das Lajes, considera uma mais-valia significativa para a economia açoriana?										
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Entrevistados						Total	Resultados (%)
			1	2	3	4	5	6		
O impacto económico da região	Concordância	6.1 Sim, é uma mais-valia na economia	X	X	X	X	X	X	6	100
	Fatores influenciadores	6.2 A pequena dimensão da economia			X	X	X		3	50
		6.3 A dependência e a ausência de alternativas pelas entidades locais	X	X	X	X			4	67

Tabela nº 18 - Resultados da Q7

Q7: Concorda que a Base das Lajes é um “trunfo” para Portugal para um diálogo privilegiado com os EUA e tem permitido uma maior visibilidade no sistema internacional?										
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Entrevistados						Total	Resultados (%)
			1	2	3	4	5	6		
A Base das Lajes na relação bilateral	Concordância	7.1 Sim, é um trunfo no diálogo	X		X	X		X	4	67
		7.2 Sim, permite uma maior visibilidade internacional	X		X	X		X	4	67
		7.3 Não favorece a relação		X					1	17
	Outros	7.4 As diásporas				X			1	17
		7.5 A posição estratégica do continente						X		17

Tabela nº 19 - Resultados da Q8

Q8: A Base da Lajes é considerada uma base central e ou de rota para os EUA? Quais as razões?										
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Entrevistados						Total	Resultados (%)
			1	2	3	4	5	6		
Utilidade da Base das Lajes		7.1 Base de Rota	X	X	X			X	4	67
		7.2 Base de apoio à projeção	X						1	17
		7.3 Base de primeira prioridade						X	1	17

Tabela nº 20 - Resultados da Q9

Q9: Face à nova tipologia de conflitualidade, a Base das Lajes continuará a ter importância estratégica a médio e a longo prazo para os EUA?										
Categorias	Subcategorias	Unidades de Registo	Entrevistados						Total	Resultados (%)
			1	2	3	4	5	6		
Importância Base das Lajes no futuro	Nova tipologia de conflitualidade	8.1 Concordância	X	X	X	X	X	X		100
		8.2 Tende aumentar a importância				X				17
		8.3 Tende a manter-se	X	X	X		X			67
		8.4 Tende a diminuir						X		17

Anexos

Anexo A - As etapas do procedimento científico

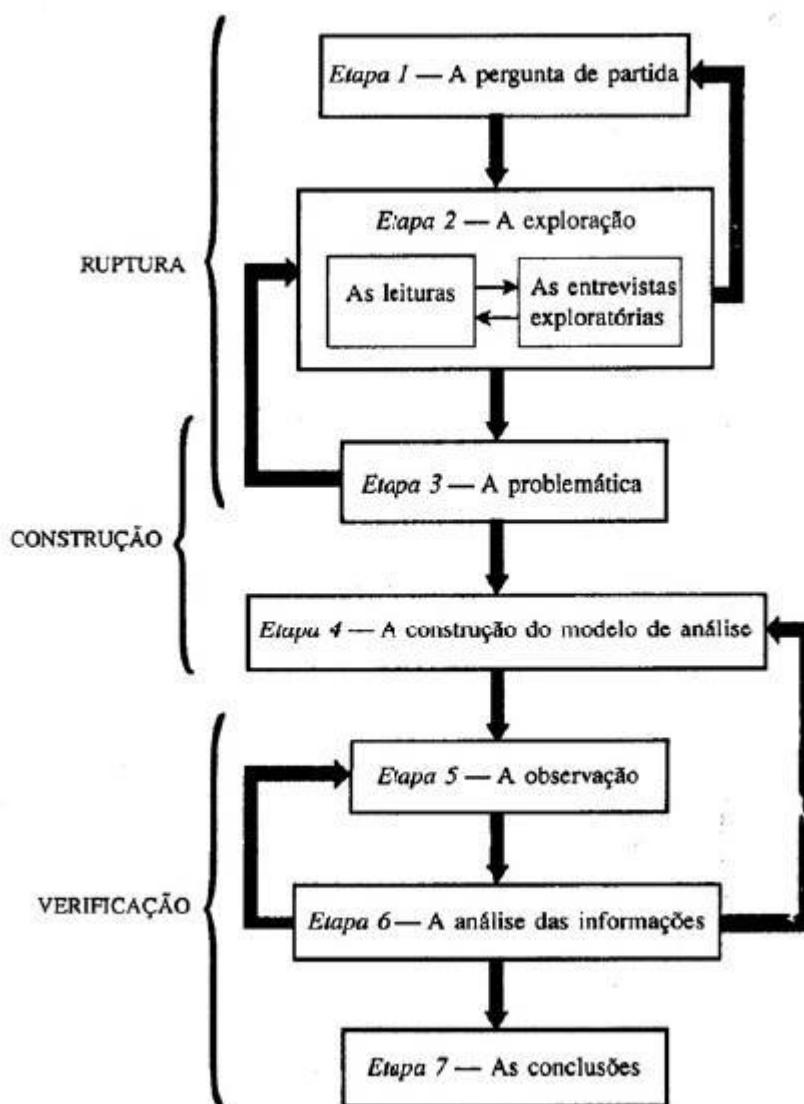


Figura nº 12 - Esquema das etapas do procedimento científico

Fonte: (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.27)

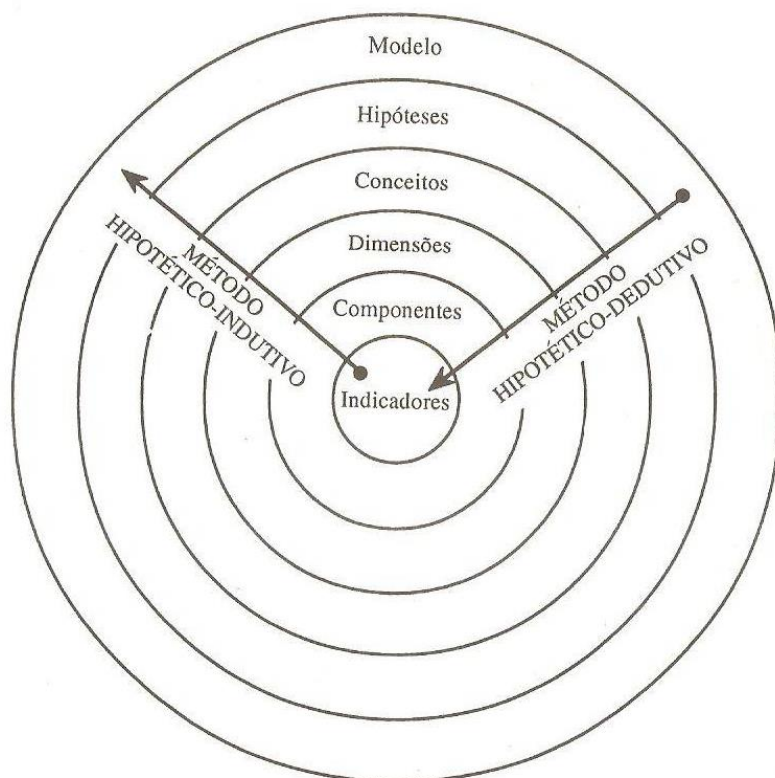
Anexo B - Fatores geopolíticos/geoestratégicos

Tabela n° 21 - Fatores geopolíticos/geoestratégicos

Fonte: (IAEM, 1993, p.18)

<p>FACTOR FÍSICO (Território)</p>	<p>Extensão (Dimensões e superfície) Localização (Posição relativa) Configuração (Forma e fronteiras) Morfologia (Relevo e hidrografia) Solo (Natureza geológica) Vegetação (revestimento vegetal) Clima Mar e vias navegáveis Meio aeroespacial Alterações resultantes da acção do homem</p>
<p>FACTOR HUMANO (População)</p>	<p>Demografia Efectivos populacionais Distribuição e densidade populacional Taxa de crescimento da população Composição ou estrutura populacional Etnografia Qualidade e nível de vida Raça, religião, etnias, língua, educação, família, nível científico, etc</p>
<p>FACTOR RECURSOS NATURAIS</p>	<p>Energéticos Minerais Alimentares</p>
<p>FACTOR CIRCULAÇÃO</p>	<p>Comunicações de transporte Comunicações de relação</p>
<p>FACTOR TECNOLÓGICO</p>	
<p>FACTOR ESTRUTURAS</p>	<p>Políticas Sociais Económicas Militares Outras</p>

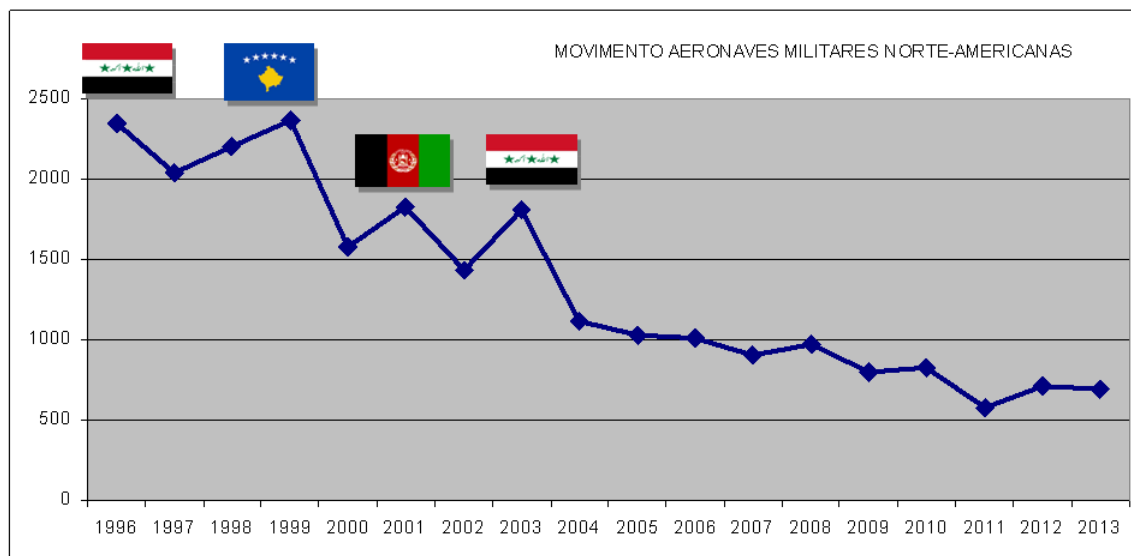
Anexo C - Métodos de abordagem da investigação científica



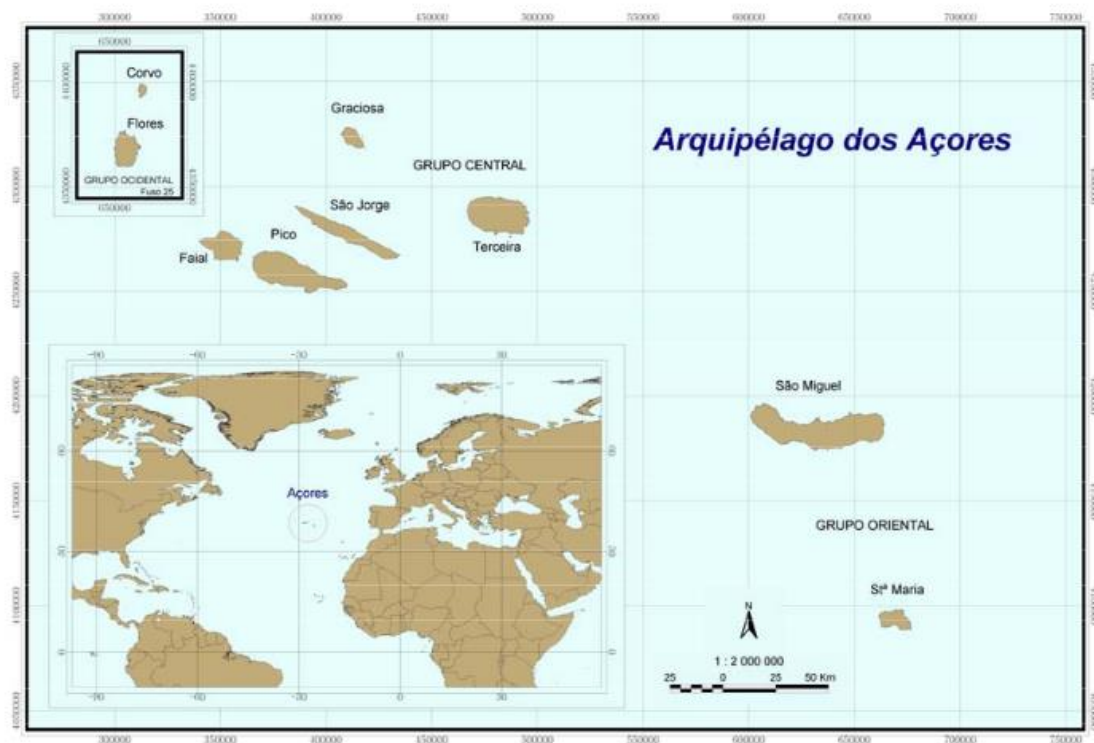
Método hipotético-indutivo	Método hipotético-dedutivo
<p>A construção parte da observação.</p> <p>O indicador é de natureza empírica.</p> <p>A partir dele constroem-se novos conceitos, novas hipóteses e, conseqüentemente, o modelo que será submetido ao teste dos factos.</p>	<p>A construção parte de um postulado ou conceito postulado como modelo de interpretação do fenómeno estudado.</p> <p>Este modelo gera, através de um trabalho lógico, hipóteses, conceitos e indicadores para os quais se terão de procurar correspondentes no real.</p>

Figura nº 13 - Esquema dos métodos hipotético-indutivo e dedutivo

Fonte: (Quivy & Campenhoudt, 2008, pp. 144-145)

Anexo D - Movimento de aeronaves militares norte-americanas**Figura nº 14 - Movimento das aeronaves militares norte-americanas na Base das Lajes**

Fonte: (Ruivo ,2014)

Anexo E - Mapa do Arquipélago dos Açores**Figura nº 15 - Mapa do Arquipélago dos Açores**

Fonte: (CIA,2014)

Anexo F- Aeronave Merlin EH-101 da Esquadra 751 “Pumas”



Especificações				
Comprimento	Altura	Diâmetro	Envergadura	<u>Velocidade Máxima</u>
19,30 m	6,61 m	18,60 m	18,60 m	277 Km/h
Velocidade Cruzeiro	Velocidade Reboque	Potência	Alcance Máx.	Autonomia Máx.
240 Km/h	7 Km/h	5100 HP	740 Km	08H30
Peso vazio	Peso Máx. Take-off	Peso Máx. Carga	Raio Acção	Tecto Máx.
9.600 kg	15.600 Kg	4.535 Kg	740 Km	15.000 ft
Tecto Serviço	Passageiros	Infantaria	Macas	Tripulação
10.000 ft	30	35	16	3 a 5
Combustível				
4.160 L				

Figura nº 16 - Imagem e especificações da aeronave Merlin EH-101

Fonte: (FAP, 2014b)

Anexo G - Aeronave C-295M da Esquadra 502 “Elefantes”



Especificações				
Comprimento	Altura	Envergadura	<u>Velocidade Máxima</u>	Velocidade Mínima
24,45 m	8,66 m	25,81 m	470 Km/h	175 Km/h
Velocidade Cruzeiro	Velocidade Manobra	Potência	Alcance Máx.	Autonomia Máx.
410 Km/h	350 Km/h	2x 2.645 HP	3.900 km	10 horas
Distância Descolagem	Distância Aterragem	Peso vazio	Peso Máx. Take-off	Peso Máx. Carga
670 m	320 m	13.000 Kg	23.200 Kg	9.250 Kg
Raio Acção	Tecto Máx.	Tecto Serviço	Passageiros	Infantaria
4.500 km	9.900 m	7.600 m	70	68
Paraquedistas	Macas	Tripulação	Combustível	
66 / 45 totalmente equipados	24	2 + 2	7700 L	

Figura nº 17 - Imagem e especificações da aeronave C-295M

Fonte: (FAP, 2014c)

Anexo H - Organização do 65th Air Base Wing

CURRENT UNITS ASSIGNED

65th Air Base Wing (USAFE)

65th Comptroller Squadron

65th Operations Support Squadron

65th Mission Support Group

65th Civil Engineer Squadron

65th Communications Squadron

65th Contracting Squadron

65th Logistics Readiness Squadron

65th Force Support Squadron

65th Security Forces Squadron

65th Medical Group

65th Medical Operations Squadron

65th Medical Support Squadron

Tenant Units and Associate Units

729th Air Mobility Support Squadron (Air Mobility Command)

Azores Det., Military Traffic Management Command (US Army)

Detachment 6, Air Force News Agency

Detachment 250, Air Force Office of Special Investigation

Army and Air Force Exchange Services (AAFES)

Defense Commissary Agency (DECA)

Defense Reutilization and Marketing Office (DRMO)

Department of Defense Dependent School (DoDDS)

Figura nº 18 - Organização do 65th Air Base Wing

Fonte: (Lajes Field, 2014)

Anexo I - Investimento dos EUA nas Lajes em instalações de apoio em 1993

Air Force: Extension of 1993 Project Authorizations			
State	Installation or Location	Project	Amount
Arkansas	Little Rock Air Force Base.	Fire Training Facility.	\$710,000
District of Columbia ...	Bolling Air Force Base.	Civil Engineer Complex.	\$9,400,000
Mississippi	Keesler Air Force Base.	Alter Student Dormitory.	\$3,100,000
North Carolina	Pope Air Force Base ..	Construct Bridge Road and Utilities.	\$4,000,000
	Pope Air Force Base ..	Munitions Storage Complex.	\$4,300,000
Virginia	Langley Air Force Base.	Base Engineer Complex.	\$5,300,000
Guam	Andersen Air Base	Landfill	\$10,000,000
Portugal	Lajes Field	Water Wells	\$865,000
	Lajes Field	Fire Training Facility.	\$950,000

Figura nº 19 - Investimento dos EUA nas Lajes em instalações de apoio em 1993

Fonte: (Congress, 1996a)

Anexo J - Investimento dos EUA no IMET com Portugal

PORTUGAL

Type of Activity	FY 2000 Actual		FY 2001 Planned	
	Number of Students Trained	Dollar Value	Number of Projected Students	Dollar Value
ACSS	3	\$14,422	4	\$20,376
Exchanges	2	\$20	0	\$0
FMS	43	\$60,014	0	\$0
IMET	12	\$656,000	14	\$750,000
Marshall Center	5	\$16,585	18	\$172,800
Non-Security Assistance, Unified Command Engagement Activities	40	\$47,795	0	\$0
TOTAL	105	\$794,836	36	\$943,176

Figura nº 20 - Investimento dos EUA no IMET com Portugal

Fonte: (US Department of State, 2001)

Anexo K - PIB dos Açores por ilha

PIB por Ilha												
unidade: 1000 contos					unidade: 1000 euros							
	1980		1983		2006		2007		2008		2009	
Açores	22 696	100,0%	40 026	100,0%	3 390 280	100,0%	3 548 813	100,0%	3 688 899	100,0%	3 650 408	100,0%
Santa Maria	476	2,1%	858	2,1%	93 597	2,8%	98 634	2,8%	101 972	2,8%	98 246	2,7%
São Miguel	12 617	55,6%	22 033	55,0%	1 919 779	56,6%	1 987 161	56,0%	2 152 339	58,3%	2 110 569	57,8%
Terceira	5 483	24,2%	9 190	23,0%	748 603	22,1%	803 478	22,6%	789 078	21,4%	799 231	21,9%
Graciosa	245	1,1%	565	1,4%	42 503	1,3%	42 406	1,2%	46 727	1,3%	44 829	1,2%
São Jorge	774	3,4%	1 458	3,6%	92 798	2,7%	103 654	2,9%	108 476	2,9%	100 524	2,8%
Pico	1 148	5,0%	2 268	5,7%	197 941	5,8%	196 022	5,5%	183 872	5,0%	196 569	5,4%
Faial	1 632	7,2%	3 020	7,5%	247 566	7,3%	269 966	7,6%	261 633	7,1%	250 955	6,9%
Flores	308	1,4%	555	1,4%	42 060	1,2%	43 124	1,2%	40 930	1,1%	44 459	1,2%
Corvo	16	0,1%	78	0,2%	5 483	0,2%	4 379	0,1%	3 814	0,1%	5 027	0,1%

Figura nº 21 - PIB dos Açores por ilha

Fonte: (Serviço Regional de Estatística dos Açores, 2014)

Anexo L - Bases dos EUA fora do seu território em 1994

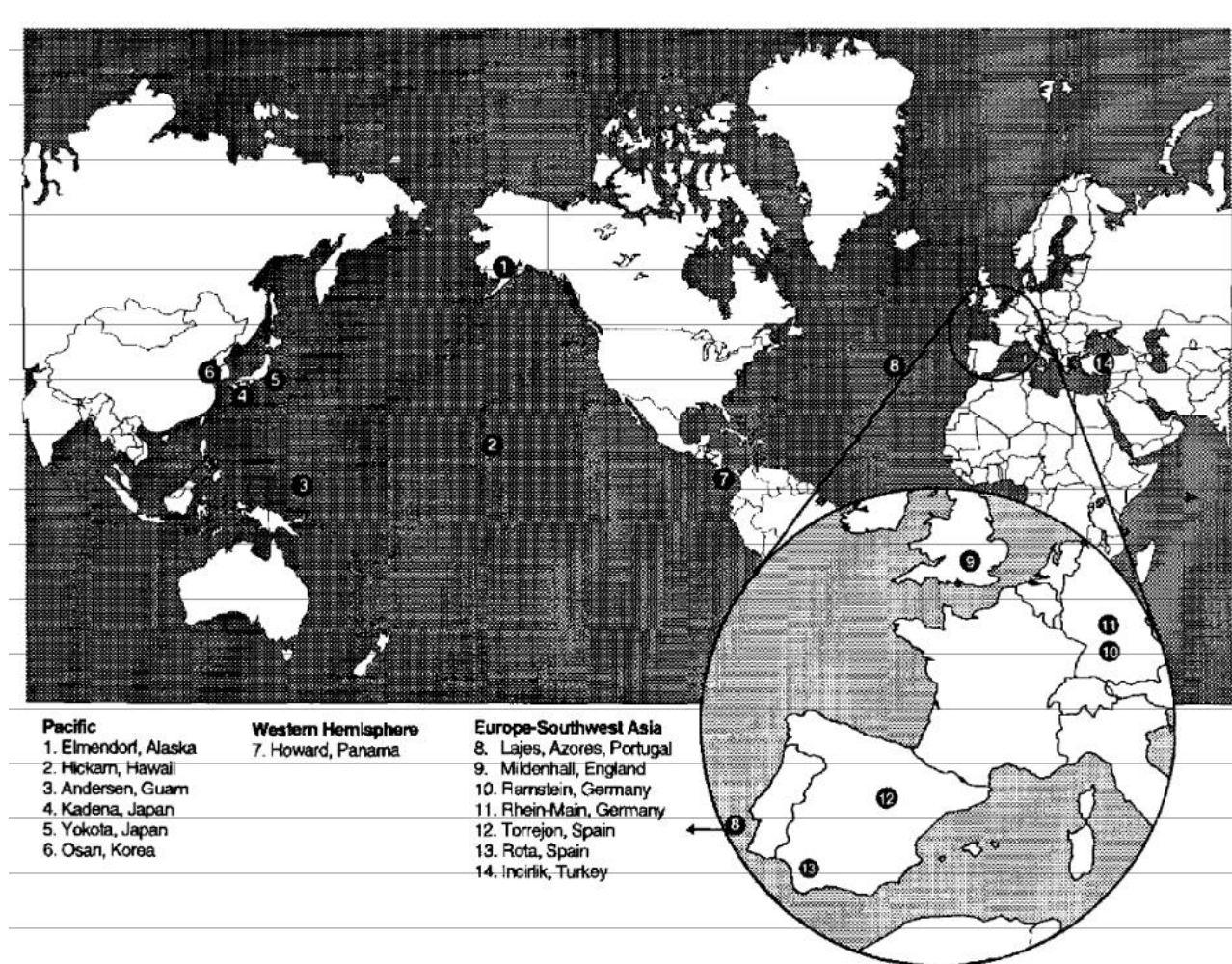


Figura nº 22 - Bases dos EUA fora do seu território em 1994

Fonte: (GAO, 1994, p.2)

Anexo M - Rotas marítimas para o teatro de operações do Kuwait

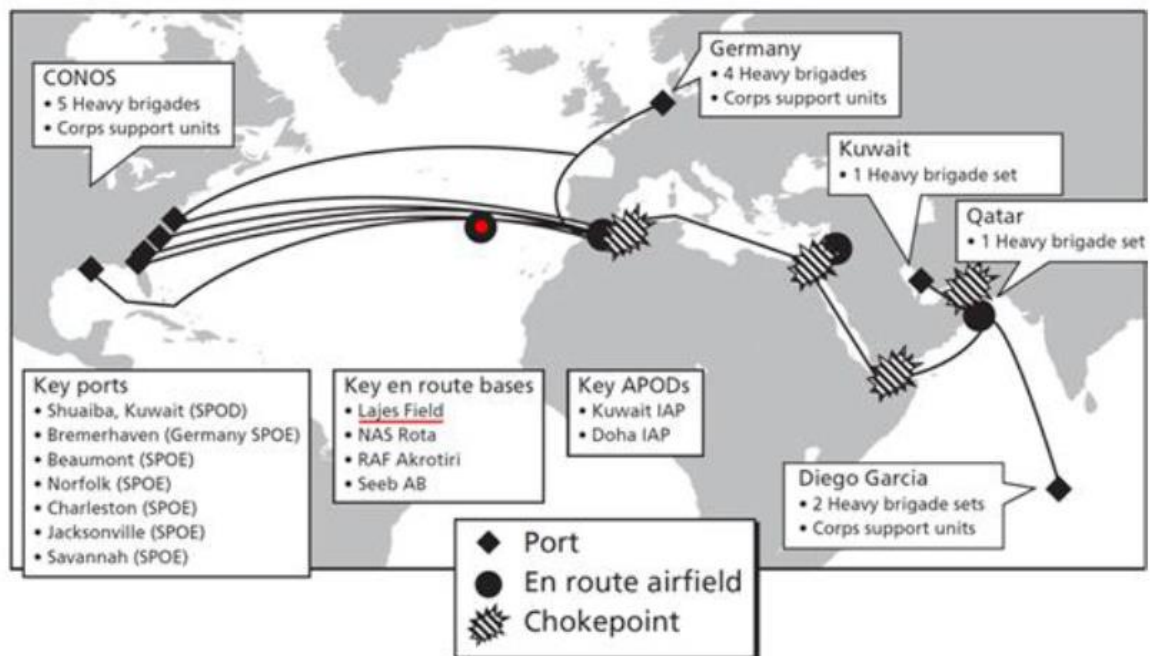


Figura nº 23 - Rotas Marítimas para o teatro de operações do Kuwait

Fonte: (RAND Corporation, 2004)

Anexo N - Proposta portuguesa do alargamento da plataforma continental

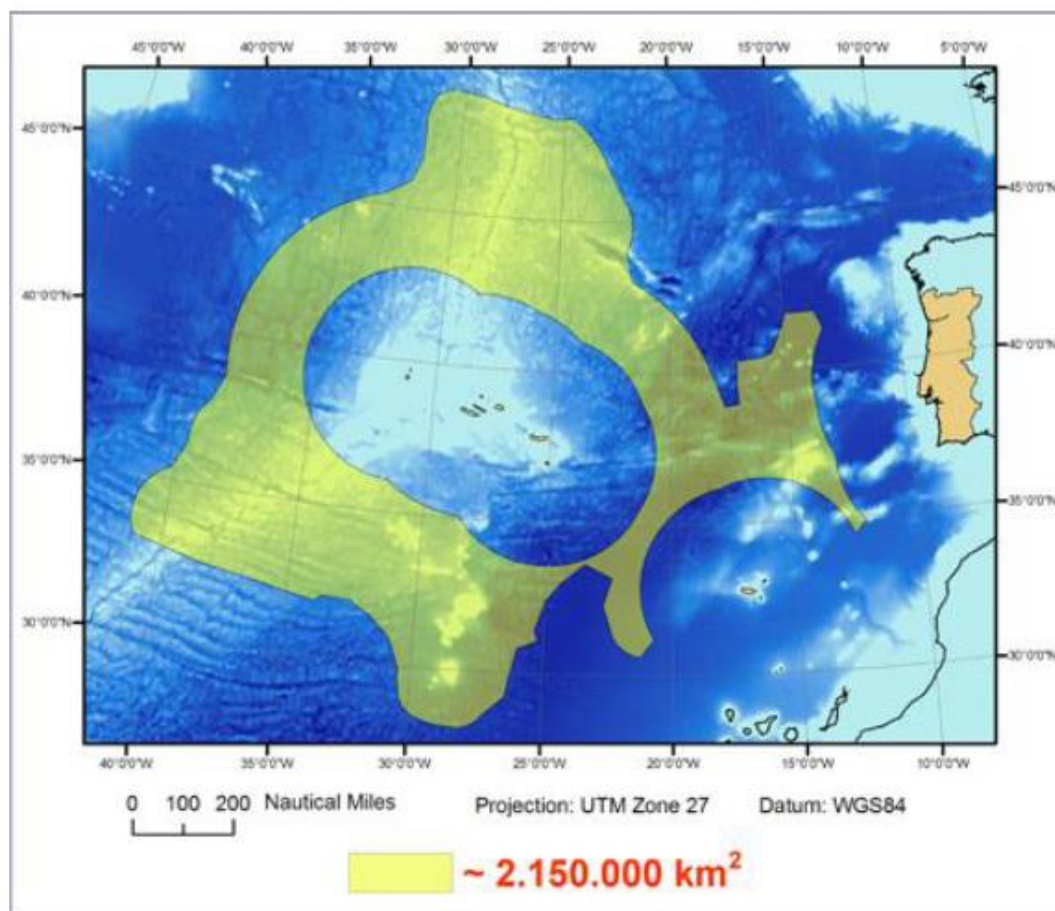


Figura nº 24 - Proposta portuguesa do alargamento da plataforma continental

Fonte: (Estrutura de missão para os assuntos do mar, 2009)

Anexo O - Espectro da guerra

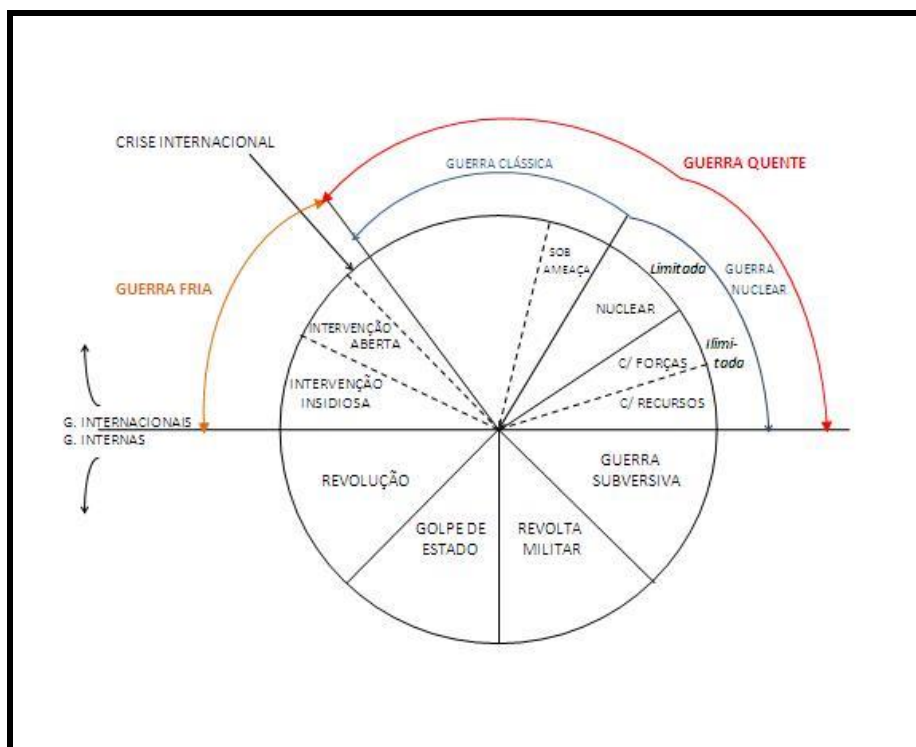


Figura nº 25 - Espectro da guerra

Fonte: (Couto, 1998, p.152)